Sala
Gab.
Est. O.S.
Tab.
N.º 420

420

Bernardino Machado

A Universidade de Coimbra

Segunda edição

Typographia França Amado,
Coimbra.

2
13
1539

A UNIVERSIDADE

DE COIMBRA

BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE
COMPRA
COIMBRA

Composto e impresso na Typographia França Amado
Coimbra.

BERNARDINO MACHADO

A UNIVERSIDADE DE COIMBRA

SEGUNDA EDIÇÃO

LISBOA

EDITOR-PROPRIETARIO, BERNARDINO MACHADO

1908

Á

MOCIDADE ACADEMICA

O marquês de Pombal *

(AO SR. D. ANTONIO DA COSTA)

MEUS SENHORES!

O Instituto efectua hoje a conferencia com que se propoz celebrar o centenario do benemerito reformador da Universidade, marquês de Pombal, o sabio ministro de D. José, que, á força da autoridade absoluta do seu rei, fez brotar do país sôbre a implantação de numerosas inovações e melhoramentos uma abundante fonte de saber, a qual para futuro levasse per si só o movimento ás grandes e pequenas rodagens do complexo machinismo social que elle andava montando com braço formidavel.

Chamei-lhe reformador da Universidade; a mim sobretudo, que pertenço á Faculdade de filosofia, cumpre-me dizer creador.

* Discurso comemorativo, 1882.

Por isso entendi que da minha parte rendia melhor o preito que, na qualidade de português e professor, me impunha a recordação centenaria do grande marquês, consagrando ao seu imortal espirito uma demonstração do meu interesse pelo mesmo estabelecimento scientifico a que elle dera vida.

Acho-me entre consocios, com cuja benevolencia conto; confesso porém, senhores, que me sinto temeroso de acordar com a minha voz a solene resonancia historica desta reunião.

Meus senhores! A tese de Wallace parece suficientemente demonstrada: a nossa evolução é cerebral.

A natureza na sua incessante perfectibilidade formou o homem. Desde então todo o seu cuidado é apertar cada vez mais as circumvoluções dessa espiral que lançou em torno da verdade, do bello e do bem.

Descobrir a verdade para a amar e para a praticar, eis o supremo destino da natureza, eis o destino do homem!

Some-se toda a complexidade duma civilização — religião, filosofia, misteres, instituições — e ha de encontrar-se, apurado tudo, que ella se compõe de tres elementos, sciencia ou verdade logica, arte ou verdade afectiva, industria ou verdade util. Total, a verdade.

Para ella têem corrido em ondas, por vezes alterosas e até ensanguentadas, as gerações umas após outras; debaixo da sua fascinação andamos nós labutando, e é que não temos socego, nós os povos hodiernos.

Foi quem, sôbre os escombros do terremoto de Lisboa, armou cavaleiro Sebastião José de Carvalho e Mello, naquelle seculo dezoito, que sentiu a meio de si desencadear-se, com o arrebatamento dos genios de D'Alembert e Diderot, o furacão da Enciclopedia.

E são suas as chispas gloriosas que aureolam os ferrenhos trabalhadores do nosso tempo; um Darwin, por exemplo. Se lidou esse! Lidou constantemente; e assim, alento a alento, tirou de si a obra assombrosa da teoria das transformações organicas, ou, como para lhe perpetuar o nome melhor se diz, o darwinismo. Tirou-o

de si, a poder de engenho, e com a paciencia com que o oceano — explicou elle — floreja á superficie os colossaes recifes coralinos feitos de animalculos quasi invisiveis. Para sempre seja bemdita a tua memoria, adoravel sabio!

Todo o ruido que o homem faz, é, afinal, a edificação da verdade.

É com o que guarnece a sua casa e o seu país, porque ella tem por si as forças todas da ordem do mundo, desde a atracção newtoniana até a solidariedade das consciencias. Mais ainda; é só ella quem na desordem governa, a tempestade com Maury, a guerra com os Moltkes.

Por exprimir a arte da guerra, por ser a escola onde Pombal foi buscar o conde de Lippe, é que a Prussia, estado facticio — sem forças naturaes do interior por lhe faltar uma determinação ethnologica, sem forças naturaes no exterior, isto é, sem determinação geographica — apenas disciplina e tactica, pelejou vitoriosamente a campanha dos sete annos, comandada pelo rei filosofo, o grande Frederico, a quem só Voltaire meteu medo. Mas Voltaire foi o maior estrategico do seculo, e empu-

nhava não a verdade da desordem, mas a verdade eterna.

Foi essa mesma a que nós tambem já brandímos; ao seu clarão, dobrámos o cabo tormentoso e sulcámos mares nunca dantes navegados, no tempo em que eramos de força para rasgar os áditos duma nova edade.

Meus senhores! Como Proudhon formulou, o clima faz a raça, a raça as idéas, mas só a comunhão destas merece chamar-se nacionalidade. A nação é uma alma! exclamava outro dia na Sorbonne o sr. Rénan..

Ter as paixões e os arranques do mesmo pensamento, sofrer a sua obsessão com todos os desvarios até, por elle ousar temerarias viagens e bater-se na Africa e na Asia, sacrificar-lhe tudo, D. Fernando em Tanger e a propria existencia em Alcacer-Kibir, arvorá-lo, um momento que fôsse! triunfante nas terras e nos mares, cantá-lo com Camões: assim se conquista o direito de nação, foi como o conquistámos.

A nacionalidade é uma floração que tem as suas raizes no pensamento.

Admiremos os feitos dum Gama, dum Albuquerque, mas primeiro ajoelhemos aos pés do altar que tanto antes o infante D. Henrique levantara á sciencia no Promontorio Sagrado.

Rendamos primeiramente o culto professado pelo marquês de Pombal no preambulo da carta de lei que diz: « ... Faço saber a todos que esta Carta virem, que havendo Eu considerado que da boa, e regular instrucçaõ da Mocidade he sempre taõ dependente o bem Espiritual, e a felicidade temporal dos Estados; para a propagação da Fé, e augmento da Igreja Catholica; e para o serviço dos Soberanos, e utilidade publica dos Povos, que vivem debaixo do seu Governo; como nestes Reinos testificáraõ os Gloriosos, e fecundos progressos, com que por effeito dos Estudos, e da Companhia, que o memoravel Infante Dom Henrique estabeleceo, e fundou na villa de Sagres, e na cidade de Lagos, para a Astronomia, Geografia, Navegação, e Commercio maritimo, se formáraõ os muitos Sabios, e famosos Varões, que, depois de haverem dilatado com os seus illustres feitos os Dominios desta Coroa na Africa

Occidental, os achou o Reinado do Senhor Rei Dom Manuel taõ graduados e taõ experimentados; naõ só naquellas utilissimas discíplinas; mas tambem na mais sã, e mais sólida Politica Christã, com que em poucos annos por mares até entaõ desconhecidos descubriraõ, e Conquistáraõ duas taõ grandes porções da Asia, e da America... »

Quanto póde a inteligencia, senhores! Nós só um ideal tivemos, elle a principio nem passava duma chimera, e imortalizou-nos o nome.

Mas, por muito que uma concepção propria nobilite um povo, não póde garantir-lhe a nacionalidade senão pelo tempo que dure a sua acção; concluida esta, ha de outra concepção suceder-lhe, tambem nacionalizadora. Para manter os laços nacionaes, a tradição não basta; as gentes que não sabem que fazer pelos progressos da humanidade, tornam-se passivas das nações dignas deste nome, e tanto se aviltam e esfacelam, que tudo nellas vem a destecer-se, até a religião dos seus maiores.

Nós, depois das nossas conquistas, ficámos sem acôrdo.

Nem surprehende. Só por ellas nos enlevaramos, sómente para ellas nos haviamos aparelhado em incessantes viagens e combates: entrámos na sua posse com o impeto dum antigo desejo, asperrimo, irracionavel. Foi um delirio que veiu a ser uma prostração; desatinados, obliterado o mesmo sentido das passadas proezas, no paroxismo, arrancámo-nos para a jornada d'Africa e lá sucumbimos.

Entretanto do choque do nosso corpo social sôbre o imenso imperio avassallado fusilou uma faisca eterna, os *Lusiadas*. E' o poema das glorias patrias, mas é tambem o monumento da nossa miseria. Mostra-nos o que um homem de genio pôde para a arte, em contraste do que para o seu futuro e para o mundo despendiçou uma nação enervada pelo proprio triunfo, a nação ainda do cosmografo Pedro Nunes.

Por falta de pensamento que nos norteasse, até a independencia tivemos perdida.

E comtudo estiveram deante de nós regiões e sociedades tão apartadas, que nada, parece, seria mais adequado para dilatarmos tambem os dominios do espirito: acrescen-

tarmos a sciencia da natureza com descobertas maiores que as de nenhum viajante, ainda que houvesse de chamar-se Alexandre de Humboldt, porque eram as descobertas de todo um povo viajante, e portanto desenvolvermos a nossa produção, adquirindo mais materias primas, adquirindo e inventando novos processos; adeantarmos a sciencia dos costumes, fazermo-nos portanto nós mais humanos e melhores os outros; emfim desferirmos pujantemente o nosso estro artistico. Vibraria a alma portuguêsa nos arroubos dum novo e mais alto ideal!

Em vez dessa exploração progressista, foi bem outra a que exercémos quasi sempre, barbara, esterilizadora. Desbaratámos tudo, e em consequencia as nossas virtudes tambem. Uma fatalidade!

E nós, que ultrapassaramos ovantes as antigas barreiras do mundo, chegámos a ter medo delle, á sua força dominadora, a mesma com que vararamos em remotissimas paragens, e lançámos para fóra do reino uma população laboriosa que encerrava os germens donde havia de saír um Spinosa e já nos nossos dias um Disraeli! E nós, que descerraramos as caligens do misterioso

mar, nós que afrontaramos o Adamastor, acabámos por ter medo a fantasmas, e, entrevecidos, supersticiosos, fomo-nos escondendo todos debaixo da roupeta do jesuita, nós antigos cavaleiros e homens de armas!

Ainda lá nos veiu encontrar o marquês de Pombal.

O marquês de Pombal, meus senhores, sabia de cór a historia da nossa prosperidade e grandeza, da nossa decadencia e ruina; sabia que só pela sciencia nos tinhamos enaltecido, e que tombaramos de chofre, mal se nos consumiu a razão inflamada pelas irradiações do oiro e pedrarias. O seu programa foi portanto este: arrancar do país a inextricavel vegetação parasitaria que o sugava, a ignorancia; e, depois delle bem revolvido, semeá-lo de saber.

A ignorancia tinha um sacerdote, um paladino, um consocio, o jesuita: expulsou-o. Era a ignorancia fanatica: quebrou-lhe as armas na Inquisição, e impossibilitou-lhe as victimas, os christãos novos. Era deshumana: aboliu a escravatura na metropole e

emancipou os indios no Brazil. Era imoral: cominou severamente os concubinatos publicos. Era arrogante, odienta, cruel: abafou no cadafalso a conspiração dos nobres. Era vã, perdularia: mandou arrazar os vinhedos dos campos do Tejo, Mondego e Vouga, e denunciou o tratado de Methwen. Era a ignorancia doutorada: demoliu o velho ensino. Em suma, atacou-a a todos os lados e subjugou-a sempre!

Foi a sua obra de destruição, que elle cumpriu indefessamente, com o ciume do seu amor pela vida colectiva da nação, um ciume violento, e que elle cumpriu por isso inexoravelmente, com desprêzo até das vidas individuaes, que, na verdade, se haveriam tornado muito despreziveis, se tal sentimento fôsse legitimo.

E, ao passo que se saía victorioso desta luta atletica, os seus olhos demandavam o futuro. Anciava-o o futuro, a felicidade dos vindoiros.

A velha sociedade, senhores, estava constituida em tres ordens, e estas divisões impunham grandes linhas a quem tentasse

a sua reformação. Escusado será acréscentar que ellas entraram no plano do marquês de Pombal. Para trabalhar para todo o país, elle trabalhou pelo clero, pela nobreza e pelo povo.

Serviu o clero, que, por sinal, o remunerou bizarramente.

Quasi nunca se faz justiça ao clero. Esquece-se demasiadas vezes que, se a Egreja teve de pôr fatalmente os interesses da classe em conflito com os supremos interesses da humanidade, ella — depositaria da religião, essa sciencia primitiva, tão maravilhosa que se afigurou sobrenatural e por isso investiu os seus sacerdotes num resplendor do ceu — se pretendia a obscuridade do mundo para ella só rebrilhar nas trevas, e romanizava-se e desnaturava o jesuita, como o progresso é a lei de continuidade de tudo quanto existe, e não ha forças que o empeçam, ella necessitava á sua parte de se alumiar cada vez mais por esforços de meditação, e de manifestar em publico as suas luzes para conservar o prestigio que adira da sabedoria primitiva; e, como tal, a Egreja serviu grandemente o progresso.

Querem num só homem o exemplo desta duplicidade de acção? Têem Urbano VIII, amigo de Galileu, o papa que em cardeal lhe dedicou versos; Urbano VIII, inimigo de Galileu, o papa por meio de quem os jesuitas o encarceraram no Santo Oficio.

Havia porém, sido expulsa a Companhia. A Egreja que ficara, não era já romana, não renegava da sua patria temporal; era a mesma que com o bispo D. Paterno aqui em Coimbra assentara desde o seculo XI os fundamentos ao ensino colectivo, a mesma que aliara o prior de Santa Cruz de Coimbra e o abade de Alcobaça a el-rei D. Diniz para a fundação da Universidade; era, pois, a Egreja do progresso, não do obscurantismo. Basta dizer que a compunham letrados tão conspicuos com o grande Cenaculo. Ella foi o briosissimo colaborador do marquês de Pombal.

Com ella, que na maioria se recrutava do povo e ia sagrar essa origem num estado mais nobre do que a primeira nobreza, procurou Pombal dirigir para as fecundas competencias civilizadoras nobreza e povo.

O problema traduzia-se na equação: fazer com que ninguem deixasse de trabalhar e

com que o trabalho de cada um rendesse. E tinha uma unica raiz racional: instruir.

Nesse proposito creou o marquês um ensino especial no Colégio dos Nobres, e o ensino geral, definitivo esse, com aulas especulativas e profissionaes, menores e maiores, para o lavrador, para o artifice, para o negociante e para os membros de todas as profissões liberaes. Creou escolas para o país inteiro, e meteu-o na escola.

O Colégio dos Nobres foi para o tempo um instituto modelo, e não devemos julgá-lo fóra do seu tempo. Era privilegiado, sem dúvida, mas na sua trama havia uns ares de estabelecimento profissional; e, depois, não fazia mais do que reconhecer o privilegio legal e necessario então existente, não vinha reanimá-lo, tanto que, mal a influencia dos estudos publicos tocou a alma portuguêsa, logo o Colégio dos Nobres começou de ser resorvido.

Estava aprestada a instrução da aristocracia hereditaria.

Mas onde o estadista se sublimou para os nossos respeitos e gratidão, foi nos desvélos com que todo se deu á instrução que era para o povo e de futuro seria para

o país inteiro. E é essa a maior obra do seu genio.

Por ella sobretudo bem mereceu a corôa civica com que a posteridade ainda um seculo depois lhe galardôa o eminente prestimo.

Como havia, senhores, de ter ordem e praticar a lealdade o nosso comercio, como então aproveitar a si e ás industrias que lhe incumbia servir, se estava falido dos simples conhecimentos requeridos para arrumar as suas transacções? Em vista do que, o marquês de Pombal não só o fez condensar as suas forças em companhias a que ainda não chegara o momento historico de espontaneamente se formarem; mas poz ao lado do seu ajuntamento a aula de comercio, e tornou obrigatorios os alunos della para todas as grandes administrações, inclusivamente o Estado.

As industrias tinham morrido ou definhavam, sem mercado, sem technica. Elle protegeu-as, restabeleceu-as, naturalizou-as, levando até o puro capricho da moda a vestir-se de briche; e principalmente as impulsou, abrindo dentro das mesmas fabricas oficinas de aprendizagem.

A agricultura desnorteara-se; nós falsificavamos o vinho, e, com todas as nossas minas, esmolávamos o pão. Então elle sobrepoz-nos a tutéla que delegou para o norte na companhia do Alto Douro; e, porque o mal vinha do atrazo intelectual dos lavradores — como poderiam lá rastrear as sãs praticas agricolas, se andavam numa rotina escura, sem entender ao menos o alfabeto das letras e dos algarismos? — por isso o marquês de Pombal lançou por cima delles a luminosa rede de escolas régias que estendeu desde a metropole até aos indigenas americanos.

Só no reino elle mandou colocar 502 cadeiras de primeiras letras, 502 mêsas, portanto, junto ás quaes muita gente lograria ir receber o pão eucaristico do espirito.

Exprimo-me assim, senhores, porque são as primeiras letras que dão ao homem a faculdade de conviver com os que falaram ou escreveram memoravelmente a sua lingua, os representantes da *alma mater* da patria, aquelles que, entre muitos outros conselhos valiosos, lhe persuadem o culto do civismo; são ellas a unica consolação

na saudade pelo parente ou amigo distante; e, com ellas, não ha pobre que não possa amealhar no patrimonio comum uma observação nova ou uma acção original, uma virtude das coisas ou um heroismo seu. Que quasi sempre essas migalhas, brilhantes que só na alma humana cristalizam, vão enterrar-se na valla rasa dos seus ignorados donos; e até das mãos consagradas a puros lavores intelectuaes, até dentro do templo da sciencia, ellas caem ás vezes para se sumir no limbo das noticias diversas, onde acabo de ver referida a morte do estudante de medicina, Leão Thillet, sacrificado em París na operação do crup a uma creancinha *.

A instrução primaria afervora o amor da patria; mas a secundaria, como se estendia no tempo do marquês, tinha o mais ambicioso escopo de acordar para o amor da humanidade, e por isso até se lhe chamava humanidades.

* Depois disto escrito, o autor soube que o sr. Grévy mandara ao cemiterio um dos seus ajudantes colocar no peito do malogrado Thillet a insignia da Legião de Honra.

A nossa historia, com tantos tomos quantos os autores domesticos, era o livro por onde convinha começar a leitura; mas, depois, havia que ler as grandes civilizações exploradas, Grecia e Roma principalmente. Já estavamos senhores do nosso pensamento nacional, sabiamos expressar-nos á portuguêsa; restava aprender as leis geraes do pensamento e acurar as regras do bom gôsto.

Com esse fim, o marquês de Pombal abriu aulas de latim, grego, logica, retorica, e nem lhe esquecia encomendar a lingua santa ás congregações religiosas.

E, como, á medida que nos erguessemos no reino, a nossa vista, orientada pelas tradições, devia ir abrangendo os países para onde se nos alargava num horizonte glorioso o campo da actividade futura, elle, a quem esteve sempre presente o nosso destino, não desatendeu o ensino geral das linguas indispensaveis ao nosso dominio nas possessões e á nossa influencia entre vizinhos, quer da Europa, quer de fóra, a principiar logo na Africa mediterranea. Além de que o francês, o italiano, o inglês eram ensinados evidentemente com este fim

diplomatico no Colégio dos Nobres, e importou-os comsigo a legião de estranjeiros que se pozeram ao serviço da nossa renovação social. Até de Damasco se aproveitou João de Sousa, autor duma gramatica arabica, e nosso negociador com os Estados Berberescos.

Instrução primaria e secundaria designaram-se conjuntamente pelo nome de estudos menores.

Esmerou-se o marquês em os organizar. Deu-lhes um corpo central — a Real Mesa Censoria —, membros intermedios — os delegados, um dos quaes na Bahia, e os visitadores —, além do professorado; e, com os preceitos que decretou ao funcionamento desta hierarchia, administrou-os relevantemente. Elle tanto zelava os estudos menores, que no mesmo ensino livre os garantiu, exigindo carta de habilitação aos que o professassem, o que havemos de confessar que é bem preferivel á liberdade sem disciplina, que entrega os paes de familia ao ilusorio conspecto dos reclamos.

Os estudos menores preparavam para as Faculdades mediante um exame, ao modo da madureza que recentemente houve.

Achamo-nos em presença da Universidade, meus senhores! Levanta-se deante de nós esta reedificação de incomparavel magnificencia, que foi traçada com tamanho arrojo, que um seculo passou já sem ser capaz de a concluir.

E eu sinto-me embaraçado, senhores, para lhes falar da Universidade! Em volta della esvoaçam para mim quasi todas as imagens da minha vida. Revejo os meus queridos camaradas, que o vento da fortuna dispersou rudemente ás maiores distancias, desde as eminencias sociaes até o inacessivel fundo do sepulcro — que, ai! ainda nas bancadas das aulas cada anno tivemos de cerrar as nossas fileiras para tapar os claros abertos pela morte —; e alembram-me os meus mestres e outros mais professores, com tantos talentos, a qual mais dificil de transmitir, cuja palavra reboava por todas as Faculdades universitarias, e hoje apenas vibra nos ecos que deixou...

Perdoem-me a suspensão. A todas as recordações pessoaes na Universidade deve

avultar a memoria excelsa do marquês de Pombal.

Sim, senhores, só um homem extraordinario pôde trazer para dentro da nossa instrução superior os derradeiros dois seculos, em que a sciencia parecia havê-la desertado; só forças descomunaes puderam amplificá-la tanto, que nella viessem a caber Bacon e Descartes, Newton e Leibniz.

Imaginem! Multiplicara-se a matematica, chegava-se á mecanica celeste, quer dizer, a Laplace; a fisica progredia com um Franklin, por exemplo, o domador do raio e da tirania; já Buffon escrevera a historia natural do homem; havia Rousseau — estava até para explodir a revolução de 89 —; tinha nascido Hegel: e nós marcavamos o passo na doutrina aristotelica!

Não se condena em absoluto a escolastica. Foi o produto legitimo da meia-edade, que, enclausurando em massas enormes o homem especulativo, longe de todos os interesses materiaes, evidenciou num novo mundo, cujas sombras se projectaram sôbre toda a natureza, que, a den-

tro do cidadão e do escravo, a dentro do senhor e do servo, havia um fundo comum a todas as classes, a alma humana; e produzia por um lado o desenvolvimento intelectual que se chamou escolastica, e por outro lado revindicava a liberdade nas comunas. A escolastica foi o gimnasio onde a inteligencia se temperou para as conquistas modernas. Mas, assim como os exercicios fisicos ahi se desmandam em extravagancias funambulescas, as contenções escolasticas tornaram-se num espectaculo de circo, em vez de servirem de revigorar os entendimentos para emprêsas productivas. Pozeram-se os homens a filosofar indefinidamente, desavisados de que só pela cultura scientifica póde progredir a filosofia, que é a mesma sciencia feita consciente; e, desse modo, nada vingaram senão um *systema de ignorancia artificial*, como se expressa o marquês de Pombal na carta de roboração dos Estatutos da Universidade.

Era realmente fantasmagorica a nossa instrução superior. Assim concluira o seu Compendio historico do estado da Universidade de Coimbra a meretissima Junta da

Providencia Literaria, formada pelo marquês para a inspeccionar. Urgia restaurá-la á sua verdade e pureza.

Os estudos menores haviam estreado a nação nos dominios da racionalidade, e policiado o pensar e o falar para que os percorressem prudentemente. Cumpria seguir ávante: inventariar as noções; alcançar a sistematização do mundo concreto, extensa como as classificações historico-naturaes que Linneu compoz a esse tempo, ou como as ordenações legislativas dos costumes humanos, no seio das quaes em breve se geraria o codigo napoleonico; e finalmente transcender aos principios abstractos que promanavam desde a suprema algebra.

A tamanha alteza quiz Pombal elevar a nação; e encarregou a Junta Providente de elaborar em projecto a reorganização universitaria, com o fim de lhe prevenir em todas as partes um desenvolvimento harmonico.

Depois, das mãos de D. Francisco de Lemos saíu refundida a teologia, refundiu a jurisprudencia o dr. João Pereira Ramos, a medicina o dr. Antonio Nunes Ribeiro Sanches, e José Monteiro da Rocha mode-

lou pela primeira vez a matematica e a filosofia. Preclaros autores da moderna Universidade, nos Estatutos que lhe conferistes, ficou o titulo nobiliarchico dos vossos peregrinos talentos!

Os Estatutos não só dotaram a Universidade com a sciencia na sua unidade e variedade; mas disciplinaram a sua aquisição para mestres e discipulos com uma metodologia que faz lembrar na dedução a sentença de Condillac invocada por Lavoisier *, e que reclamava para a observação e experiencia o espaço sôbre o qual depois assentaram o observatorio astronomico, os muzeus, os laboratorios, os gabinetes e o jardim botanico. E fizeram mais: franquearam a transmissão scientifica, permitindo toda opinião, permitindo não só a mutua discussão entre os alumnos, mas a discussão dos alumnos para os professores, e ainda permitindo ao pé do ensino oficial todo e qualquer outro que pretendesse as aulas e o publico universitario.

Chegou o dia 22 de setembro de 1772. Nesse dia entrou o marquês de Pombal em

* No discurso preliminar do seu tratado de chimica.

Coimbra para dar posse á Universidade da sua Reforma. E o país pôde contemplar-lhe a épica figura no fastigio da instrução publica, por elle erigida desde os fundamentos.

Elle, que iniciara o tirocinio das artes a par com a educação civica, que constituira a educação humanitaria, veiu pôr ao alcance dos estudiosos as genuinas faculdades que habilitavam para as magistraturas sociaes, faculdades de trabalho proficiente, não já de esteril jogo mental. E, juntamente com o ensino oral em todos os graus, tornava acessivel na mesma extensão o livro por meio das tipografias que fundou, a Impressão Regia e a Imprensa da Universidade. É isto dizer que elle nos entregou os instrumentos transmissores de todo o saber, portanto os transmissores das varias industrias, a da justiça, a do patriotismo e a dos negocios, da civilização em summa: e entregou-nos tambem o proprio motor da prosperidade, para que por nós mesmos vivessemos e restaurassemos os fóros de nação, porque cometeu superlativamente á Universidade a função de produzir idéas suas, idéas portuguêsas.

Emfim o marquês de Pombal preparou-nos a soberania da razão para chegarmos a alcançar a soberania nacional, deu-nos uma nova Sagres para que outra vez nos repontasse o oriente. Foi o descendente directo do Infante D. Henrique, como elle sabio e impassivel. Prodigiosos ambos! O infante legou-nos a honra do passado; Pombal, a esperança no porvir.

E ha portuguêses que não têem olhos para lhe reconhecer a descompassada estatura! Mais! de longe da patria, donde o coração exilado esmalta atravez de lagrimas as visualidades nataes, um português provocou o desmentido fulminante que na imprensa desta cidade um distinto filho * della fez soar!

Pois o marquês de Pombal, enorme em todo o tempo e em qualquer país, foi um estadista singular para a nossa terra e sobretudo então para a sua época, época em que ás suas poderosissimas mãos os caracteres já de per si, pelo seu amolecimento, mal resistiam, época em que elle necessitou importar para a sua obra até esta alavanca, o homem.

* Joaquim Martins de Carvalho.

Meus senhores! Tirem-se as consequencias a essa obra, e a nossa grandeza evidenciará a todos os olhos a do estadista que a concebeu. Tirem-nas todos! Tire-as a Universidade! A ella direi, em sinal dos afectos que lhe voto: a soberba construção do marquês de Pombal precisa que a habite uma alma feita de verdade e de justiça; inspirai-lha e resuscitareis o nosso genio nacional!

Museu d'historia natural

Senhores deputados!

Os estatutos universitarios dispozeram que a intendencia do Museu pertencia ao professor de historia natural, e assim devia ser, quando havia um unico professor que a ensinava numa aula do segundo anno filosofico. Mas depois a Faculdade de filosofia tem-se desenvolvido, e hoje a historia natural é professada de tres cadeiras, de mineralogia, de botanica, de zoologia, e sê-lo-ha de quatro, logo que o parlamento com a sanção régia legisle a creação na Universidade do ensino da anthropologia.

Hoje, pois, não ha professor de historia natural, mas professores, a cada um dos quaes cumpre cuidar da secção respectiva do Museu, e deve pertencer a direcção della

para que á responsabilidade corresponda a autoridade.

E' com este proposito que tenho a honra de vos submeter o seguinte

PROJECTO DE LEI

Artigo 1.º Deixará de haver direcção geral do Museu da Faculdade de filosofia da Universidade por algum dos seus professores, e cada secção do Museu será dirigida especialmente pelo professor da aula respectiva.

Art. 2.º Fica revogada a legislação em contrario.

Camara dos deputados, 1883.

Carta d'habilitação

SENHORES DEPUTADOS!

Pelo facto talvez da divisão dos cursos preparatorios para a Escóla do exercito pelas tres Faculdades, de direito, de mathematica e de filosofia, a Universidade ainda não impetrou a atribuição que lhe pertence de conferir aos seus alunos que concluirem qualquer desses cursos, uma carta que os habilite a entrarem naquella escóla. Em consequencia disto, o uso que tinha havido da Escóla politechnica passar tal diploma, no tempo em que os estudantes da Universidade ali iam frequentar certas aulas complementares para perfazerem os preparatorios exigidos pela Escóla do exercito, uso bem entendido e prescrito pela portaria do Ministerio da guerra de 15 de julho de 1853

e pelo aviso do mesmo ministerio de 16 de janeiro de 1854, esse uso foi-se mantendo, quando já se tornara inutil e inconveniente por saírem os alunos da Universidade inteiramente preparados pelos estudos concluidos neste estabelecimento a serem logo admitidos á primeira matricula da Escóla do exercito.

Atendendo, pois, a que tal diploma, com o nome que tem de carta de equivalencia, mais parece hoje uma revalidação dos atestados universitarios, que não esteve nunca por certo na mente de ninguem, porque seria ofensiva da hierarchia academica; atendendo mais a que o principio nesta materia deve ser, quanto possivel, que cada estabelecimento scientifico do estado julgue por si proprio, sujeito sómente á inspecção superior, do grau de aproveitamento dos seus alunos, e aos que mereçam aprovação garanta com toda a autoridade o diploma da sua capacidade e habilitações, a que só assim ficará consagrada a dignidade do magisterio publico, a dignidade portanto dos estudos; tenho a honra de submeter á vossa ilustrada apreciação o seguinte

PROJECTO DE LEI

Artigo 1.º A' Universidade de Coimbra compete passar aos estudantes que tenham concluido nella os cursos preparatorios para a Escóla do exercito, para a Escóla naval, ou para qualquer outro estabelecimento scientifico superior, as respectivas cartas de habilitação requisitadas á entrada desses estabelecimentos.

§ unico. O governo fixará os emolumentos destes diplomas.

Art. 2.º Fica revogada a legislação em contrario.

Camara dos deputados, 1883.

Classificação dos alumnos

Senhores deputados!

O decreto de 10 de novembro de 1851, a portaria de 7 de junho de 1852 com o oficio de 13 de setembro do mesmo anno, e a portaria de 12 de junho de 1853 determinam que o conselho da Escóla politechnica classifique para as armas chamadas especiaes os alunos que hajam concluido com aprovação o curso trienal, que é comum preparatorio para todas tres. Votam, pois, na Escóla para esta classificação os professores de matematica, de filosofia, de economia.

Ao mesmo tempo que na Escóla politechnica é este o preceito, na Universidade de Coimbra só combinam a mesma classificação lentes da Faculdade de matematica.

E' manifesto o perigo de tal restrição. Os estudantes atendem apenas ás suas aulas de matematica; nas outras basta-lhes a aprovação, ainda que seja *simpliciter*. Para o evitar de futuro, tenho a honra de submeter ao vosso juizo o seguinte

PROJECTO DE LEI

Artigo 1.º A classificação dos alunos da Universidade de Coimbra que se destinem ás armas especiaes, será feita por um jury composto do reitor, presidente, e dos professores de matematica, de filosofia, de economia politica e de desenho, a quem incumba o curso trienal preparatorio para as mesmas armas, e logo depois referendada ao conselho reunido das duas Faculdades de matematica e de filosofia.

Art. 2.º Fica revogada a legislação em contrario.

Camara dos deputados, 1883.

Explorações mineralogicas, botanicas e zoologicas

Propomos que no orçamento da despesa da Faculdade de filosofia se consigne uma verba, cuja fixação deixamos ao arbitrio da comissão do orçamento, para explorações zoologicas, botanicas e mineralogicas.

Camara dos deputados, 1883.

F. Gomes Teixeira,
José Novaes,
Wenceslau de Lima,
Bernardino Machado.

Creação do ensino d'anthropologia *

SENHORES DEPUTADOS!

Quando a reforma pombalina creou a Faculdade de filosofia da Universidade, foi com uma comprehensão e com uma extensão que depois se alteraram. Logo com Brotero os estudos naturaes desenvolvem-se tanto, que rompem os laços que os uniam aos estudos racionaes e moraes, e, equilibrando-se sobre si proprios, tomam sós a Faculdade toda. E, depois, esse desenvolvimento esgota os recursos da experimentação ordinaria, e vai até ás aplicações sem serem da sciencia pela sciencia, á agricultura, á arte de minas, procurar mais instrumentos de progressão. Tal foi a energia de que esteve

* Projecto de lei apresentado á Camara dos deputados em 1883.

animada a Faculdade de filosofia! Mas em seguida esmoreceu e não logrou levar a cabo a sua obra, dar independencia ao seu aditamento profissional, diferenciá-lo de si, restaurando-se ella á sua pureza especulativa; e conserva-se num estado tumultuario, que deveria ter sido apenas passageiro.

Está claro que ninguem condena o ensino profissional numa Universidade. Profissional é o de medicina, é o de jurisprudencia; por certo até conviria que em Coimbra houvesse solidos estudos de agricultura e de mineração, menos porém numa Faculdade de filosofia.

Estão-lhe assinados termos que não lhe é licito ultrapassar. E que isto não pareça simples escrupulo lexico. Ás diversas expressões correspondem phenomenos heterogeneos. Aqui vemos nós que a Faculdade de filosofia mantem em si, subordinado á mesma denominação, o ensino profissional, não porque lhe pertença, mas porque, gerado della, ainda até hoje não pôde adquirir vida autonoma.

Nesta faculdade não ha meios senão de ler a industria agricola e a mineira; para as praticar, nenhuns.

Acabe-se, pois, com tal ensino, que nada aliás impede que se reorganize devidamente, quando as necessidades publicas o reclamem.

Eliminado da cadeira de mineralogia e geologia o ensino da arte de minas, e suprimida a cadeira de agricultura, não faltará materia para as lições da primeira; só resta saber por que deverá substituir-se a outra.

A resposta não é duvidosa.

Entre o homem fisico e o homem moral todos reconhecem co-relação, mas não se segue bem; a nossa ignorancia do sistema nervoso separa os dois dominios. Esta separação divide uma Faculdade completa de filosofia em Faculdade de sciencias e em Faculdade de letras.

A nossa Universidade não possue aquella; mas possue as Faculdades de matematica e de filosofia, uma e outra filosofica, — os estatutos de 1772 assim consideravam a de matematica, posto que lhe não dessem esse nome — e as duas reunidas perfazem uma Faculdade de sciencias.

A Faculdade de matematica estende-se até onde o calculo chega, em toda a sua larguêsa; vai, pois, neste momento scienti-

fico até ao ensino da fisica chamada matematica; a de filosofia natural tem de ir até onde possam alcançar a fisica e chimica, isto é, hoje tem de ir até á fronteira do mundo moral.

Ora o mundo moral é principalmente o homem moral. Portanto a Faculdade de filosofia deve ensinar desde a fisica até a anthropologia. Aqui então pára; além, no homem moral, começa a Faculdade de letras. Faculdade de sciencias e Faculdade de letras completam assim todo o estudo especulativo.

Falta, pois, á Faculdade de filosofia da Universidade a cadeira de anthropologia; aproveite-se o ensejo de a colocar em substituição á de agricultura.

Estas considerações levam-me ao seguinte projecto de lei, que tenho a honra de submeter á vossa esclarecida apreciação.

PROJECTO DE LEI

Artigo 1.º E' suprimido na Faculdade de filosofia da Universidade o ensino da arte de minas e da agricultura, zootechnia e economia rural.

Art. 2.º O actual ensino da agricultura, zootechnia e economia rural será substituido na mesma cadeira pelo da anthropologia.

§ unico. Ficará anexa á aula de anthropologia a secção respectiva do Museu.

Art. 3.º Fica revogada a legislação em contrario.

Naturalistas ajudantes

Senhores!

Por carta de lei de 7 de maio de 1878 foram creados os logares de naturalistas adjuntos na Faculdade de filosofia da Universidade e na secção filosofica da Escóla politechnica com o ordenado anual de 400$000 réis num e noutro estabelecimento. Mas logo depois o estado reconhecia a insuficiencia de tal vencimento, e a carta de lei de 26 de junho de 1879 o elevava a 600$000 réis para os naturalistas adjuntos da Escóla politechnica. Por que razão ficaram excluidos da mesma melhoria os naturalistas adjuntos da Universidade? É para reparar semelhante injustiça que tenho a honra de submeter á vossa consideração o seguinte

PROJECTO DE LEI

Artigo 1.º O vencimento dos naturalistas adjuntos da Faculdade de filosofia da Universidade é fixado em 600$000 réis.

Art. 2.º Fica revogada a legislação em contrario.

Camara dos deputados, 1884.

Professores de desenho

SENHORES!

Hoje um professor de desenho que, pelas suas habilitações e serviços, merecesse a promoção dos Liceus centraes para a Universidade, Escóla politechnica ou Academia politechnica, em vez de lucrar, perderia; sofreria um desconto anual de 100$000 réis.

De facto, o seu vencimento é, nos Liceus centraes, de 600$000 réis e, naquelles institutos superiores, de 500$000 réis.

E' certo que a proposição de reforma da instrução secundaria, sujeita ao exame da Camara dos dignos pares, reduz o vencimento dos professores de desenho nos Liceus centraes a 500$000 réis, mas ainda não estabelece de todo a hierarchia.

Para o fazer, tenho a honra de vos submeter o seguinte

PROJECTO DE LEI

Artigo 1.º O ordenado do professor de desenho na Universidade, Escóla politechnica e Academia politechnica é elevado a 600$000 réis.

Art. 2.º Fica revogada a legislação em contrario.

Camara dos deputados, 1884.

Guarda de fisica

SENHORES!

Renovo a iniciativa do projecto n.º 190 de 1882:

Artigo 1.º E' elevado a 300$000 réis o ordenado do guarda preparador do gabinete de fisica da Universidade de Coimbra.

Art. 2.º Fica revogada a legislação em contrario.

Camara dos deputados, 1884.

A disciplina academica *

Ex.mo prelado!
Meus senhores!

Por ocasião do centenario pombalino, eu disse que era mister que a Universidade tirasse as consequencias todas da sua grande reformação. E repito-o agora.

Um principio, sobretudo, dirigiu o autor e os colaboradores da moderna Universidade, e resume o espirito desta obra prodigiosa. Era o principio, ou, antes, a entranhavel convicção de que só o saber domina, de que só elle governa soberanamente o mundo.

E é a pura verdade, meus senhores. A sciencia vale tanto, que, ainda seculos

* Oração inaugural do anno lectivo de 1885-1886, recitada na sala dos actos grandes da Universidade de Coimbra no dia 16 de outubro de 1885.

depois, uma idéa que já se difundiu por toda a parte, quando já não é privilegio nem parece instrumento preponderante de ninguem, recobra ás vezes o impeto primitivo, e levanta do fundo da historia o povo que a concebera, para lhe pagar a sua vida, insuflando-a nelle.

Amar, portanto, a sciencia, venerando-a nos sabios e prezando-a nos estudiosos, adorando-a então nos seus martires; servi-la pelo estudo perseverante, obstinado, inelutavel, servi-la pela rigorosa aplicação dos seus ditames, quando mesmo se haja de fazer por ella sacrificios: eis, para quem sente na alma os estos da sua patria, o que deve constituir uma religião nacional.

E não só como cidadãos o saber nos engrandece. A descoberta que hoje comove uma nação, que a enriquece e nobilita, ha de amanhã tornar-se num serviço á humanidade; depois de ter associado intimamente nos gosos do mesmo trabalho os membros duma colectividade, vai de volta pelo globo levar a todo elle mais um vinculo de simpatia. Este é o incomparavel poder da sciencia. Só ella vinga realizar o supremo desideratum: melhorar o homem.

Amar, portanto, e servir a sciencia é amar e servir todas as virtudes; é mais até do que obrigação nacional, é obrigação humanitaria.

Mas, se a sciencia, meus senhores, é uma religião, são templos as escólas, e aos seus mestres e alunos, mais do que a ninguem, cabe velar cuidadosamente por ella; a todos, e muito principalmente aos que temos a honra de pertencer a um instituto d'alto ensino, porque nesta moderna religião, que é a propria religião do progresso, quem recebeu a sagrada missão de o dirigir e acelerar, fomos nós, digo-o com a dôr pungentissima da minha mediocridade.

Será missão excessiva para as forças da nossa instrução superior? Será. O saber não se improviza; para o alcançar faz-se necessario trabalhar arduamente, sofrer. Só os povos que á sua custa grangearam esse capital, parecem dignos, capazes de o multiplicar; e o nosso patrimonio de idéas tornou-se bem escasso...

É certo isso. A lei natural governa tambem a sociedade: a sociedade não dá saltos. Póde um acontecimento surprehender-nos, espantar com a sua enormidade, como se

de improviso nos assaltasse a catastrofe duma montanha, que sempre imaginaramos inabalavel... Ella caíu de subito, mas havia muito que a infiltração das aguas a estivera minando surdamente! Tambem na sociedade, senhores, só ha imprevidencias; revoluções, nenhuma. Nem 89, a maior de todas, o foi. Ficam-nos os olhos na grandeza de tal data, mas porque nos esquecemos de que antes della desfilaram por seculos as fôrças que haviam de emprehender essa tremenda campanha.

Nós recebemos, sim, quasi unicamente, uma herança de dissipações. Mas nem por isso abdiquemos de todo o prestimo. Não bastam esforços acumulados para o desempenho da nossa missão? Pois não percamos momento algum da vida para ao menos fazermos sementeira de quantas idéas encerra a civilização actual, e confiemos na fecundidade do torrão patrio. Tempo virá em que o nosso país volte a ter originalidade, e, com ella, a usufruir da força e prestigio antigo. Pudera! Outros inventaram a bussola e a polvora; mas fomos nós, as gentes desta peninsula, os que cortámos por esses mares fóra em demanda

de novas terras; fomos nós os que as conquistámos para a renascença da humanidade. Confiemos, pois, neste clima, neste sangue, no nosso genio nacional; e ávante! E, se em alguma parte, senhores, os corações devem palpitar com os auspicios de felicidade para a nossa cara patria, certamente que é aqui, a dentro da augusta cathedral do ensino português.

A Universidade tem que ir na vanguarda da legião que entre nós propugna pela causa do futuro; a ella compete dar o exemplo de todas as coragens e expôr-se a tudo, para que não resvale das mãos desta nação o estandarte em que se lê: pela verdade, pelo bello e pelo bem.

Mas, por isso que formamos uma milicia, lembremo-nos, meus senhores, de que victoria alguma é possivel sem disciplina, uma disciplina inquebrantavel; e seja o nosso brio unirmo-nos tão solidamente pela livre associação das nossas vontades, como se obedecessemos á lei militar.

Não! a sciencia não legisla só para os outros, tambem subméte a preceitos o proprio desenvolvimento. Todos os paises civilizados se honram de possuir um codigo

do ensino, de o respeitar e executar; nós temos cá tambem o nosso, e cumpre-nos egualmente guardá-lo e fazê-lo guardar escrupulosamente. E, quando digo nós, abranjo desde o prelado até os novatos. É necessario que cada um tome a consciencia das suas responsabilidades, e que, sem agressão reciproca, no mais afectuoso convivio, cooperemos com o mesmo generoso empenho para enraizar nos costumes academicos as prescrições salutares dos nossos estatutos. Na exacta observancia delles nos será dado aprender as mesmas regras do seu aperfeiçoamento. Desenganemo-nos, senhores, de que, no instante em que postergarmos os nossos deveres, estamos comprometendo os nossos direitos, e desenganemo-nos, especialmente nós, autoridades universitarias, nós, corpo docente, de que nos não achamos aqui apenas para administrar o ensino de cada programa, mas que temos ainda de exercer sôbre estes moços a tutela que o país, que os seus paes nos confiaram, tutela de amor, tutela verdadeiramente paternal, que é a unica eficaz para dirigir naturezas tenras ainda, mas sem dobrez, intemeratas, cheias

de ideaes. Um rapaz só excepcionalmente, num caso morbido, sai um depravado. Póde, isso sim, entusiasmar-se por um farrapo, como se segurasse nas suas mãos a propria bandeira da justiça; mas não a rasgasse ninguem primeiro! A justiça deslumbrará muita vez a gente nova, mas nunca deixa de brilhar para ella. É por isso que hoje deste logar me volto para os alunos da Universidade e lhes digo: aproximae-vos dos vossos mestres para bem os conhecerdes e julgardes, para os estimardes como elles vos merecem.

Aproximemo-nos todos uns dos outros, sem desconfiança, sem temor. Nem as intemperanças da mocidade devem assustar ou enfadar, nem tão pouco a prudencia, o comedimento dos annos, é para descoroçoar ou repelir. Temos disto uma prova esplendida, muito digna de ser memorada com prazer e elogio, na festa que no recente anno lectivo os estudantes de medicina celebraram em honra do lente e decano jubilado da sua Faculdade, o sr. Costa Simões. Foi ali, no laboratorio de histologia e fisiologia geral, trabalhando lado a lado, que elle teve tempo e ocasiões

para desentesoirar as riquezas do seu saber e da sua bondade, e que os seus discipulos o fôram cingindo cada dia mais estreitamente no entusiasmo dos seus afectos. Imitemos tão bello exemplo, senhores! Este uniforme que todos vestimos, não basta de per si só para fazer de nós uma corporação; para o sermos, temos de nos possuir do espirito de solidariedade, de camaradagem.

Ha quem diga que a convivencia expõe, vulgariza. Ninguem o creia! As relações entre homens dignos aproveitam-lhes sempre. O mestre tem sempre que aprender com o discipulo, quando não seja outro, o melhor conhecimento do ensino, e é nada menos que o conhecimento das suas funções pedagogicas; os discipulos, na intimidade dos seus mestres, habituam-se a serem sinceros — a não encobrirem a sua ignorancia —, a serem modestos — a não se iludirem e desvanecerem com o seu aproveitamento —, numa palavra, a procurarem incessantemente a verdade.

Nenhuma escóla se fecha entre as quatro paredes da aula. Escóla é sociedade, e estabelece-se não só dentro da aula, á dis-

tancia da bancada ou da pedra á cathedra, mas sempre que o professor se encontre com o discipulo, nos museus, gabinetes e laboratorios, examinando os mesmos objectos e experimentando á mesma mêsa, em excursões, em simples passeios, em qualquer conversa, no mesmo desejo de ver, em comunhão de impressões e de idéas, no mesmo enlevo, no mesmo alvoroço intelectual. Escóla é familia, e tem como ella as suas tradições, que aos antigos cumpre transmitir fielmente aos recemchegados, para que nunca se apague o culto dos antepassados e se não quebre a cadeia que deve ligar as nossas aspirações ás nossas glorias. Porque é que ha lições que só um pae sabe dar? é porque algumas só se podem dar e receber junto do coração.

Aqui em Coimbra, permitam-me a observação, vive-se muito á vista uns dos outros, mas não na intimidade. Vemo-nos o bastante para podermos, instintivamente, sem motivo, simpatizar ou antipatizar de parte a parte; pouquissimo para podermos apreciar-nos exactamente. E o resultado é ferirmo-nos com injustiças mutuas, involun-

tarias quasi sempre, mas que nem por isso deixam de repercutir-se e ir bradando contra nós por todo o país. O resultado é separarmo-nos uns dos outros e separarmos de nós o país.

Meus senhores, nada de agitações estereis! Substituamos a todas esta unica, a agitação das idéas. Onde a sciencia apaixona os animos, nem sobra tempo para agravos, menos para resentimentos e recriminações; reina inalteravel concordia.

Unamo-nos e trabalhemos! Só assim nos acreditaremos. E, se ha instituição que precise de autoridade, que não possa viver sem ella, é, sem duvida, uma Universidade, — para a conferir, para honrar os seus graus, para que os seus diplomas valham de facto, autenticamente, por documentos publicos de capacidade —. Acreditemo-nos! E que nunca jámais a nossa Universidade volte a ser condenada como inimiga da autoridade e perigosa para a ordem, ella, a quem principalmente cumpre sagrar toda autoridade que pretenda ser legitima, ella, donde deve sair a soberana força ordenadora da natureza e da sociedade, a força da razão, da consciencia humana.

Termino com este voto, meus senhores, a oração que é pena que não fôsse pronunciada por quem a tivesse feito digna do titulo * della, digna desta solenidade, e desta assembléa.

* Oração de sapiencia.

Fusão das Faculdades de matematica e de filosofia

MEUS SENHORES!

O digno delegado da Faculdade de filosofia da Universidade, seu respeitavel decano, o sr. dr. Antonio dos Santos Viegas, apresentou em conselho uma proposta para a reunião das duas Faculdades de matematica e de filosofia, especializando-se na Faculdade resultante, que poderia chamar-se de sciencias, grupos de cadeiras para o exercicio do magisterio. A comissão que incumbistes de a examinar, aprovou-a, e vem expor-vos as razões do seu voto.

Se a Universidade possuisse os estudos propriamente filosoficos, como já teve, possuisse a filologia, a historia, as sciencias

politicas todas, e tudo era necessario para corresponder ás exigencias do seu nome e á alta missão social que lhe cumpre desempenhar, e se se tratasse de conglobar estas disciplinas, mais a matematica, a fisica e chimica e a historia natural numa só Faculdade especulativa, ao modo da Allemanha na quasi totalidade dos seus centros universitarios, nós hesitariamos no nosso parecer, apesar da pratica daquelle país, modelo em organização do ensino, apesar do nosso respeito pelas sumidades docentes, os doutores Bois-Reymond e Hofmann, que ali ultimamente o têem propugnado. Mas a proposta que temos a honra d'apreciar, não visa senão os estudos puros divididos pelas duas Faculdades de matematica e filosofia; e, nestes limites, afigura-se-nos d'incontestavel vantagem.

Esta mesma idéa já fôra em tempo sugerida por um illustre homem d'estado, o conselheiro Martens Ferrão, fôra sustentada na Universidade e apresentada no Parlamento pelo distinto professor e membro desta assembléa, o dr. Antonio José Teixeira, e fôra adoptada pela Comissão d'instrução da camara dos senhores depu-

tados, composta d'homens conspicuos, que escolheram para a relatar o talentoso escritor e parlamentar, hoje ministro, o sr. Pinheiro Chagas.

Todos sabem os laços que prendem as duas Faculdades de matematica e de filosofia. Posto que em cada uma se distingam caracteres proprios e se possa dizer que a de matematica vai até onde hoje a matematica vai, isto é, até á fisica matematica, e que a de filosofia parte da fisica experimental e chega até onde ella chega, isto é, até á anthropologia; esses laços proveem de que ellas não se seguem uma á outra, mas irradiam ao mesmo tempo do liceu e encontram-se em muitos passos do seu desenvolvimento.

A necessidade, pois, quando se discuta algum interesse vital de qualquer das Faculdades, do acôrdo mutuo dos seus professores, a autoridade que esse acôrdo dará ás decisões do Conselho escolar, a influencia que da troca de vistas entre uns e outros professores deve advir em beneficio comum, e por conseguinte da sciencia e do ensino, a mais intima associação dos alunos entre si e com estudos que, por

estarem hoje separados noutra Faculdade, elles tendem a considerar alheios á sua educação, a melhor educação por tanto, — e não esqueçamos que, se o ensino superior é especial, convém não amputar o espirito dos que o cultivam, reduzindo-os a não serem nada fóra da sua especialidade, — o efeito disto ainda, que será a maior independencia intelectual dos alunos e com ella o seu ardor no trabalho, são razões suficientes para nos inclinarmos em prol da reunião das duas Faculdades.

Somos tambem pela concentração do magisterio das duas Faculdades em grupos de cadeiras.

Não queremos a especialização precoce dos estudantes, que lhes atrofiaria muitas das suas faculdades nativas, não admitimos o excesso de especialização nos professores, que os isolaria dos seus collegas e dos recursos que as outras sciencias lhes proporcionariam, recursos tão importantes, que, sem elles, os especialistas veem finalmente a achar-se desapercebidos e impotentes; mas aceitamos a lei da divisão do trabalho, em tudo, e por isso tanbem no ensino, e, desde que o homem esteja no uso de toda

a sua energia, entendemos de necessidade e vantagem que se dedique principalmente a um certo destino.

Só a repetição dos mesmos actos dá a segurança e a afoiteza indispensaveis para progredir. Quem fez, como estudante, a sua instrução geral e tenha que manter sempre vivas as curiosidades do seu espirito, pode e deve especializar-se para ser professor. A reunião das duas Faculdades satisfaz ás duas primeiras condições; a distribuição das suas cadeiras atenderá á ultima.

Assim somos de parecer que aproveis a seguinte proposta.

1.º — As duas Faculdades de matematica e de filosofia serão reunidas numa unica Faculdade, que se chamará Faculdade de sciencias;

2.º — Os concursos para o magisterio na Faculdade de sciencias far-se-hão por grupos de cadeiras, cada um dos quaes será servido por tantos professores cathedraticos quantas as cadeiras e por dois professores substitutos.

Adriano Machado, presidente — *Antonio dos Santos Viegas* — *Luis da Costa e Almeida*,

com declaração — *Antonio José Teixeira* — *Augusto José da Cunha* — *Bernardino Machado,* relator.

Conselho superior d'instrução publica, 1885.

Extensão universitaria *

MEUS SENHORES!

Apesar de todos os portentosos progressos que tem feito, a pedagogia moderna está ainda muito longe de satisfazer cabalmente ao seu fim.

Só a escóla primaria se intitula popular, e a verdade é que nem ella. Nem no seu grau elementar, o ensino deixou de todo de se vedar a quantos labutam desde a infancia por um ganha-pão; e, por mais generosamente que a sociedade acuda aos seus pobres, essa assistencia educativa só, na primeira quadra da vida, nunca pode ser bastante. Por isso, a par com as subvenções

* Discurso pronunciado na noite de 1 de fevereiro de 1897, na abertura da sessão inaugural dos cursos para operarios, creados pelo Instituto de Coimbra.

para a educação dos menores, por toda a parte se vão multiplicando os cursos de adultos. A Inglaterra é talvez o mais admiravel exemplo desta dedicação social. Ha hoje ali palacios para a cultura do proletariado; e as Universidades inglêsas difundem pelos bairros e regiões industriaes do país não só missões docentes temporarias, mas até mesmo colonias de professores, que vão estanciar demoradamente entre o povo trabalhador. Taes expedientes, comtudo, posto que mereçam todos os louvores, não passam de meros paliativos, que mal encobrem o vicio profundo da actual organização pedagogica: a incompatibilidade entre o trabalho e a instrução.

O Instituto de Coimbra, que já pelo seu boletim mensal descerrava o saber dos seus socios ao largo publico, julgou-se tambem na obrigação de abrir aulas para a classe operaria desta cidade, oferecendo-lhe, com ellas, a sua casa e a sua convivencia; e a direcção a que presido, tanta importancia liga ao novo serviço projectado, que o inaugura com esta sessão solene, em que, a seu pedido, o digno lente da Faculdade de medicina, o dr. Adriano Xavier Lopes

Vieira, que é um dos nossos mais insignes naturalistas, fará o elogio do trabalho em nome da higiene.

Cabe-me todavia proclamar deste logar que o trabalho, além de principio higienico, é principalmente uma lei moral, e que nada peor do que o divorcio em que anda com elle a instrução. Reparem-se, quanto possivel, nos adultos os estragos causados pelo abandono espiritual dos adolescentes; mas faça-se, antes de mais nada, por evitar que semelhantes danos se produzam. E esta não é senão uma face da questão. Tão necessario se torna ministrar a instrução a todos, ainda aos mais indigentes, como não afastar ninguem do trabalho, nem os mais ricos.

E' absolutamente indispensavel que a creança, bem sorteada, que póde estudar, não estude só para si, e desde a sua entrada na escóla aprenda a ser prestavel á familia e á sociedade. Não brada aos ceus, que, precisamente quanto mais mimoso da fortuna alguem nasce, tanto mais o ensino o dispense do cumprimento dos seus deveres? Hoje em dia o rapazito que passa deante de nós com o cantaro á cabeça para ajudar á sustentação

da sua pobre mãe e dos seus irmãos mais pequenos, não nos comove só pelo esforço fisico que faz em tão tenra edade, mas sobretudo pela grandeza do seu esforço moral; e, em rigor, não ha filho de rico, por mais laureado nas aulas, que se lhe compare. Só pela prestação dos seus serviços o homem se forma, e adquire a têmpera, a coragem da paciencia e do sacrificio, sem a qual nem mesmo a si proprio logrará desenvolver-se em qualquer profissão. Fala-se tanto, e ainda bem! de ensino pratico; mas não esqueça que a primeira pratica é a da virtude, e que um oficio é tão imprescindivel á moral como a experiencia á fisica!

Alhear durante annos consecutivos a gente moça da santa lide dos seus parentes e concidadãos, não lhe entregando sequer em casa os cuidados mais vulgares, porque até para esses se contractam serviçaes, constrangê-la assim sistematicamente á inutilidade, outra coisa não é que votá-la a uma vida egoista, de orgulho e de parasitismo. Dahi vem, não hesito em afirmá-lo, o desamor com que desgraçadamente a nossa nação está sendo tratada pelas classes dirigentes.

Assim como a lei tenta defender da doença e da ignorancia o filho do proletario, assim deveria tambem proteger a creança abastada contra a atrofia moral!

Não me limito a formular o problema, aventarei tambem a sua solução.

E' que a ninguem seja licito seguir um curso de instrução secundaria, sem que esteja ao mesmo tempo fazendo o seu tirocinio oficinal, nem se permita o acesso a uma Faculdade ou escóla superior a quem não seja ainda mestre em alguma profissão; e, reciprocamente, que a todo aprendiz que se prepara para operario, se franqueie, juntamente com as escólas primarias profissionaes, o ensino médio geral, como a todo operario que se prepara para mestre, se abram, com os institutos profissionaes médios, as ultimas portas dos liceus, de tal modo que, depois de haver passado de operario a mestre, o mesmo individuo vingue ainda, pelos mais altos estudos da sua especialidade, habilitar-se a assumir um dos primeiros cargos sociaes. Numa palavra, que todos os soldados possam aspirar ao generalato, e não haja oficial superior que não tenha passado pelas fileiras!

Sem esta revolução hierarchica, nunca o ensino será democratico, nem moral. Acrescento: nem será verdadeiramente eficaz. Toda a instrução que não convirja para um serviço ou não parta delle, é vã. Na selva escura das disciplinas escolares o espirito do educando extravia-se e perde-se. São tudo abstracções, que elle ignora donde veem, e ao que veem; é tudo para elle, emfim, uma especie de jogo de azar mental. Nada o firma na vida! Ás sciencias, artes e industrias que aprende, falta o amoravel vinculo, que lhas deveria atar ao coração. Estuda-se entre nós, como se para nós não houvesse uma patria, como se cada objecto do nosso estudo não fôsse um elemento integrante dessa patria; quando nada da nossa terra nos devia ser indiferente, quando nem uma pedra della é uma pedra qualquer, mas tem um cunho nacional, local, familiar, é a pedra domestica do nosso lar, é a pedra do baptistério, do moinho e da fonte da nossa povoação natal, e é a pedra lascada que recorda as nossas origens, ou a pedra dos monumentos, emblema da nossa gloria, que celebra os feitos dos nossos antepassados. Cada objecto tem

uma historia, que o educando precisa de conhecer e de amar; uma historia e um destino.

Será impossivel ir [arrancar assim a instrução aos flancos palpitantes da patria? nacionalizar, localizar, familiarizar o ensino? Não! O saber é imenso como o universo que pretende abarcar, e, como elle, tem o seu centro em toda a parte. A verdade irrompe por todos os dominios da actividade humana. Não ha nenhum, donde se não tire uma geometria, uma mecanica..., em suma, a sciencia, a arte e a industria; nenhum, onde a alma com todas as suas faculdades se não repercuta.

Que é, pois, o que falta para que a reforma que preconizo, e a que chamarei a socialização do ensino, se torne viavel? Uma só coisa: reduzir o tempo lectivo, deixar a creança viver. E fiquem certos de que até a escóla, que, apesar do tempo que hoje absorve, é uma especie de tonel das Danaides, e mal desempenha a sua missão, virá a ganhar, prosperará, porque correrão para ella, a fecundar as suas lições, as proprias fontes da vida!

Abolição do juramento *

SENHORES!

Invocando a liberdade de pensamento, a que todos, e principalmente uma Universidade, devem culto, proponho que, sem prejuizo de solenidade da abertura das aulas, se substitua a actual formula de juramento, que nessa occasião é costume prestar, por uma afirmação dos deveres educativos e moraes que incumbem a cada um dos membros do nosso corpo docente.

* Conselho da Faculdade de Filosofia, 21 de novembro de 1898.

A Universidade e a Nação *

Ex.mo prelado!
Minhas senhoras e meus senhores!

A tristeza que sinto, quando penso no nosso ensino! Professor, ambicionei consagrar-me sobretudo á causa da educação nacional. E foi, cheio de esperanças, que fiz por ella as minhas primeiras armas, crendo assegurados os seus triunfos pelo ardor com que os mais estrenuos caudilhos de todos os partidos acudiam, á porfia, a sustentá-la nos seus escudos. Lutava-se então, mas de esforços para bem a servir. Dentro em pouco, porém, o scenario da nossa vida publica mudou. A governos li-

* Oração inaugural do anno lectivo de 1904-1905, recitada na sala dos actos grandes da Universidade de Coimbra no dia 16 de outubro de 1904.

beraes, amantes da instrução, seguiram-se, quasi sem interrução, governos reaccionarios, apostados a exterminá-la. Com a abolição do pariato electivo desaparecia a representação parlamentar dos estabelecimentos de ensino. Extinguiu-se o ministerio da instrução publica. O corpo docente deixou de ter um conselho de sua eleição junto ao ministro. Centralizou-se o ensino primario, monopolizou-se o ensino secundario, e até as regalias do ensino superior se foram cerceando, ao ponto de se reformar ditatorialmente a nossa Universidade, sem consulta sequer do seu magisterio. Não se atacavam só as franquias do ensino, feria-se rudemente a sua existencia: fecharam-se escólas primarias, tanto de instrução geral como de instrução profissional, acabou-se com os museus agricola, industriaes e comerciaes, suprimiram-se, quasi por toda a parte, as aulas de instrução complementar, inicio da educação geral da classe media, não se abriram os liceus femininos, mal sorteados logo ao nascer, e regatearam-se aos institutos de instrução, de todos os graus, os mais indispensaveis meios de acção. E todos

estes agravos á causa do ensino foram feitos por diplomados das nossas principaes escólas, e todos se fizeram, não só sem que dellas se levantasse o minimo protesto colectivo, mas até mesmo, por vezes, com a sua expressa adesão. Eis porque a nação, apartando-se dos poderes publicos que a oprimiam, se foi apartando tambem de nós, tornando-nos grandemente responsaveis por essa opressão.

E com razão. A reacção não provém só da fórma de governo, mas tambem da fórma de ensino.

Ai! eu sei dolorosamente, por crua experiencia, o pernicioso influxo que o mau governo tem no ensino, e como é dificil e arido proclamar principios na aula, quando, fóra della, reina o arbitrio. Num país onde a selecção se não opera pelo saber e pelo merito, como se ha de amar e desenvolver a instrução? A propria corrução governativa instila-se pela aula, e vai-a dissolvendo. Mas a reciproca não é, comtudo, menos verdadeira: o ensino exerce incontestavel influencia no governo. Ensinar é governar. Pelas idéas se afeiçoam costumes e instituições. Por isso, quando um

povo quer cimentar a integridade da patria, faz o que nós fizemos, implanta nella uma Universidade; e, se intenta firmar sobre outro o seu predominio, procura apoderar-se da sua educação, é como sempre se tem feito. Assim o comprehendem com plena lucidez a Allemanha, enviando professores a toda a parte do estrangeiro onde conte uma colonia, e a Suissa, que até para os filhos de estranjeiros domiciliados no seu territorio cria, a expensas suas, escólas. Quanto o ensino decide do governo e do destino das nações, diga-o agora mesmo o tremendo duello travado entre duas dellas, que personificam relevantemente nos ultimos tempos o carinho e o descaroamento educativo, entre a Russia, que excomunga o pensamento em Tolstoï e açoita e deporta os alunos das suas Universidades, e o Japão, que espalha e subsidia a sua juventude estudiosa pelas primeiras Universidades do mundo para que de lá tragam para o torrão natal as sementes civilizadoras de maior preço.

O que é necessario, é um bom ensino. Desde a escóla se fazem monarchias ou republicas, erguem-se ou aluem-se imperios.

Ensino despotico: governo despotico; e o despotismo, ainda que seja o despotismo maternal do amor, produz fatalmente o enfraquecimento e a ruina das familias e dos estados. Só ha uma educação salvadora, e para a qual nos cumpre urgentemente apelar, para transformarmos este apoucado Portugal d'hoje no grande Portugal d'amanhã, digno herdeiro e continuador do heroico Portugal doutr'ora, honra e gloria da humanidade: é a educação liberal. Uma Universidade deve ser escóla de tudo, mas sobretudo de liberdade.

Nem o professor é um pontifice, nem o discipulo um catechumeno. Quem, como estudante, andou sempre de rastos, curvando a cada momento a inteligencia, a copiar, a decorar e a repetir as idéas e até as palavras do mestre, para acarear as suas boas graças no precario exame final, que admira que, concluido o seu curso de servidão, com um falso diploma que o não habilita para emprehender nada por si, vá engrossar a miseravel turba de pedintes que estendem humildemente a mão a todos os potentados do dia, por mais ignobeis que elles sejam? Na obediencia passiva

ninguem se prepara para as varonis resoluções da vida. Por mais maravilhosa que seja uma machina pensante, não passa duma machina: ella precisará sempre dum condutor que a ponha em movimento. Nós temos de aprender as leis do universo, não automaticamente, para executarmos espectaculosos prodigios de acrobatismo mental, ao mando de ninguem, mas, como homens e não como manequins, para briosamente nos dirigirmos por nós mesmos, pela força viva que tambem somos, pela nossa vontade. Ser instruido é ser livre. Uma nação sem originalidade, que nada cria, inventa e descobre, e apenas vive de emprestimos materiaes ou espirituaes, se, pelo prestigio do nome herdado, ainda conserva a sua autonomia, não está longe de perdê-la. O que enaltece os individuos como as nações, é a grandeza de caracter, é o vigor e o rasgo da sua iniciativa, a sua perseverança inquebrantavel, o seu desassombro, a sua hombridade. Taes são as molas profundas que é mister, vigilantemente e discretamente, não deixar amortecer nunca nas gerações novas. Como todo bom governante, o bom professor dis-

cipliña, mas não paralysa as vontades, não escraviza, emancipa.

O liberalismo da escóla cristaliza no discipulo. Assim como ella não deve formar servos, tão pouco deve formar despotas. A instrução não representa um meio novo de aristocratização. A verdade é acessivel a todos. Ninguem, ainda os mais incultos, o povo, as multidões, deixa de possuir uma parcella de saber, quando não são mesmo quasi só esses que o possuem, como sucede hoje entre nós, que de raros espiritos cultos contemporaneos podemos timbrar, e a cada passo ahi topamos com documentos que autenticamente atestam a valia da arte, da industria, e até da sciencia popular. Quem mais sabe em Portugal, não são os seus dirigentes, ociosos e egoistas, é o seu bom povo trabalhador, são os analphabetos. O despotismo aniquila o proprio despota. Por isso nos cumpre proclamar bem alto aos nossos estudantes que elles não frequentam as aulas para, fidalgos já pelos dons da natureza e da fortuna, que vão dissipando senhorialmente, se investirem dentro dellas, sem ser mesmo em premio da sua proficiencia, nas prosapias da fidal-

guia do talento, não menos vã e ruinosa. Nada de super-homens, que ás antigas tiranias clericaes e plutocratas venham acrescentar outra, egualmente revoltante, a dos intelectuaes, que tudo se julgam permitido, a titulo da sua supremacia doutoral, até o mais escarnento desdem pelos ignorantes, e todos os preitos de vassalagem exigem, sem que jámais prestem a alguem o minimo auxilio por que se não paguem logo leoninamente. Com taes oligarchas, a sociedade não dispende só uma, mas muitas listas civis. Eduquemos cidadãos, não principes. Busque-se a verdade, não para a fechar e deter como um misterio, um monopolio, um privilegio, para a converter, em summa, numa autocracia, mas para enriquecer com ella o patrimonio commum, derramando-a a flux por todos os espiritos. Lastimosa pedagogica a que, para encurtar os caminhos do saber, alonga os da virtude. Nós não estudamos a fisica, a chimica, a biologia, as sciencias da materia e as sciencias do espirito, senão para, atravez das suas leis, como atravez de lentes cada dia mais poderosas, irmos concentrando em nossa

alma o calor e a luz da lei moral. Esta é que é o fecho, o coroamento de todas as outras. Quem a ignora, por mais que presuma saber, fica na peor de todas as ignorancias, na no dever, e, infringindo-o, perde a liberdade a que o homem mais aspira, a de fazer o bem e por elle sobreviver perduravelmente na sua obra, porque o laço que nos une aos nossos contemporaneos, é o mesmo que nós ha de ligar á posteridade. Na inacção moral, todas as faculdades se estiolam e atrofiam: a imbecilidade é sobretudo do caracter. E, na aberração ou na alienação do dever, que é para o mundo moral o mesmo que a gravitação para o mundo fisico, ninguem edifica nada para a eternidade, nada duradoiro. A grande revolução a fazer no ensino, em toda a parte, mas muito especialmente no nosso país, é identificar o estudo com o trabalho, de tal modo que a sociedade se não divida em duas castas, uma que só estuda e quasi nada produz, outra que só trabalha e quasi nada consome. Como é que aquelle que passou anos e anos nas escólas, parasitariamente, — todos a amarem-no e elle a ninguem, todos a servirem-

no e elle a ninguem, todos a pensarem nelle e elle em ninguem —, como é que ha de, ao sair dellas para a sua profissão, transfigurar-se de subito num cidadão exemplar? Que preparatorio! Dificilmente o virá a ser nunca.

Uma Universidade é um laboratorio, uma oficina modelo, onde professores e discipulos, como verdadeiros operarios e aprendizes, não têem por occupação consumir idéas, mas produzi-las. E uns e outros não se pertencem só mutuamente a si mesmos, não labutam exclusivamente pelo seu bem-estar e progresso, não produzem apenas para o seu proprio consumo; devem-se a todos, e, mais que a ninguem, aos mais entrevecidos na ignorancia e na superstição. Como o proprietario soberbo e avaro, que prefere que lhe caiam no chão e apodreçam os frutos que lhe sobram, a colhê-los e a reparti-los com quantos careçam delles, não deixemos corromper-se em nós o nosso saber. Que cada conhecimento nosso seja um serviço publico, franco, desinteressado. Nenhuma sciencia cerra magicamente os seus cultores num palacio encantado, acima de toda a realidade, em

tamanha abstracção, que elles vivam na terra como viveriam na lua, em Portugal como na China. Pelo contrario, nem uma unica que se não haja de aprender concretamente, chãmente, no convivio e na intimidade dos seres familiares, que não precise dum berço e duma patria, até para poder crescer e alar-se a todo o mundo. E quanto nos falta o conhecimento do que é nosso, desde o sólo até ás almas! Quem sabe como vive entre nós o cavador, o mineiro, o proletario, como vivem os nossos doentes, e, de todos os mais desventurados, os nossos criminosos, como vivem ou antes como vão morrendo de corpo e de espirito? Estude-se a matematica, fazendo estatistica de tudo, calculando todos os tesoiros que se encerram sob este ceu, nesta nossa terra, na nossa raça, e no nosso genio nacional, avaliando bem todas as nossas forças e todos os nossos recursos e proporcionando-lhes exactamente os nossos cometimentos e aspirações, quando não medindo mesmo os sacrificios que nos sejam necessarios, e são-nos tantos! Estudem-se todas as sciencias e todos os seus capitulos, como, registrando o barometro dos nossos observatorios me-

teorologicos, lançamos um aviso que, bem aproveitado, poderá acudir ás populações ribeirinhas dos nossos rios e do nosso mar, a revêzes injuriadas e dizimadas pelos assaltos de improviso das cheias e tempestades. Que todas as Faculdades da nossa Universidade comunguem sagradamente com a nação, como ainda este anno a de medicina, celebrando aqui mesmo neste historico solar, pela iniciativa de alguns dos seus preclaros membros, e, salientemente, sem desluzimento para ninguem, do grande clinico e grande filantropo, dr. Daniel de Mattos, o 3.º Congresso da benemerita Liga nacional contra a tuberculose; e, como ella tambem, que dispensa a toda a hora socorros no seu banco do hospital, ponha cada uma das outras Faculdades, ao lado das suas aulas, uma banca permanente de consultas, principalmente para os pobres. Mais! Nenhuma se quede no seu recinto academico, mas vão, umas e outras, em fervorosa emulação, por toda a parte, ás cidades e aos campos, á fabrica e á mina, onde estejam as nossas creanças, as nossas mulheres e o nosso povo, instruindo, missionando, apostolando a verdade, a liberdade.

Numa palavra, socialize-se a escóla, e que de dentro della irradie por sobre todo o país um direito novo, fulgente e audaz, o direito dos humildes e dos fracos.

Não é facil a campanha, oh não! A verdade não encontra adeante de si sómente o erro, que baste denunciar-se para logo se rebater em placidas discussões, encontra tambem interesses, muitos delles ponderosos, encontra tambem paixões, umas mentidas e hipocritas, sinceras outras, que reagem; e em todos os campos tem de lutar. E que não precisa para vencer, para se elevar da simples verdade scientifica a toda a alteza da verdade moral, da justiça, supremo ideal, onde ella então, no auge do seu poderio, inquebrantavel e pura como o diamante, domina todas as paixões e interesses, porque funde harmonicamente em si todo o amor e todo o bem! Cavalleiros da verdade, até para a servirmos, temos de o ser tambem da justiça. Não só aos que d'entre nós professam o direito, incumbe defendê-lo, mas a todos nós. Todos somos mais do que homens de sciencia, somos cidadãos, membros desta triplice cidade, religiosa, eco-

nomica, politica, que começou na familia, constitue já a nação e cada dia mais vai vingando abranger a humanidade inteira. Professores e alunos, declaremo-lo primeiro de tudo, nós temos uma religião. A inteligencia não desabrocha á custa do coração, empedernindo-o. Repercutam simpaticamente na nossa alma todos os soluços, todos os gritos de dôr. Levemos com a nossa palavra a todos que soffrem, o conforto, a esperança. Que não haja entre nós grosseiros, devassos, mas demos sempre o exemplo, a lição, da cortezia, da delicadeza de sentimentos, da bondade. Amemos ternamente os pequenos, os necessitados. Quanto mais rotos e sujos os virmos, mais nos aproximemos delles, não sentindo senão só uma repugnancia, pelo mal. E ainda, atacando de rijo o mal, demonstremos o nosso humanismo até na nossa piedade pelos maus. Tome egualmente cada um de nós o seu posto em meio das contenções economicas da sociedade. O saber não confere direito a ser perdulario, nem venal. Trabalhadores, esforcemo-nos tenazmente, com o mais fiel cooperativismo, por melhorar a sorte dos

que trabalham, por aliviar-lhes as canceiras e as miserias, tamanhas ainda em nosso tempo. Finalmente, que cada escóla pulse da mais intensa laboração politica. O progresso vai-se tornando irresistivelmente uma conquista, um dom, deste supremo poder social, o poder civil, de seculo a seculo, mais livre, maior e melhor, que, se tantas vezes tem sido destruidor, em lances mesmo tragicos, bem merece todavia a nossa dedicação e os nossos sacrificios, porque ampara e guarnece, penosamente mas indefessamente, como nenhum outro, a nossa fragilidade individual. A indiferença por elle não significa um requinte de intelectualismo, mas uma cumplicidade, tanto mais culposa, quanto mais alto colocado, em logar mais proeminente para a acção e defesa social, está quem se lhe entrega negligentemente. Uma Universidade póde lá deixar de ser politica! Não é dentro della que se ministra o mais alto ensino de direito publico? Se os pensadores não governarem, governam os interesses e as paixões, sem o freio da razão. Infelizmente, quantos dos nossos homens de sciencia, para se esquivarem aos des-

comodos a contrariedades, aos riscos, da vida publica, que é e tem de ser sempre afinal uma luta acesa, se não dedignam de acorrentar-se á sorte dos aventureiros politicos de peor fama, á espera de que tudo lhes chegue sem custo um dia com a victoria cortezã dos magnates que os capitaneiam!

Desempenhemo-nos de todos os nossos deveres civicos, com energia, com coragem, com denodo, militantemente, sem que nada jámais nos quebre ou entorpeça sequer o animo, nem o asco que nos causem os vicios cinicos de tantos dos nossos homens publicos. E, fazendo-o, não receemos aquecer demais a mocidade escolar, já de si tão ardente, convertendo as escólas em fócos perigosos de revolução. Não! Um discipulo é naturalmente um correligionario; no professor está aconselhá-lo com perfeito tacto, dirigi-lo para bem. Hoje o ensino, cheio de desconfiança por elle, como se elle encerrasse em si os subversivos germens do pecado original, enclausura-o, sequestra-o á sociedade, e portanto á disciplina que só no lume vivo da sociedade lhe póde ser incutida, até para que

elle desinteressadamente, altruistamente, se vote com séria aplicação ao estudo. Toda a vida de libertinagem lhe é dado levar: estragar a saude, contraír dividas, requestar empenhos e favores, seduzir. Iniciar a vida livre e nobre de cidadão, isso é que não. Se tal ousa, descarregam-se sobre a sua cabeça criminosa os mais severos golpes. Perdão! um direito lhe permitem exercer, o de petição: póde pedir os feriados que quizer... Porque? Porque é ainda um menor, porque os rapazes ainda estão verdes para os graves encargos e cuidados da vida publica? Pois por isso mesmo é preciso que a façam, para amadurecerem. Não pretendemos confiar ás suas mãos inexperientes o leme da governança; mas não faltam serviços de guarnição em que á sua tenra edade seja dado intervir, e em que elles vão desde logo destramente preparando o seu noviciado civico. Vejam a Inglaterra e os Estados Unidos, o desvélo com que os seus professores assistem e presidem ás *debating societies*, torneios oratorios, que são verdadeiros comicios dos seus alunos, onde se têem estreado notavelmente muitos

dos seus principaes estadistas. Emquanto, entre nós, se demoliu, para não mais se reconstruir, o Teatro Academico de Coimbra *, — de sobre cujo tablado, a capa galhardamente traçada, como uma toga pretexta, foram avultando para a tribuna nacional contemporanea quasi todas as suas primaciaes figuras —, lá são as proprias Universidades que protectoramente oferecem os seus mais vastos salões para liça de tão auspiciosos certamens. Assim, e só assim, nestas intimas requestas, é que, contrapondo-se idéas, combatendo-as e defendendo-as rijamente, com a vivacidade e a flama dos seus annos, mas sem exaltação que não seja ainda generosa, discutindo tudo, mas amando-se sempre, perdendo o cego fanatismo da propria opinião, e, com elle, a superstição, entre nós tão arreigada que diriamos quasi atavica, de que todo adversario é um hereje, um energumeno, que merece, com a excomunhão, os maiores doestos, as maiores torturas e todas as penas perpetuas e eter-

* Inaugurado pela mocidade liberal de 1834 com a representação do *Catão*, de Garrett.

nas, a mocidade escolar aprenderá a coordenar-se, a moderar-se, a ser justa para com todos, a praticar a tolerancia, que é a virtude social por excelencia, e é e deve ser a grande virtude universitaria. Numa Universidade até os proprios que professam da cathedra os dogmas do passado, procuram argumentos para os sustentar. E, por isso, ainda os mais conservadores dos membros do seu corpo docente, por mais provas a que se submetam de ortodoxia, são sempre suspeitos de sacrilegio aos olhos torvos da reacção, das oligarchias absolutistas. Assim, e só assim, neste tirocinio fraternal, é que na alma das novas gerações se irá tecendo, atravez de todas as divergencias e contrastes individuaes, o liame indissoluvel da unidade da patria. E como é mesmo exequivel isolar socialmente a escóla? Onde a muralha estanque que não deixe lá penetrar as correntes da historia, os rumores da rua, as noticias dos desastres nacionaes, o brado angustioso dos vexames e das indignações populares? Só ha um meio de romper essa estreita solidariedade, é fechar a escóla. A elle efectivamente tem recorrido a cada passo a tirania.

Levantemos a voz perante o país e os poderes constituidos, exerçamos, juntos, a nossa soberania de cidadãos e eleitores, até para revindicarmos os direitos augustos do ensino, intervindo sem subserviencia e desaire no seu governo. As mesmas questões agitam a sociedade e a escóla, e reverberam duma á outra. Ambas têem uma questão religiosa, uma questão economica e uma questão politica, e, no fundo, uma questão de trabalho, que é identica para ambas.

A teocracia alça lá fóra o seu pendão, tentando imperar, mesmo contra a legislação estatuida? Tambem aqui dentro da nossa Universidade tenta ainda impôr, contra a civilização, rezas e juramento religioso, velha liturgia já abolida por toda a parte, até na vizinha Espanha, a que a nossa inercia comodista e transigente não liga importancia, mas que importa na realidade uma afronta flagrante á liberdade de consciencia e o perjurio e a exautoração aviltante de todos os que têem por oficio precisamente opôr ás abusões, aos preconceitos, ao erro, a verdade, á fé no milagre a fé na lei. Secularizar a sociedade e

secularizar a escóla é tudo um e o mesmo problema, que ha que resolver egualmente, isto é, com a mesma equanimidade, com o mais largo respeito por todas as crenças, e respeito filial por aquella que tão intimamente se entrelaça aos epicos feitos da nossa linhagem, e que, na pureza da sua doutrina, tanto tem contribuido para o saneamento moral da humanidade. Lá fóra vai a derrocada financeira? dissipam-se improdutivamente os impostos, acumulam-se só deficits sobre deficits no tesoiro, e o dinheiro não chega para o mais pequeno melhoramento, para acudir ás necessidades publicas mais instantes, nem sequer á indigencia, á orfandade, como o deve fazer toda a nação, em massa, e como o exigem os sentimentos compassivos do coração português, que, por mais paciente que seja, não póde ver desperdiçados os nossos bens e em perigo a saude e o futuro dos nossos filhos sem que o atravessem irreprimivelmente os rebates da revolta e da raiva? Pois tão pouco ha cá dentro dinheiro bastante para nada, e bibliotheca, gabinetes e museus, laboratorios, observatorios, jardim botanico, hospital da nossa Universidade

debatem-se, quando mesmo não agonizam, na mais tormentosa penuria. E, assim como nada acorda a nossa classe dirigente para o governo economico na nação, e nem pontualmente o parlamento se reune para discutir e votar o orçamento geral do estado, assim tambem, nós, professores, descuidosamente, nos não reunimos anno por anno em congregação e em claustro pleno para elaborarmos e propormos o nosso orçamento universitario. As dotações, dita-as a secretaría do reino, e nós contentamo-nos de as repartir em cada Faculdade, solicitando timidamente. d'onde a onde, o seu aumento. A centralização financeira campeia cá dentro como lá fóra. Na esfera politica, egual paralelismo: a ditadura vem da sociedade até á escóla. A nação não elege os seus governantes? Tambem nós não elegemos o nosso reitor, nem os nossos funcionarios administrativos, que, aliás, até ao menor, deviam ser sempre recrutados por nós ou pelo reitor nosso eleito, e, de preferencia, entre os antigos servidores do ensino, desde os mais modestos. Tudo, de nomeação regia. No governo propriamente

docente, a Universidade tem, sim, direito de eleger os seus professores; nem desse porém usa com toda a liberdade, e, acrescentarei, com toda a justiça e proveito, escolhendo-os entre as mais provadas competencias do país, sem privilegio algum para os seus filhos, ou para os filhos das outras escólas superiores, onde quer que essas competencias se encontrem, que não póde ser, senão excepcionalmente, no esperançoso moço imberbe que, ainda na vespera, frequentava as aulas como discipulo, que ainda não fez obra sua, pessoal, de sciencia, nem tempo teve de provar a sua têmpera de cidadão, que mal poderá ser de pronto governante, porque apenas agora começa a governar-se de per si só. Mas é a mesma vertigem de ascensão que eleva de repente os felizes em Portugal aos logares mais culminantes da nação, perturbando-os capitosamente tanta vez. E, se elegemos os nossos professores, já não temos o direito de constituir livremente o nosso governo interior, elegendo d'entre elles os nossos decanos; ainda acatamos na familia universitaria a prerogativa morganatica, o vinculo de primogenitura, como

se mantem lá fóra para a familia real. E o mesmo poder que lá é discrecionario, edita penalidades contra a liberdade de exame e de discussão, declarando-a um delito e ilegaes os partidos que a revindiquem, conta para a ordem social sómente com o terror dos castigos, suprime as garantias do processo judicial, e persegue, ás pranchadas, os manifestantes pacificos, cá dentro brande sobre a Universidade a ferula do fôro academico, ameaça com a expulsão e perda d'anno os seus alunos, acutila-os, e já se atreveu a demitir o seu secretario e a ratardar a devida promoção dum dos seus lentes para os punir das opinões democraticas honradamente expendidas por um e outro. E fê-lo exactamente, quando o empolgavam na sua mão os mesmos autores da lei de 13 de fevereiro de 1896.

A falta de espirito publico é tamanha nos nossos dirigentes, que nem dentro de cada classe se encontra. E assim estão tambem, em grande numero, dissociados, sem calor e sem incentivo mutuo, os nossos professores. Apenas os de instrução primaria, comprovando eloquentemente quanto podem e valem os pequenos e como é delles

que parte quasi sempre o exemplo das iniciativas salutares, têem reunido congressos, constituiram-se em associação de socorros mutuos, e crearam, por muita parte já, caixas de assistencia dos proprios alunos ás suas escólas. Mas são uma excepção. Nem ao menos os institutos de ensino superior de Lisboa e Porto se acham organizados em centros universitarios, nem na nossa unica Universidade o magisterio estreita relações entre si e com os seus discipulos. Se pouquissimos dos seus membros se dedicam esforçadamente á causa publica, ao povo, como esse, cujo nome, por imposição de reconhecimento, resalta para nós nesta ocasião em que elle está prestes a findar a sua gerencia, tão inteligente e infatigavel e tão proficua, o actual presidente do municipio conimbricense, dr. Manuel Dias da Silva, quão mais raros não são os que se possam apontar como o sabio botanico, abalizado lente tambem da nossa Universidade, dr. Julio Augusto Henriques, que, presidindo paternalmente á Sociedade Philantropico-academica, tem sido nos ultimos annos a providencia dos estudantes desva-

lidos? Em Portugal, o povo e a juventude vêem-se muito sós. E, não obstante, — admiravel condão da nossa raça, feita e humanada nos trabalhos e nos perigos! — em ninguem palpitam tanto os sentimentos de camaradagem entre nós, e são o povo e a juventude portuguêsa que nos vão mesmo efusivamente internacionalizando, aproximando-se do povo e da juventude da nação nossa irmã, a Espanha, donde, em jovial competencia de afectos, já revoam de vez em quando até nós os cantantes bandos das suas donosas estudantinas.

O que disse das liberdades publicas, digo da liberdade do trabalho, que todas as liberdades individuaes resume, a de viver e a de pensar, sentir e agir: ella soffre as mesmas atribulações do regimen social e do regimen educativo. Faltam oficinas ao país? Não faltam menos ao ensino aulas, escólas, Faculdades, Universidades. Faltam tanto, que, assim como temos ahi legiões de famintos de pão, que emigram para longe em demanda de trabalho remunerador, temo-las de famintos de instrução, que, pudessem muitos delles, e emigrariam tambem para melhores terras

á busca de estudos e cultura. O trabalho é excessivo? Não dá diariamente, nem semanalmente, descanço bastante ao corpo e ao espirito do operario? Tão pouco o tempo tomado pelas aulas o dá ao estudante para elle viver, espairecer, avigorar-se, polir-se, e, robusto e gentil, desempenhar-se para com a familia e a sociedade do tributo comum de serventia e de afabilidade de que ninguem deve isentar-se, e que até a uma creança é tão facil pagar-nos bizarramente, porque basta para isso que a deixem sorrir-nos. O lema dos tres 8 veiu mesmo da propaganda da moderna pedagogia para as recentes procissões annuaes do operariado no 1.º de maio. O trabalho, além de excessivo, é, em si mesmo, mecanico, forçado? faz-se policialmente, com um livro de inscrição de faltas e ao toque da sineta na oficina? Tambem na escóla. Numa o chefe talha a tarefa, na outra o mestre marca a lição. Numa impõe-se o modelo, o padrão; na outra o texto. Numa e noutra, operario e aluno estão, a cada momento, submetidos á pressão duma regra uniforme, que aperta, tortura e esmaga, com rigidez de ferro, a

variedade fecunda dos livres movimentos e aptidões das suas faculdades. Na oficina, a repetição invariavel do mesmo trabalho, que hipnotiza e amputa o espirito. Na escola, uma prolixidade, uma pulverização de cada programa, que pouca diferença faz da repetição hipnotizante do mesmo estudo; e, — passada a escóla elementar e passado o liceu, onde ha já diferenciação dos estudos, mas contrafeita e tumultuaria, — no ensino superior, da nossa Universidade, uma estreitura de plano, muito parecida com a invariabilidade do trabalho na oficina, que tem por efeito mutilar, como ella, o espirito, separando os estudos inultrapassavelmente por annos, quando não é mesmo por Faculdades, como se uma sciencia não se pudesse aprofundar especialmente antes doutra, e não houvesse mas é, com a autonomia de cada uma, uma perfeita solidariedade e interdependencia entre todas ellas, de tal modo que o que mais aproveite, por exemplo, a um geologo para se perfazer idoneamente na sua especialidade, póde ser a filologia, ou reciprocamente. Por causa desta erronea e funesta idéa da subordinação dos estudos

e cadeiras, o nosso matematico despreza a fisica, que aplica a matematica, o nosso fisico a mineralogia e a biologia, que aplicam a fisica, e o nosso homem de sciencia a arte e a industria, que aplicam a sciencia. Pois até a arte e a industria não se aplicam, por sua parte, menos á sciencia, e em todas ellas, numa como noutras, se elabora e depura o calculo, a matematica, que não é senão a mais perfeita, a mais lucida, a mais rigorosa e mais subtil linguagem do raciocinio. De certo que entre os diversos ramos da actividade humana ha classificação, mas reversivel, á semelhança do que acontece com a propria arvore natural, onde até os ramos se podem transmudar em raizes e as raizes em ramos. O que não ha, é subordinação deprimente, de maior para menor; como a não ha, de um para outro ramo, entre os profissionaes que os cultivam. São todos homologos, todos irmãos. E a mesma fraternidade devia reinar entre os membros de cada profissão. Mas não; e é ainda a escóla a consectaria da sociedade nesta tirania: uma distribue desegualmente o capital; a outra, a instrução. Se não

existe uma escala de acesso francamente aberta a todos, por onde cada oficial suba a mestre e cada mestre a director de fabrica ou empreza, é mesmo, em grande parte, porque tambem os graus de ensino, primario, medio e superior, não estão liberalmente, democraticamente, hierarchizados. Ha categorias fechadas de estudantes, como de trabalhadores.

Em tudo, eu identifico, no meu pensamento e no meu coração, a imagem da escóla com a imagem da patria, em tudo, nas minhas tristezas pelos seus reveses e decadencia, como na minha inextinguivel confiança no seu resurgimento. E a ambas, confundidas no mesmo amor, dirijo deste logar as mais votivas saudações, muito especialmente a esta minha muito querida Universidade, aos seus professores, aos seus alunos, e ás suas alunas, que lhe vieram trazer, com o encanto educativo das suas graças, o delicado realce dos talentos e virtudes do seu sexo, e a esta saudosissima Coimbra, nossa sempre sorridente hospedeira, que, agora mesmo, ao reabrir das nossas aulas, nos acolhe tão festivamente, espargindo sobre nossas cabe-

ças as folhas d'oiro dos seus lendarios choupos.

O Annuario da Universidade de 1904 a 1905 publicou esta oração inaugural acompanhada da seguinte nota:

— Terminado o discurso do Ex.mo Sr. Conselheiro Dr. Bernardino Machado, o presidente Dr. Avelino Cesar Augusto Maria Callisto tomou a palavra para saúdar pelo seu anniversario S. Magestade a Rainha a Senhora D. Maria Pia, e commemorar os serviços prestados á Universidade pelos illustres professores extinctos no último anno lectivo e princípio d'este, como também para rectificar alguns factos e mostrar a inopportunidade das considerações que os acompanhavam, affirmados no referido discurso. —

Em vista de tal nota, telegrafei ao reitor da Universidade que não voltaria ao serviço da minha cadeira sem me ser dada explicação satisfactoria. Eis as cartas que a esse respeito me foram dirigidas.

Meu caro Bernardino Machado

Recebi a sua carta de hoje, cujo conteúdo foi para mim uma desagradavel surpreza.

Dei conhecimento d'ella ao Sr. Vice Reitor e aos collegas, e todos sentiram muito que V. Ex.ª tomasse tão grave resolução.

Pela minha parte peço licença para lhe dizer francamente que me parece que V. Ex.ª exagéra o seu melindre. Peço-lhe que reflicta serenamente sobre o caso e desista de semelhante proposito. Ainda mesmo que com isso haja

de fazer alguma violencia aos seus sentimentos pundonorosos, esse sacrificio ser-lhe-ha agradecido pelos Collegas e pelos seus discipulos, os quaes, por certo, o Bernardino não deseja abandonar.

Com a maior consideração e a mais dedicada estima sou

de V. Ex.ª
Coll.ª e amigo velho
e obg.mo

Dr. Antonio dos Santos Viégas
(decano da Faculdade)

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Tenho a honra de communicar a V. Ex.ª, por não constar da carta dirigida a V. Ex.ª pelo decano da Faculdade de Philosophia, que a Faculdade resolveu por unanimidade enviar ao Reitor da Universidade o seguinte telegramma que acaba de ser expedido.

— A Faculdade de Philosophia, sentindo a resolução do Dr. Bernardino Machado, communicada a V. Ex.ª, espera de V. Ex.ª todo o empenho em que ella não seja mantida. —

A Faculdade espera que V. Ex.ª, recebidas explicações sufficientes, desistirá da sua resolução, que tanto sentimos.

Aproveitando a occasião, mais uma vez peço a V. Ex.ª que acceite a expressão do meu mais profundo respeito.

De V. Ex.ª
am.º m.to obg.º

Anselmo Ferraz de Carvalho
(secretario da Faculdade)

Ill.mo e Ex.mo Sr. e meu illustre Collega e presado amigo.

Escrevi e disse já a V. Ex.a que tambem eu tomava a responsabilidade do pensamento e intenção da nota, que parecia tel-o aggravado.

Creio porém que, dada a seguinte explicação, V. Ex.a se dará por desaggravado.

A nota exprime a divergencia entre as opiniões de V. Ex.a e as do nosso Collega, Dr. Callixto, bem conhecidas de todos os que assistiram na sala dos Capellos ao acto solemne da abertura da Universidade. Nada mais exprime.

Com esta explicação concordou o nosso Collega Dr. Callixto, a quem, por um impreterivel dever de lealdade, a mostrei.

Espero pois, e sinceramente desejo, que V. Ex.a continue no serviço da nossa Universidade, da qual é um dos seus mais illustres professores.

Como sempre, com toda a consideração e verdadeira estima,

De V. Ex.a
Collega e am.o obrigadissimo
Dr. Pereira Dias
(reitor da Universidade)

4-2-905.

Dr. Joaquim Augusto Simões de Carvalho

SENHORES!

Lisonjeia-me devéras ser o relator da candidatura * do meu sabio lente, o dr. Simões de Carvalho, a socio honorario do Instituto.

Eu sou dos que puderam admirá-lo, quando ainda a sua palavra vernacula, tão abundante como a sua ilustração, revestia as fórmas mais animadas e insinuantes para prender a atenção dos seus discipulos e conduzir-lhes o raciocinio atravez dos complicados problemas da sciencia.

Elle pertencia a uma pleiade de professores que deram o mais intenso brilho ao

* Da iniciativa do autor em 3 de julho de 1896.

magisterio universitario. Emquanto nós, alunos de matematica e filosofia. iamos á medicina ouvir Silva Gayo, a direito Augusto Barjona e a teologia o Padre Albino, muitos alunos das outras Faculdades vinham ás nossas ouvi-lo a elle.

A sua eloquencia não perdia nada das bellas qualidades que a exornavam, quando o escritor se revezava ao orador. O seu livro de filosofia chimica é a um tempo uma obra de sciencia e uma obra d'arte; foi, lendo-o, que, á entrada dos estudos naturalistas, muito dos rapazes da geração que precedeu a minha, e ainda da minha, se apaixonaram por elles até virem a cultivá-los com grande lustre. E do que era a sua prosa, fluente e elegantissima, dão-nos de perto testemunho tantos e tantos artigos com que elle por sucessivos annos honrou a nossa Revista.

Não resisto a duas palavras mais. No trato particular o homem não desdizia um ápice dos primores do mestre; por isso ouvi-lo ou lê-lo era conhecê-lo. A sua figura, naturalmente correcta e nobre, não precisava de se compôr para saír a publico.

Folgo muito de me associar de todo o principio aos meus colegas na homenagem que lhe vai ser prestada.

MEUS SENHORES *!

Venho aqui, coberto de luto pela morte dum dos nossos eminentes homens de sciencia, que foi ao mesmo tempo um dos mais egregios vultos da nossa Universidade, o dr. Joaquim Augusto Simões de Carvalho.

Grande orador e grande escritor, o seu ensino, que fez a instrução e o encanto de sucessivas gerações durante trinta annos ininterruptos, revestia, com as formas mais agradaveis, o tom solene duma verdadeira magistratura social. Com elle, aprendia-se mais do que simplesmente a sciencia; apren-

* Alocução proferida á beira da sepultura, em Coimbra, 15 de junho de 1902.

dia-se a amá-la como um dever, como um bem, e a venerar como sacerdotes os seus mestres. A sua palavra vibrante, comovida, tinha o maravilhoso condão de elevar todos os assuntos á dignidade moral; e, em todas as questões que elle agitasse, sentia-se pulsar fundo no seu coração o interesse humano. Exemplar acabado do professor, foi sempre o humanista, o educador, conscio de que sobre elle impendia com todas as suas graves responsabilidades o sagrado encargo do governo das almas juvenis.

Tudo na sua majestosa figura, até o seu ar antigo, que tão bem se ajustava com a grandeza heraldica das tradicionaes pompas academicas, contribuia para firmar no animo dos discipulos a sua autoridade paternal. Bastava a sua só presença para infundir á sala da aula um aspecto imponente, quasi religioso; e eu, que tive a honra de ser seu aluno, ainda agora o estou vendo na catedra, envolto nas severas dobras da capa doutoral, a alvura das mãos e do rosto destacando sôbre o fundo negro da batina, com a corôa dos seus raros cabelos cingida, como num nimbo, pelos reflexos

brilhantes da sua vasta fronte, nervosamente tenso o corpo todo, quasi sem gesticular, mas extraordinariamente moveis os olhos e a bôca, falando-nos numa melopêa e com uma unção tão penetrante que a sua lição assumia para nós todo o prestigio dum apostolado.

O seu zelo pelo magisterio confundia-se com o seu acrisolado culto pela patria. Serviu-o nobremente pela eloquencia das suas prelecções, pelos seus claros escritos, entre os quaes serão sempre apreciadas como um primor as suas *Lições de Filosofia Chimica*, e pela devoção com que, em todas as ocasiões, celebrou os nossos fastos docentes, assinaladamente no centenario da reforma pombalina da Universidade, a que, com inexcedivel solicitude filial, pôde consagrar um digno padrão de reconhecimento nas palpitantes paginas da sua substanciosa *Memoria Historica da Faculdade de Filosofia*. E, com o peito assim constelado de serviços, quando atingiu felizmente o termo da sua benemerita carreira, quem dos poderes publicos ou das corporações oficiaes acorreu a entregar-lhe, em festiva homenagem, algum dos laureis por elle galhardamente

conquistados em tão porfiosas lides escolares? Quantas vezes, desde então, se ouviu sequer pronunciar o seu nome ilustre?

Ai! como em Portugal morrem depressa os melhores servidores da nação!

Dr. Francisco Antonio Rodrigues d'Azevedo *

MEUS SENHORES!

Vimos, pelo Instituto de Coimbra, render as ultimas homenagens ao nosso socio honorario, dr. Francisco Antonio Rodrigues d'Azevedo, o respeitavel ancião a quem ainda ha poucos dias animavam todas as graças com que a natureza se compraz de exornar a quadra final da vida humana. Um brilho interior parecia coar-se atravez de toda a sua figura tão nitida, resplendendo-lhe no olhar, scintilando-lhe no sorriso e aureolando-lhe a cabeça com o nimbo radioso dos seus bellos cabelos brancos. Do autoritario que elle fôra, por tempera-

* Alocução proferida á beira da sepultura, em Coimbra, 13 de janeiro de 1897.

mento e por educação, o seu grave aspecto tinha-se dulcificado com os annos, tomando os tons insinuantes que tornam a autoridade irrecusavel.

Duplamente venerando, como sacerdote e como professor, o seu nome fica inscrito com honra nos fastos da tribuna sagrada e da catedra docente da nação. Foi sobretudo um orador; e do orador sagrado e catedratico conservou até aos derradeiros momentos o porte nobre, a compostura do gesto com a pureza e elevação da dição. Fazia gosto ouvir da sua bôca, incisiva e sobria, os poderosos acentos da nossa lingua vernacula!

Meus senhores! O Instituto de Coimbra, como representante das letras patrias neste logar, curva-se reverente sobre o feretro dum dos mais encanecidos membros da sua familia.

Dr. Damasio Jacintho Fragoso *

MEUS SENHORES!

A nossa Universidade relembrará sempre com saudade o periodo da sua vida em que um brilhante grupo de theologos, ao qual pertencia o dr. Damasio Jacintho Fragoso, animava o seu ensino com as mais prodigiosas audacias do talento. Distintissimos pelo saber, apaixonavam-nos sobretudo as scintillantes requestas da palavra; e era de ver como, no ardor das refregas, elles proprios sacudiam de si galhardamenre a invulneravel autoridade da sua erudição para melhor patentearem em toda a nudez a pujante musculatura das suas faculdades. Dialeticos admiraveis, tinham mais que

* Alocução proferida á beira da sepultura, em Coimbra, 1 de dezembro de 1897.

ninguem a perspicacia, o engenho e o impeto combatente!

Sucederam-se as gerações, outros nomes vieram ilustrar já tambem os fastos nacionaes das sagradas letras; mas nada pôde ainda empalidecer para o culto dos seus contemporaneos a fama dessa falange gloriosa. E o Instituto de Coimbra, fiel á sua grande memoria, deposita hoje sobre a campa do seu ultimo representante um ramo de imarcessiveis laureis.

Dr. Julio Cesar de Sande Sacadura Botte *

MEUS SENHORES!

Poucas pessoas passarão tão serenamente pelo mundo como o dr. Julio Cesar de Sande Sacadura Botte. Não faltando em nenhum logar e em nenhuma ocasião ao chamamento do dever e ás responsabilidades do seu desempenho, parecia ter sempre o proposito de o cumprir sem ruido, nem ostentação, com o maior desprendimento pessoal, como quem achava em si mesmo, na intimidade da consciencia, a melhor recompensa dos seus serviços.

Mas este retrahimento não era frieza. Ele não sofreu nunca o contagio da aridez

* Alocução proferida á beira da sepultura, em Coimbra, 29 de dezembro de 1899.

do coração, que, em Coimbra, — onde aliás a mocidade e a natureza estão perenemente em festa —, emurchece e definha, que é uma dôr! muitas das inteligencias mais cultas. A sua compostura, genuinamente catedratica, nada tinha, porém, de agreste, antes se amenizava com todos os donaires da mais fina afabilidade; e a sua mão delicada tanto se estendia afetuosamente para os seus eguaes, como era prompta em abrir-se a quem quer que necessitasse da sua generosa proteção.

Na sua palavra revia-se toda a polidez do seu trato. E, pela distinção com que expunha os assuntos ainda mais triviaes ou ingratos, elé foi um dos professores que melhor têem sabido honrar a fidalga tradição de vernaculidade e apuro da linguagem universitaria.

A sua morte arrebata-nos um ilustre homem de sciencia, e, o que é mais, um primoroso exemplar do homem de sociedade e do homem de bem. Eu, que de perto o conheci e devéras o apreciava, ponho nesta homenagem, que venho render-lhe em nome do Instituto, toda a sensibilidade das minhas proprias recordações.

Dr. Augusto Rocha *

MEUS SENHORES!

Com Augusto Rocha desaparece um dos maiores talentos e um dos mais infatigaveis trabalhadores do nosso tempo.

O talento borbotava-lhe na menor conversa. E a quem não tratasse com ele de perto, bastava lê-lo. Na sua prosa, esmaltada de luzentes reflexos metalicos, como uma lamina de vistoso torneio, crepitavam eletricamente as desgarradas chispas da mais exuberante apojadura inteletual. O trabalho a que se submetera desde muito novo, acumulando com o seu curso scientifico e medico serios estudos linguisticos,

* Alocução proferida á beira da sepultura, em Coimbra, 31 de janeiro de 1901.

historicos e filosoficos, exercitando-se na polemica e no atletismo dos mais brilhantes centros da academia do seu tempo, e tenteando o seu pulso de escriptor para as publicações da edade madura, entre as quaes só citarei, para prova da sua inquebrantavel perseverança, a *Coimbra Medica*, que redigiu durante vinte annos consecutivos, sem a mais pequena suspensão, pontualissimamente, quasi até expirar, o trabalho encarnara-se-lhe tão profundamente, que, ao ter nos ultimos dias de romper com elle por imposição formal dos seus dedicados colegas assistentes, as lagrimas saltaram-lhe dos olhos.

Por isso, sempre de ponto em branco, elle pôde, ainda nas aulas, medir-se com outros espiritos de eleição, como eram, para não falar senão dos mortos e dum quasi de todo oculto na penumbra da sua modestia, os seus condiscipulos Antonio Maria de Sena, Joaquim Antonio da Silva Sereno e Joaquim Urbano da Costa Ribeiro, e pôde, logo á entrada da sua carreira clinica, terçar armas, sem desfalecimento nem desaire, com personalidades já consagradas, do maior vulto.

E em Augusto Rocha o homem de sciencia duplicava-se dum artista. A garridice da sua figura, coroada docemente pela fluidez dos seus ondeados cabelos loiros, e, mais que aprumada, tocada dum certo ar triunfal, realçava com um mixto de desplante e de graça infantil o entono da sua esmerada dição, ampla e nitente; e, ainda que, pela ponta de altaneria que ostentava, cheio de emulação, sempre em riste, atirando-se volutuosamente e sofregamente a todas as arenas, estimulasse um tanto o seu auditorio á primeira impressão, não havia ninguem, por mais prevenido e hostil mesmo, que elle não acabasse por magnetizar e seduzir com as galas e fulgores do seu opulento engenho. Viu-se bem no recente Congresso nacional de medicina celebrado em 1898 em Lisboa, onde foi verdadeiramente empolgante ao ler a sua formosa memoria sôbre a *Influencia dos congressos na constituição scientifica da medicina*.

Em publico é que ele gostava de se ver. Tinha a paixão scenica. E, se algumas vezes o seu animo militante o levou, por amor a um gesto de efeito, a cometer

injustiças, só quem não viveu na sua intimidade, é que não sabe, como, arrefecendo, o enfrenesiamento do ataque cedia nelle de chofre a uma simples palavra amiga que falasse austeramente á ingenua docilidade do seu carater.

Foi um lutador. Catedratico, deixa ilustremente assinalada no magisterio a sua inovadora passagem por importantissimos serviços, em que avulta a creação do laboratorio de bacteriologia da Universidade, o primeiro do seu genero instituido no país; e não limitou a sua campanha a dentro das paredes da sua aula, acudiu num lance inolvidavel a esta cidade, presa de uma cruel epidemia, e, tanto aqui como fóra, a nação achou-o sempre pronto a tomar o nobre posto que lhe competia na sagrada defesa da vida dos seus concidadãos. Nos fastos patrioticos da nossa Universidade está insculpida com letras de oiro a data do Congresso nacional de tuberculose, que, simpaticamente iniciado por discipulos seus, foi principalmente a obra compassiva da sua poderosa participação. Se semeou agravos, nenhum de certo se levanta hoje para contestar que elle foi um lutador valo-

roso, que, acima de tudo, lutou pelo progresso da sciencia e da patria.

A morte, fulminando-o rudemente no coração, veiu lembrar a todos que elle o tinha, e retalhado por tanta angustia, — até pela maior de todas, a de perder um filho! — que bem merecia, ao depôr as armas de combate, o lenitivo de ver estenderem-lhe as mãos, sem o minimo resentimento, num cerrado preito de admiração, os seus adversarios ainda os mais intransigentes. E pôde talvez, nas azuladas brumas do seu crepusculo, parecer-lhe que iam despontar de novo para elle os candidos dias de outr'ora, de amor e de aspirações infinitas, da sua sanguinea mocidade, voltando a encontrar ao seu lado, junto ao seu coração moribundo, o coração palpitante, ardente e generoso dum dos seus melhores condiscipulos, que é hoje honra e gloria da Universidade e da medicina portuguêsa, o dr. Daniel de Mattos!

Meus senhores! Eu tambem fui seu condiscipulo, estudámos muita vez á mesma banca, alumiados pelo mesmo tradicional candieiro, idealizámos nos mesmos passeios, de gorro e capa ao vento por esses

deliciosos campos fóra, vivêmos em commum esta feiticeira vida de estudantes que irmana para sempre os homens com laços que nada já póde destecer... Nada, nem a morte!

Dr. Bernardo Antonio Serra de Mirabeau *

MEUS SENHORES!

O dr. Bernardo Antonio Serra de Mirabeau, cuja rija compleição, mais ainda que a edade, a cruel doença acaba de prostrar, foi, além dum catedratico emerito, austeramente consagrado ao diuturno desempenho do seu magisterio, um fervoroso crente na virtude soberana do ensino, em que por si proprio procurou multiplicar-se, mostrando-se tão insigne na regencia da ardua especialidade que tinha oficialmente a seu cargo, como na larga doutrinação humanista que livremente professava para a disciplina geral da juventude.

* Alocução proferida á beira da sepultura, em Coimbra, 13 de janeiro de 1903.

Por isso, pelas viris esperanças que punha nas nossas instituições docentes, ninguem conhecia melhor a vida de cada uma, sobretudo a da sua Universidade, que elle amava religiosamente, como bem lho demonstrou na devoção dos seus serviços, entre os quaes sobresae pela magnitude a sua *Memoria Historica da Faculdade de Medicina* a que pertencia, monumento pedagogico do mais puro classicismo, erguido com todo o carinho literario pelas suas mãos piedosas. E com que fremente enlevo elle associava sempre as nobres tradições heroicas da academia de Coimbra aos gloriosos épos do nosso imorredoiro genio nacional! A solene intimativa do seu gesto um tanto marcial imprimia então um grave acento de irresistivel transporte á sua poderosa palavra, diserta e castiça, acendendo de novo na sonoridade da sua voz os eloquentes brios que, logo na adolescencia, entre condiscipulos, na sua lendaria Beira, lhe haviam aditado ao apelido da familia um cognome celebre. É que, sob o severo aspecto daquele erudito sabio, palpitava insofridamente um coração generoso de liberal e patriota, que saberia, em qualquer

lance, solver com a maior hombridade todas as sagradas obrigações d'honra do cidadão.

Não se eximia a nenhuma, por grande ou minima que fôsse. E nem o seu animo bizarro era capaz de se cerrar, indiferente, ás solicitações de ninguem; posso, com sobejo motivo, atestá-lo, eu, que, na qualidade de presidente do Instituto, de que elle era muito digno socio honorario, e pessoalmente, como seu amigo, tanta vez recorri aos seus desinteressados bons oficios sem nunca lhe esgotar a infatigavel complacencia. Ai, nestes tristes tempos, em que o grosseiro e letal egoismo das nossas classes dirigentes tudo e todos ameaça contaminar, que imensa falta não faz ao nosso anciado meio a figura assim espiritual dum homem superior, exemplarmente fiel ao dever e ao bem, que, sem orgulhos, na simplicidade estoica da sua existencia, de todos os labores e canceiras parecia sentir-se bastante recompensado só pelo prazer de, aos domingos, desenclausurado das suas absorventes ocupações, atravessar, entre os respeitos geraes, as ruas da cidade, aprumando-se ternamente ao braço gentil da

filha amantissima! Tocante quadro, que não esquecerei jámais.

Meus senhores! Com o dr. Serra de Mirabeau, não é só um dos ultimos ilustres representantes duma geração valorosa que desaparece; vai-se tambem cada vez mais com esses venerando velhos o culto do ideal.

Dr. Pedro Augusto Monteiro Castello Branco *

MEUS SENHORES!

Com a morte do dr. Pedro Augusto Monteiro Castello Branco desapareceu d'entre nós uma das personalidades mais geralmente queridas, e que mais falta fazem neste meio d'intelectuaes, onde é forçoso confessar que a paixão das idéas, desprendendo-se por vezes de todo o liame social, desperdiça muito do seu poder militante em deploraveis excessos e conflictos. Elle era um salutar exemplo de quanto a bondade governa os espiritos, ainda os mais irrequietos e dificeis de disciplinar. Estimado sempre pela nobreza do seu caracter, foi na escola da vida publica que se lhe acen-

* *O Instituto*, fevereiro de 1903.

draram e desenvolveram as tendencias do seu animo naturalmente generoso, e que elle adquiriu o largo conhecimento dos homens e aquela delicadeza de tacto que tornavam tão procurado o seu conselho e tão penetrante e eficaz a sua bôa influencia. Habitando um arrabalde, d'ares lavados como o seu coração, a sua casa oferecia a quantos lá iam, um centro moral, quasi unico, de benevolencia e apaziguamento, não menos higienico do que o proprio sitio. Dir-se-ia que elle escolhera de proposito para residencia uma cumiada, donde abraçasse com a vista os poeticos encantos de Coimbra, sem nada poder de lá distinguir das suas mesquinharias, e que na beleza dessas grandes linhas, que contemplava, embevecido, a sua alma afectuosa se inspirava incessantemente para a obra de união e cordialidade a que se devotara.

Da vida, tão portuguêsmente leal e dedicada, do dr. Pedro Augusto Monteiro Castello Branco colhamos todos a preciosa lição civica que ella encerra, e assim prestaremos a melhor homenagem á sua memoria saudosissima.

Dr. Antonio Augusto da Costa Simões *

MEUS SENHORES!

O que um só homem póde fazer pela nação, á força de imperterrito labor e de inabalavel fé no seu ideal, demonstrou-o sobejamente o dr. Antonio Augusto da Costa Simões, o sabio de reputação universal e o filantropo modelar, que, ha muito já, precocemente emaciado pelo enclausuramento do estudo, brancas as barbas, na sua figura austera, que um sorriso de candura iluminava, concentrara mais do que os respeitos, a unanime veneração dos seus contemporaneos.

A prodigiosa actividade daquele rijo espirito marca, pela sua orientação moderna,

* Alocução proferida á beira da sepultura, na Mealhada, 28 de novembro de 1903.

liberal e altruista, uma epoca de profunda renovação do ensino e de importantissimo desenvolvimento da assistencia publica no país. Medico, teve, acima de tudo, duas altas e nobres ambições: como professor, cimentar a independencia intelectual das classes dirigentes, iniciando entre nós, pelo rasgado exemplo do trabalho prático, pessoal, de mestre e discipulos, na sua aula de fisiologia geral, uma sciencia nossa, original, devéras portuguêsa; como clinico, melhorar a sorte das classes desvalidas, nas crises sombrias da doença, promovendo e aperfeiçoando humanitariamente a sua hospitalização.

A esta dupla campanha patriotica se dedicou tenazmente, entranhadamente, sem ter nunca um momento de cansaço ou de desanimo, com uma disciplina inquebrantavel, militar, na serena beatitude dum apostolado. Por isso ninguem ainda foi mais justamente querido da nossa briosa mocidade escolar, que, ao cerrar-se para o ilustre catedratico a sua benemerita carreira docente oficial, o aclamou em triunfo, celebrando em sua honra, na majestosa sala dos capêlos da nossa Univer-

sidade, um solene jubileu; ninguem mais justamente querido do nosso bom povo, que de Coimbra vinha aqui em romaria nos ultimos annos a alegrar-lhe a velhice com a musica festiva das suas fanfarras. E agora mesmo vemos dolentemente encorporados no seu cortejo funebre, para comnosco lhe tributarem as derradeiras homenagens de gratidão e saudade, as carinhosas deputações de operarios e de academicos, que não quizeram tambem deixar de acompanhar devotamente o seu cadaver até este modesto cemiterio, que a sua sepultura vai tornar por todo o sempre sagrado para o culto civico da nação.

Assim se reconhecem, meus senhores, os grandes homens, que têem de ser grandes sobretudo pelo seu poder de atracção e de solidariedade social.

Dr. Alfredo Filgueiras da Rocha Peixoto *

MEUS SENHORES!

Parece-me que foi ainda hontem que, logo á minha entrada na Universidade, ouvi o nome de Alfredo Filgueiras da Rocha Peixoto gloriosamente repetido na sala dos capêlos entre os dos alunos mais laureados das duas Faculdades de mathematica e de filosophia simultaneamente. E, dentro em pouco, na camaradagem academica, e, mais tarde, como seu colega, no magisterio, no Conselho superior de instrução publica e no parlamento, eu pude, por mim mesmo, apreciar de perto, no seu intimo convivio, quanto elle merecia o alto conceito que dos seus prometedores

* Alocução proferida junto ao feretro, em 3 de agosto de 1904.

dons haviam formado, com seguro criterio, os seus sabios mestres. O seu talento só tinha egual na sua emotividade; e tanto eram para admirar as subtilezas dialecticas de argumentação que, com privilegiado engenho, elle punha ao serviço das suas paixões, ou antes quasi sempre, das suas dedicações, como o ardor febricitante de polemista com que inabalavelmente propugnava pelas suas idéas.

Em meio, porém, de tão intensa vida da inteligencia e do coração, cujas forças, já de si excessivas e arrebatadas, o seu impetuoso temperamento ainda mais exaltava, elle caía, por vezes, em desfalecimentos profundos, como se, alheado então deste mundo, o estivesse irresistivelmente atraindo para si a imagem saudosa dos entes queridos que começara a perder desde muito novo.

Foi num estado desses que o encontrei ha dias. E lembrou-me a poetica figura do seu loiro irmão Artur, nosso alegre companheiro de juventude — que elle tratava com o carinho de primogenito — fulminado aqui pelo tifo, em plena florescencia, quando todas as esperanças de felicidade lhe sorriam docemente...

Mas como eu estava longe de imaginar a tremenda catastrofe que, a breve trecho, o havia de angustiosamente arrancar a elle d'entre nós, deixando-nos imersos numa incomensuravel tristeza!

Dr. Joaquim Augusto de Sousa Refoios *

MEUS SENHORES!

Que grande, que tremenda desgraça! O dr. Sousa Refoios não era só um dos nossos primeiros medicos operadores, gloria da sciencia e do magisterio português, era tambem um valoroso patriota, cujos intrepidos serviços á causa da liberdade contra a reacção não devem ser esquecidos.

Só a demencia seria capaz de atentar contra uma vida tão preciosa e benemerita, que bastou soar a noticia de que ella perigava, para logo Coimbra inteira, alvoroçando-se, num estremecimento que reper-

* Alocução proferida junto ao feretro, em 5 de dezembro de 1905.

cutiu de golpe por todo o país, se precipitar em éstos doloridos para a sua porta, á busca duma esperança, e torturada por não poder ir á cabeceira do seu leito, que os seus ilustres colegas cercavam desveladamente, levar-lhe ao menos o cordial da simpatia popular em troca do curativo e da saude que tantas vezes recebera da sua inexcedivel pericia clinica. E até o clamor das revindicações e das discordias sociaes se suspendeu na praça publica, para que nada perturbasse o silencio religioso da nossa anciedade, ai! bem depressa transformada no mais lancinante desengano.

Como este tragico acontecimento, meus senhores, é tristemente de natureza a aconselhar-nos a cordialidade, a tolerancia reciproca, em contraposição á loucura da perseguição e da violencia, que tanto ataca os individuos como os partidos, ameaçando ferir de morte a unidade secular da alma nacional!...

Dr. Antonio Henriques da Silva *

MEUS SENHORES!

Vizeu era, ao tempo da minha mocidade, um centro de intensa convivencia, onde não só se encontravam o bispo Alves Martins, o orador sagrado conego Martins, os Campos, os Mendes, mas onde os simples elegantes coleccionavam com amor as obras e as reproduções dos grandes mestres da pintura e da escultura, e até as senhoras eram tão artistas como D. Maria do Ceu Mendes e tão instruidas como D. Eugenia Vizeu.

* Alocução proferida junto ao feretro, em 11 de maio de 1906.

Foi nesse meio espiritual que decorreu a adolescencia do dr. Antonio Henriques da Silva. Quando então o conheci, achava-se elle no momento critico em que, pela força liberal da sua cultura literaria, ia separar-se para sempre dos estudos teologicos que frequentara com a maior distinção no seminario diocesano. Coimbra e a sua Universidade atraíam-no.

Aqui estreitámos mais tarde relações, sendo elle já lente abalizado de direito penal.

Da cátedra, para honra sua e da sua Faculdade, o dr. Henriques da Silva professou convictamente, eloquentemente, com todo o humanismo moderno, as mais caroaveis e redentoras doutrinas. E sempre, dentro e fóra da aula, o aprumo da sua figura se impoz cortezmente a todos com o mais fino destaque. Foi um professor e foi um homem egualmente primoroso.

Por isso, eu, que apreciei de perto os seus talentos, o seu saber e a esmerada correcção do seu caracter, não podia rememorá-lo condignamente, sem evocar tambem, á sua volta, a polida sociedade em que primeiro desabrochou a sua alma, nessa

sua querida Vizeu, a que a lendaria cava de Viriato e os bellos quadros de Grão Vasco dão um fundo historico e uma decoração estética de tão nobres e delicadas emoções...

João Rodrigues Vieira *

MEUS SENHORES!

Corta o coração ver cair de golpe no chão do cemiterio algum dos nossos mais vigorosos companheiros de trabalho, sobre quem a vida apenas projectava os primeiros alvôres da felicidade. E João Rodrigues Vieira merecia-a bem, até pela sua efusiva confiança nella!

A sua figura, cheia de animação, mas a um tempo jovial e modesta, não havia ninguem a quem não cativasse! Artista de talento, impregnava sempre as suas relações sociaes duma delicadeza penetrante; como se a sua alma afectuosa possuisse o condão de concentrar em si todo o per-

* Alocução proferida á beira da sepultura, em Coimbra, 6 de janeiro de 1898.

fume das flôres que tão predilectamente lhe inspiravam as risonhas tintas da sua palêta.

Nós, os seus consócios do Instituto de Coimbra, devemos-lhe uma convivencia encantadora, que não olvidaremos jámais.

Dr. Francisco Antonio Diniz *

MEUS SENHORES!

Venho trazer aqui as saudosas homenagens do Instituto de Coimbra ao nosso consocio fundador, o dr. Francisco Antonio Diniz, que, falecido em tão provecta edade, se lhe conservou sempre até morrer tão fielmente devotado como nos tempos mais efusivos da sua creadora juventude.

Decano do magisterio secundario, a elle se deve, sem duvida, a iniciação do ensino pratico das linguas vivas no liceu de Coimbra. E, quando se olha ao atrazo em que, a este respeito, nos achamos ainda em Portugal, é bem justo reconhecer que a sua iniciativa pedagogica representa um

* Alocução proferida junto ao feretro, em 12 de janeiro de 1907.

criterio renovador verdadeiramente revolucionario para a rotina gramatical da sua epoca.

Filho do povo, dir-se-ia que no povo, no seu inteligente realismo e no seu fecundo espirito de ordem e de economia, tanto espiritual como material, elle se inspirava para a severa disciplina prática com que conseguiu não só ser por tantos annos um excelente professor moderno, mas conjuntamente realizar estas duas obras tão dificeis, educar eficazmente até ao mais honroso exito uma familia numerosa e viver sem uma crise de doença, sem nenhum abatimento fisico ou moral, uma vida quasi centenaria sempre prestantemente para os seus concidadãos.

A sua inquebrantavel actividade espalhou-se em incessantes serviços mesmo para além de Coimbra; mas sobretudo a esta cidade, sua terra natal, que todos os dias percorria com amor, elle consagrou benemeritamente a sua existencia laboriosa, e, pela sua parte, o Instituto de Coimbra, que tenho a honra de representar, não o podia esquecer.

O licenciado Alberto Pessoa *

MEUS SENHORES!

A cruel doença acaba de arrebatar-nos de golpe, na plenitude da fôrça, um dos espiritos mais activos, mais cultos e prestantes, da nossa sociedade.

Devéras dedicado á sua terra natal, a esta sorridente Coimbra, cujos progressos acariciava com deleite, Alberto Pessoa, á frente dum importante estabelecimento anexo á nossa Universidade ** e duma afamada casa de educação que fundara, serviu exemplarmente, com desinteresse e nobreza, a sagrada causa do ensino nacional.

* Alocução proferida á beira da sepultura, em Coimbra, 23 de fevereiro de 1900.

** A Imprensa da Universidade.

Mais que modesto, austero para comsigo, se, pela recta conformação do seu procedimento, o seu caracter se impunha ao respeito geral, a sua delicada singeleza insinuava-se brandamente na intimidade, careando-lhe as simpatias de quantos com elle tratassem de perto, especialmente das creanças, dos seus discipulos, em cujo convivio a palidez um tanto severa da sua fisionomia parecia aquecer-se e colorir-se com os mais dôces clarões da sua cordialidade.

O Instituto de Coimbra deveu-lhe, como funcionario publico e como consocio, serviços inapreciaveis, que venho relembrar neste angustioso lance com um reconhecimento que tem muito tambem de pessoal.

Dr. João Jacintho da Silva Corrêa *

MEUS SENHORES!

Nenhuma colectividade vive e se engrandece senão pela união simpatica dos seus membros. Desde o cristal até ao organismo e desde o organismo até á sociedade, o progresso consiste sempre num aumento d'atracção, de solidariedade, de cordialidade. Toda a instituição que se divide, que se atomiza, sem laços comuns, sem convivencia mutua, sem espirito corporativo, sem amor, esfacela-se e morre. Por isso, a maior crise de que sofre entre nós o ensino, desde a escola primaria até á

* Discurso proferido no jubileu celebrado a 30 de julho de 1903, na sala dos actos grandes da Universidade de Coimbra, por iniciativa dos quintanistas da Faculdade de medicina.

superior, é uma crise moral. Faltam-lhe bibliotecas, museus e laboratorios? Faltam livros nas suas bibliotecas, exemplares e modelos nos seus museus? São insuficientes e pobres os seus laboratorios? Peor, muito peor, é a sua penuria afectiva. Onde se congregam e fraternizam os seus professores? Onde os seus alunos? Em que reconfortante ágape espiritual uns e outros comungam e se consubstanciam entre si?

Estamos no ensino como no governo da nação: salvo raras excepções, os governantes pouco se importam com os governados, mal os conhecem, tiranizam-nos a cada passo; reciprocamente, os governados não respeitam nem estimam quasi nunca os governantes, e ao despotismo de cima responde a má vontade e a rebelião de baixo. Quantos professores procuram os seus discipulos, conversam e discutem com elles, os acompanham nos seus passeios, presidem aos seus jogos, os ajudam nos seus trabalhos, e os aconselham e precaveem contra os faceis desvaríos da sua edade? Quantos é que exercitam assim, com solicitude, carinhosamente, delicadamente, as suas funções docentes? A pro-

pria aula é ainda muitas vezes um logar, não de colaboração e d'intimidade, mas de distanciamento, d'arrefecimento. Pois nenhum ensino é completo e eficaz, se não fôr tambem uma disciplina social. O magisterio é ao mesmo tempo uma magistratura. As leis que, acima de todas, cumpre á escola demonstrar, são as leis do dever, da assistencia, do altruismo. Ora essa demonstração ha de dar-se como a das leis fisicas. Nem umas, nem outras, se podem aprender senão experimentalmente, praticamente. A virtude estuda-se como se estuda o exigeneo, preparando-o.

Infelizmente nem na nossa historica Universidade, que tantas lições edificantes encerra nos seus gloriosos fastos, o geral dos alunos se preparam cabalmente, se formam para o honrado desempenho das suas obrigações domesticas e publicas. Mas quem véla de perto pelas suas acções? quem, dia a dia, com mão protectora, os sustenta e incita e encarreira para o bem? Ai! Desde a moradia insalubre até á frequentação dos vicios, a todos os perigos estão expostos nesta tão veneranda como abandonada Coimbra. Parece incrivel, mas

é verdade: não se julga mesmo haver o direito de lhos apontar. E, quando o seu generoso sangue juvenil lhes acende assomos de dedicação, pelos necessitados, pela patria, nem por si proprios lhes é permitido educar-se: a sua liberdade assusta, os poderes publicos dispersam-nos, ameaçam-nos, prendem-nos, acutilam-nos, fazem fôgo sobre elles. Hão de servilmente acorrentar-se ao cortejo dos poderosos, aclamando-os na sua passagem; e, então sim! premeiam-se com feriados. Corrução e opressão, eis o sistema que, insistentemente, por toda a parte, intenta reger-nos.

D'ahi o abatimento do ensino e da nação.

Como havemos de reagir? Pelo nosso civismo. Tal é o alto sentido desta festa encantadora. Ella mostra-nos como é possivel, sem lutas dilacerantes, sem agressões e represalias pessoaes, operar-se a profunda revolução dos nossos costumes. Fê-la, na esfera da sua actividade, serenamente, candidamente, pelo seu espirito liberal e benevolo, ao andamento natural da sua vida, não perdendo nunca a ocasião de dispensar um serviço, de pronunciar uma palavra animadora, sorrindo sempre afa-

velmente, como um delicado e como um crente, fê-la, quasi insensivelmente, o Dr. João Jacintho da Silva Corrêa, o professor exemplarissimo, que, ainda muito moço, logo ao tomar posse da sua cátedra, a todos inspirava já inteira confiança pela sua probidade scientifica e profissional, e, desde então, sem pedanterias, sem o minimo autoritarismo, modesto e tolerante como um verdadeiro sabio, foi grangeando uma autoridade incontestavel, que de professor oficial dos seus discipulos em breve o converteu em seu professor dilecto, em seu professor eleito. Hoje se celebra aqui solenemente esta eleição.

Querem maior revolução? E' a mocidade academica a dizer aos seus lentes, pela consagração dum dos melhores d'entre elles, que tambem tem sensibilidade e coração, a que é preciso falar, que tambem pensa por si e tem uma opinião, que é preciso consultar e merecer. É, em suma, a revindicação da personalidade livre do aluno, base imprescindivel da dignidade do cidadão. Porque as franquias da nação, a sua autonomia e independencia, têem de conquistar-se desde as bancadas escolares.

Meus senhores! Estes é que são para a nossa querida Universidade os seus grandes dias de gala, em que ella póde, com orgulho nos seus mestres e alunos, consciente do dever cumprido na sua missão civilizadora, hastear jubilosamente, ao alto da sua nobre torre, a bandeira augusta da patria. E eu não só como seu professor me sinto entranhadamente comovido com tão galhardos festejos. Eu, que já fiz parte duma das gerações novas que, durante trinta annos consecutivos, o Dr. João Jacintho da Silva Corrêa, com inalteravel prestança e ternura, esteve beneficiando, dentro da aula com o seu amoravel ensino, tão avisado, fortificante e puro na doutrina como primoroso e cortez na fórma, e cá fóra com os mais compassivos cuidados, medico do corpo e medico da alma, eu venho, como antigo estudante, associar-me entusiasticamente aos meus jovens camaradas, os briosos quintanistas da Faculdade de medicina, para dar tambem ao ilustre clinico e bemfeitor o meu voto de saudação e fiel reconhecimento.

Anthero de Quental *

Minhas senhoras e meus senhores!

A Universidade não é só a escola oficial a que tenho a honra de pertencer, mas tambem a não menos gloriosa escola mutua dos seus alunos a que ainda hoje pertenço pelo afecto e pela saudade.

São elles que, discutindo tudo e apaixonando-se sempre pelas mais nobres soluções, tanto nos sacodem os nervos entorpecidos com a graça scintilante das suas risonhas ironias, como, nas horas graves do perigo, avançam intrepidamente a defender com a sua palavra e com o seu braço a honra e os direitos dos cidadãos.

* Alocução proferida na presidencia da sessão solemne celebrada em honra de Anthero de Quental pela academia de Coimbra, no Instituto, em 29 de maio de 1899.

A Academia de Coimbra tem sido um permanente fóco de agitação patriotica. E — se ainda hoje o amor das nossas coisas a não leva devotamente por esses campos fóra a estudá-las tão de perto como seria necessario para ella dar toda a côr da sua originalidade ás nossas lucubrações scientificas — no estudo pessoal dos melhores autores, feito com toda a curiosidade da sua viva inteligencia e com todas as simpatias do seu coração ardente, tem haurido as mais puras inspirações para a renovação do espirito nacional.

Não ha na Universidade uma Faculdade de letras? criam-na os seus alunos nas suas palestras e nos seus escritos, e raro será no país o movimento literario que não parta de Coimbra. A Universidade não possue um ensino filosofico, um ensino historico e moral bastante? professam-no elles entre si, e dos seus galhardos torneios saem já armados cavaleiros dos novos ideaes os mais destros lidadores.

Assim tem vindo a Academia de Coimbra a demonstrar que a lei soberana dos estudos é tambem a liberdade e a fraternidade.

Numa Universidade quer-se que todos dentro della estejam entre si unidos, como se constituissem uma só familia, tendo uns pelos outros, professores e discipulos, o carinho de irmãos, fraternalmente e liberalmente unidos no culto da verdade, acima da qual não ha logar para mais nada, porque, se a Universidade, como toda a gente, deve o seu respeito ás instituições vigentes que representem legalmente a vontade da nação, ella não é nem um partido, nem uma seita, não está escravizada a qualquer dogma politico ou religioso, não jura por nenhum, antes é egualmente seu indeclinavel dever examiná-los todos sem escrupulos para bem poder desempenhar-se da sua missão de suprema preceptora nacional, a quem principalmente compete esclarecer a consciencia publica. A verdade não se conquista senão pela livre iniciativa individual.

Prodigioso agitador de idéas e de sentimentos, ninguem encarnou melhor este espirito universitario do que Anthero de Quental, ninguem lhe foi mais fiel durante toda a vida. Póde mesmo dizer-se que elle viveu sempre a vida singéla, ingenua e

altiva, de independencia e de cordialidade, dos bons tempos de Coimbra. Associação e liberdade, acentuava elle aqui em rapaz, taes são os unicos principios salvadores do mundo moderno; e nunca mais cessou de o repetir em toda a parte, com a sua logica cerrada e empolgante, não como quem reclamava um privilegio delicado das classes dirigentes, que reservassem para si tambem a posse e o gôso dos bens moraes, mas como um direito sagrado de todos, inherente á dignidade humana. Simples estudante, revindica-o para todos os que pensam e sentem; cidadão, para todos os que trabalham.

A sua voz, inflamada de comoção, de uma sonoridade que ninguem mais teve depois de Herculano, em lance algum deixou de vibrar em prol dos humildes, exigindo dos poderosos que, pela sua probidade, repartissem com elles os frutos do patrimonio comum, unicamente confiado em deposito á sua guarda e recta administração, e não amortizado ao seu egoismo.

Mas era sobretudo pelo proprio esforço, pela sua instrução e educação, que elle esperava que o povo havia de melhorar de

sorte. O seu largo e terno socialismo tinha raizes profundas no seu rigido liberalismo.

Começa a sua carreira, escrevendo, aos dezoito annos: « Um dos grandes sintomas de regeneração e progresso moral do seculo em que vivemos, é sem dúvida o desvelado carinho com que, quasi por toda a parte, cuidam grandes e pequenos com interesse e desinteresseiramente no melhoramento e instrução do povo. » « Remissa e vagarosa, porém, vai a instrução por essa bôa terra de Portugal; e ai de nós, se não se atende a este grave mal com prontos remedios, ai de nós! » Preside em 1871 ás notaveis conferencias populares do Casino. E, em 1890, pouco antes de desaparecer, exclama: « Esse dinheiro que o povo português, num impeto de paixão patriotica, vai dar sem contar para inuteis armamentos, melhor se empregaria no fomento da instrução publica. »

Apostolo da educação popular, quer uma educação « pratica, efectiva e verdadeiramente democratica, em que os trabalhadores, pelo estudo e pela gerencia dos proprios interesses, pela revindicação dos seus pro-

prios direitos, adquiram a consciencia da sua posição. »

E elle mesmo põe ao serviço docente do povo as suas extraordinarias faculdades, e, para melhor o servir, abre-lhe os inesgotaveis tesoiros da sua convivencia, tão rica de sublimes ensinamentos. Ao seu lado é que a democracia portuguêsa ensaia alguns dos mais rasgados vôos com que busca alar-se a toda a altura dos seus augustos destinos.

Meus senhores! Nenhuma outra memoria merecia mais a veneração da mocidade coimbrã do que a do lendario academico, do filosofo, panfletista e poeta, que foi a fôrça dirigente, protestante e renovadora, mais prestigiosa do seu tempo, aqui em meio dos seus lentes, lá fóra em meio dos poderes oficialmente constituidos. Elle é que foi sempre a autoridade!

E exerceu-a, sobretudo, pela magia pessoal da sua bondade, atraíndo as almas a um novo ideal de justiça, que, primeiro do que ninguem entre nós, elle cantou nas suas odes, ideal heroico, que manda fazer o bem, ainda que por elle nos sacrifiquemos, sem esperança de outra vida que não seja a vida da comunidade em cujo

seio amantissimo fômos gerados. « O drama do ser termina na libertação final do bem » eis a sua síntese da moderna doutrina.

Os amigos intimos de Anthero de Quental chamaram-lhe santo; e de facto elle só dum pecado póde ser acusado, é da sua abnegação até á extrema deshumanidade para comsigo.

.....

Meus senhores! São aridos e tristes os dias que vão decorrendo. Chega ás vezes a parecer que não ha em Portugal logar para os homens de bem, e que elles se acham para ahi reduzidos a um ignominioso proletariado da virtude, condenado tambem, por falta de trabalho, a emigrar ou a morrer. Mas não! Com o nosso genio nacional, senhor duma das maiores fôrças historicas da civilização, e com as riquezas territoriaes que ainda nos restam das nossas seculares prodigalidades, nada é para desesperar.

Tenham fé! Olhem que não estão sós. Ha alguem que, dia a dia, obscuramente mas indefessamente, lida pelo futuro da patria. É o nosso bom povo trabalhador. Trabalhem com elle e ponham-se á sua frente, que a nossa salvação será certa.

João Penha *

A' tarde, depois de jantar, eu era um dos mais assiduos frequentadores do gabinete de trabalho de Crespo; e contasse que, em faltando algum dia, já um bilhete delle, incisivamente convidativo, me vinha chamar ás nossas leituras e aos nossos largos passeios, *ad agros,* como dizia João Penha.

Moravam ambos numa das casas das bôas senhoras Seixas, na mais pequena, um pouco recolhida da rua, a mesma, onde morara tambem Alvaro do Carvalhal — que estou revendo, com os seus grandes olhos mortiços, o pequeno bigode descaído e os lisos cabêlos, mais negros do que a sua capa e batina, a destacarem funereamente sôbre a palidez exangue do rôsto — e onde morava

* Escrito para um numero especial da *Chronica,* em 8 de janeiro de 1902.

ainda Alberto Braga, o inexhaurivel, o inegualavel conversador, naquella alcantilada Couraça de Lisboa, por onde eu, na minha vibratilidade, nunca subia sem a mais dôce comoção, a olhar para a beleza tocante da paisagem, e a enlevar-me, já de longe, na convivencia de tão bellos espiritos. Quantas lembranças ella me evoca! Mal se saía d'entre os Palacios Confusos, logo na volta, a casinha branca, que mais parecia uma capella, da familia Vianna, mãe, filha e filho, o joven Antonio Vianna, grupo de pureza tão estética; depois, a livraria do famoso teologo dr. Motta Veiga, estudando copiosamente á janella; depois, num rez-do-chão, a mais loira das mulheres, com as mais doiradas das creanças, a enfeitar chapeus de senhoras; defronte dos dois poetas, a Mimi das *Miniaturas* de Crespo; e, para cima, a esbaterem-se nas brumas do misterio, o helenista Moraes e o retorico Borges de Figueiredo.

Como tudo está hoje tão mudado! Só não mudou a encantadora paisagem do Mondego. Quasi tudo mais morreu, desapareceu, dispersou-se. Até a propria casa de João Penha e Crespo foi impudente-

mente alinhada, e demoliram a escada e o balcão que davam acesso para ella. Nem esse sóco glorioso respeitaram!

Toda a casa era habitada pelo genio de João Penha, que descia sôbre nós dominadoramente do seu segundo andar, envolvendo-a no seu legendario prestigio. Mas raro ali o tinhamos pessoalmente comnosco; e, na casa principal, onde ficava a espaçosa sala de jantar, só nos dias festivos, quando os debates se prolongavam á mesa, em torno do perú assado com farinha de pau na enxundia, á moda brazileira, pela receita do nativista Crespo. O seu quarto era um santuario inviolavel. Quem tinha poesia ou prosa para lhe mostrar, ia lá apenas entregar-lha; e elle depois a restituia com as suas correcções, singelamente, acrescentando antes um gesto, um sorriso de incitamento ás esperanças do neofito do que qualquer dissertação oral. Os mais vivos comentarios, reservava-os para os acalorados lances dialecticos em que, nas horas de ocio, a sua critica austera, atravez dos seus gracejos e paradoxos, se exercia peripateticamente cá por fóra. Por isso até poucos adivinhavam quanto aquelle parna-

siano, a quem as excentricidades da vida exterior davam a aparencia dum chefe de bohemia, era, ao mesmo tempo, na clausura da sua cella, um matinal estudioso, paciente manuseador de todos os codigos e apostillas, que saberia mais tarde honrar no seu escritorio os creditos do insigne causidico Manoel Penha, seu paternal irmão. Avaliava-se delle pelas aulas, onde, como sempre em publico, a sua timidez contrastava pasmosamente com a scintilação crepitante da sua conversa na roda intima dos seus amigos. Havia comtudo alguem que bem pudera fazer revelações a esse respeito; era Crespo, que, mal o sentisse, recolhendo á noite, corria logo a cerrar-se, de candieiro apagado, cautelosamente, não viesse elle interpelá-lo com perguntas e questões sôbre a lição do dia seguinte, a querer levar de assalto assuntos que Crespo, essencialmente artista, um tanto supersticioso, cria que, só acotovelado á banca, de sebenta adeante, numa branda concentração proxima do sono, podiam, sem risco de estenderete, ser convenientemente digeridos e cabeceados. Nada de brincadeiras com coisas tão serias!

Mesmo no gabinete de Crespo, de ordinario só de passagem João Penha assomava no vão da porta, á nossa espera para sairmos todos juntos, de monoculo, a cabeça bamboleante, com a ampla capa pendente da gola presa pelo alamar, mais que correcto, primoroso, um ar sibilino, entre ironico e vidente, intimando-nos á partida. E lá iamos levados magneticamente, a escutar a sua palavra.

Porque elle era o centro de atracção dos nossos inquietos espiritos, anciosos de se desprenderem de todo o formalismo e ritual academico para se arremessarem ferventemente em todos os jogos livres da imaginação e do pensamento. Sob o seu influxo, a efervescencia cerebral com que reagiamos á disciplina sempre um tanto rigida e dogmatica das aulas oficiaes, desafogava-se, tomava azas e volitava pelo ar, na descuidosa palpitação das mais remontadas aspirações. De per si só, com os seus talentos e a sua cultura, elle personificava um verdadeiro ensino universitario, como, antes delle, João de Deus e Anthero. E o que era esse magisterio, aprecie-se, basta, por dois discipulos seus, que se

foram tornando seus colaboradores e emulos, Crespo e Junqueiro.

João Penha era para nós, seus contemporaneos, mais até do que um mestre; era o pontifice desta independente egreja coimbrã, em que sempre as almas juvenis, sedentas de ideal, têem ido comungar na pura adoração da verdade, do bello e do bem. Cheio de curiosidade por tudo, tão repentista como laborioso, poeta e prosador impecavel, humorista, a sua figura, de fino relevo original, não tinha comtudo arestas que ferissem. Admirava-se e estimava-se. Tão delicado de coração como de feições e de maneiras, a sua superioridade não doía a ninguem; e, com tantas prendas singulares, o que ainda agora mais me lembra delle, é a sua cordialidade.

Quantas vezes, de inverno, elle voltou acima ao seu quarto, onde guardava, a bom recado, os lenços de sêda com que as carinhosas das irmãs o presenteavam na vinda de ferias, para me atar um ao pescoço, que me preservasse do frio da tarde! E um anno, que fiquei reprovado num dos meus exames, elle, que tanto se perturbava com a impressão do grande publico, ao receber

a sinistra noticia, saltou indignado, em impetos de ir para a rua amotinar as massas, clamando: E' preciso fazer uma revolução!

João Penha revolucionario! A mim fez-me sorrir, mas foi de sincero enternecimento, no mais desvanecido alvoroço de gratidão.

Saraus do Instituto

Minhas senhoras e meus senhores *!

Neste dia, em que por todo o país, com uma enternecedora efusão religiosa, todos os annos se entôam canticos á virtude na sua encarnação mais pura e mais tocante, tambem por muito tempo a nossa Universidade, como que em nome da bemdita senhora, imagem sacrosanta do amor maternal, abençoava os esforços dos seus alunos, distribuindo premios aos mais distintos.

Nós, que pela nossa fundação somos um instituto de veteranos universitarios, quizemos reviver a amoravel tradição, abrindo

* Alocução pronunciada no sarau do Instituto de Coimbra, no dia 8 de dezembro de 1896, em honra dos alunos laureados da Universidade de Coimbra.

hoje as nossas salas á brilhante pleiade academica em cujo seio sempre se renova o nucleo das nossas assembléas.

Oferecemos-lhe uma festa muito simples, mas que de certo lhe será gratissima: algumas horas de intima convivencia com os seus mestres e com a sociedade de Coimbra. Os seus mestres são a sua segunda familia, e querem-lhe como aos herdeiros do seu espirito. Coimbra, pelos enlevos da sua historia e da sua paisagem, pela graça scintilante do seu genio, e até pela cariciosa voz tão scismadora das suas filhas, póde dizer-se a terra natal da meditação e do estudo, e é do coração universitaria.

Em nome da direcção do Instituto, saúdo com vivissima simpatia os nossos hospedes, fazendo votos por que, ao calor desta reunião, a que as senhoras, a poesia e a musica vão comunicar toda a irradiação dos seus encantos, se estreitem ainda mais as caroaveis relações entre professores e alunos, e entre a academia e a sociedade de Coimbra. Assim nós tambem preludiaremos auspiciosamente aos nossos trabalhos!

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES *!

O Instituto, este centro de reunião comum a professores e a alunos, á academia e á sociedade de Coimbra, de novo se veste hoje de galas para receber festivamente os estudantes laureados da Universidade, discipulos, companheiros e hospedes dilectos dos seus consocios.

Só a virtude é digna de premio; mas claramente que é uma virtude o estudo, quando, mais ainda que a legitima ambição de cultura pessoal, o impulsa e realenta o anceio de bem servir os progressos da civilização. Quantos transes acerbos e quantas dores nos não assaltam no seu caminho!

Sem estudo não póde haver liberdade nem dignidade de acção; estudo e acção confundem-se mesmo. Cada vez se vai

* Alocução do presidente do Instituto de Coimbra no sarau literario-musical oferecido na noite de 8 de dezembro de 1897 aos alunos laureados da Universidade.

comprehendendo melhor que a instrução é o proprio trabalho, e que, como elle, se deve orientar pela suprema lei do universo, que é a lei moral, sob pena de irremediavel esterilidade e malogro. A escóla, para desempenhar a sua missão, tem de ser um orgão vivo da sociedade, pulsando com as suas esperanças e com as suas amarguras, identificada com o seu destino; isto é — porque o não direi? — toda escóla, desde a primaria até a superior, tem de ser sobretudo uma instituição politica.

Os titulos de honra duma Universidade não estão só nos espiritos que ella fórma a dentro das suas aulas, mas tambem nos serviços sociaes que conjuntamente presta em deredor de si, tanto nas grandes verdades que descerra e propugna, como nos avisos, ensinamentos e conselhos que a todo instante amiudam os seus teologos, os seus jurisconsultos, os seus medicos, os seus letrados e homens de sciencia, nos estudos com que valoriza o patrimonio comum, nas culturas novas que vai até ás colonias implantar, nas enfermidades e nas epidemias locaes que debella e extingue, nos direitos que revindica, nos batalhões

ardentes que improviza em sagrada defensa da honra e da independencia da patria... E tudo isto tem feito na sua gloriosa carreira, e ainda nos mais recentes dias, a nossa querida Universidade.

Saudemo-la, pois, nos seus melhores filhos!

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES *!

A sociedade tem deveres para com a juventude, que não póde delegar em ninguem.

Já é lastima que, durante os preparatorios geraes, se cortem ás novas gerações os laços de intimidade com os seus parentes e compatriotas, não contando com ellas para a vida domestica, nem preparando-as para a

* Este sarau do Instituto não chegou a realizar-se, por começar nesse ano de 1898 a haver na mesma noite de 8 de dezembro baile na reitoria da Universidade, por iniciativa do reitor, dr. Manoel Pereira Dias.

vida nacional, e isto na quadra feliz em que tudo se aprende a brincar, ainda o exercicio da disciplina e do sacrificio livre. Que ao menos á clausura do colegio se não siga o isolamento universitario!

Mas não basta abrir á mocidade as portas das cidades e dos campos, para que ella possa extasiar-se na contemplação da beleza tocante dos nossos monumentos e das nossas paisagens; é preciso tambem que a sociedade lhe abra de par em par as portas das suas proprias casas, para que ella possa no seu trato saborear os encantos da polidez, da afabilidade e da benevolencia, que são os mais dôces frutos dos progressos da civilização.

Neste afectuoso intuito o Instituto tem o prazer de reunir aqui, mais uma vez, o magisterio e a sociedade de Coimbra em volta dos alunos laureados da nossa Universidade.

Quereriamos que elles saissem destas salas com um mais entranhado gôsto pela convivencia, com o terno desejo de se aproximarem das pessôas de maior edade, levando as simpatias da sua curiosidade a todas as classes, áquellas tambem que infe-

lizmente não podemos ainda trazer a esta reunião, ás classes pobres, em cujo seio germinam fortemente e florescem tanta vez com incomparavel brilho as mais puras dedicações do coração humano.

O amor do povo confunde-se com o amor dos nossos maiores, desses bravos plebeus, obscuros ou ilustres, a cujo perseverante esforço, nós, seus filhos ou netos, devemos em grande parte o prestigio do nosso nome e o desafogo da nossa situação. Cultive-o devéras na sua alma generosa a mocidade academica, que só assim se formará dignamente para bem servir com o seu civismo a causa augusta da patria.

Recepção aos novatos

MEUS SENHORES *!

Anno passado, por esta mesma época, eu proclamava que uma Universidade devia ser escola de tudo, mas sobretudo de liberdade.

E' que só a liberdade associa. O despotismo conduz fatalmente á discordia, ás violencias. E reciprocamente. A ninguem, pois, mais grato do que a mim este bello festival em que a academia de Coimbra protesta, com toda a efusão do seu brio juvenil, os sentimentos de atraente e acolhedora camaradagem que a animam.

* Alocução na presidencia da festa academica celebrada no salão da Associação dos Artistas de Coimbra, no dia 5 de novembro de 1905.

Assim como a autocracia do veterano para com o novato foi sempre o infesto preparatorio da aristocracia do professor sobre o aluno e dos governantes sobre os governados, assim o abraço que hoje os antigos estudantes dão nos recemchegados é a promessa auspiciosa da solidariedade que, espero-o confiadamente, em breve reinará entre todas as nossas classes sociaes.

Honra a quantos se esforçam por que a uma Universidade, a uma cidade e a uma nação divididas, dilaceradas e até mesmo por vezes enlutadas por dissensões e conflitos interiores, sucedam uma Universidade, uma cidade e uma nação inviolavelmente fortalecidas pelos indissoluveis laços da mais carinhosa e solícita cohesão!

Esse tem sido, ha muito já, o ideal dos mais generosos espiritos do corpo docente universitario, um dos quaes bem digno de ser memorado nesta consoladora solenidade, porque tudo, todos os seus talentos e todas as suas ambições pessoaes lhe sacrificou, desaparecendo afinal na morte quasi obscuramente, o insigne professor e publicista dr. Manuel Emigdio Garcia; e foi tambem o do venerando fundador desta

Associação dos Artistas, o grande amigo dos proletarios, Olimpio Nicolau Rui Fernandes, que tantas vezes aqui reuniu em inolvidaveis saraus os estudantes e os lentes com a sociedade de Coimbra.

E nesse mesmo nobre ideal de confraternização se veiu inspirando cada vez mais a mocidade academica até ser hoje felizmente unanime em lhe prestar fervoroso culto.

A academia está para a Universidade como o povo para as instituições. E' no seu seio que principalmente se geram e se elaboram as redentoras reformas. E eu de todo o coração aplaudo a pacifica revolução democratica que os alunos da nossa Universidade este anno emprehenderam, esboçando na vida academica a republica fraternal, que é hoje a aspiração profunda, ardente e inelutavel da alma livre e heroica do povo português.

A primeira liberdade é a d'amar. Toda a paixão que a tolha, seja qual fôr, ainda

a da verdade, a do saber, escraviza-nos, não é paixão, é desvairamento, embriaguez. Saber quer dizer sempre moralmente, antes de mais nada, saber amar.

O coração ha de seguir os ditamens da razão; mas, divididos pelos sentimentos, a custo nos poderemos reunir pelos mesmos principios, e não é nunca a superioridade da instrução que nos é licito invocar para orgulhosamente paralysarmos ou suspendermos sequer em nós os impulsos afectivos.

O descaroamento de qualquer escola para com os neofitos que a procuram sem protecção, degrada-a.

Para dar expansão ao espirito ardente d'acção e d'aventura das novas gerações, não são precisas investidas brutaes, que desnaturem o heroismo juvenil. Façam os rapazes das proprias tradições guerreiras jogos athleticos, e excitem sobretudo os seus musculos e a sua coragem em todas as benemeritas corporações de voluntarios que acodem pela vida humana nos mais perigosos transes. Só assim o seu valor os tornará dignos das boas e delicadas companheiras, suas emulas no estudo, que já

hoje nas nossas aulas tanto contribuem para dulcificar e moralizar o trato e os costumes academicos.

Palavras publicadas no numero unico da « Recepção aos novatos », 1905-1906.

A academia de Coimbra *

MEUS SENHORES!

A academia de Coimbra foi sempre avançada. E hoje, apesar da sedução dos sucessivos feriados e das intimidações á pranchada e a tiro pelos processos da Russia autocratica, o facto é, justiça se lhe faça, que ninguem póde em verdade dizer que ella seja monarchica. Nem lhe estava na natureza! Mas, salvo raras intermitencias, em que por momentos relampejou de novo a sua antiga hombridade — e ninguem mais do que eu lho deve reconhecer — o que ella nos ultimos tempos lastimavelmente tem sido, é dum apagado

* Discurso na presidencia da inauguração do Centro academico republicano de Coimbra em 28 de janeiro de 1906.

indiferentismo ás sugestões valorosas da vida social.

Quantos dos seus membros se tirariam galhardamente da forte entalação em que se viu Gonçalves Crespo, ainda estudante, uma vez que — como elle então me escrevia e já o contou Teixeira de Queiroz — estando a banhos em Aljustrel, o paroco da freguezia, que o hospedara na residencia, lhe pediu instantemente para a sua gazeta oposicionista um artigo de fundo têso! De fundo! Se elle ignorava profundamente os emaranhados negocios da governança, ao ponto de nem saber sequer quem eram os revoltantes estadistas que tanto irritavam a opinião publica na pessoa do bizarro anfitrião e belicoso pastor de almas! Mas Crespo era Crespo; e saiu-se do apuro com uma brava catilinaria, do meio de cujas ardentes prosopopeias esfusiava repetidamente, como um estribilho de morte, esta apostrofe solene: Mais moralidade, senhor ministro do reino! O enthusiasmo faccioso do abade ia amolgando com um abraço excessivamente apertado as costellas do seu flamante neofito politico.

E' certo que a indiferença da academia não é apathica. Raros são felizmente os exemplares como certo quintanista que, aqui ha poucos annos, assegurava com a mais ingenua inocencia a sua risonha confiança no futuro, porque de dois tios que ditosamente possuia, um influente regenerador, outro trunfo progressista, qualquer delles com certeza o havia de nomear administrador do concelho, logo após a sua formatura. Raros terão este calibre. E, se não faltam rapazes que, durante o seu curso universitario, de cerviz abatida, se preocupam demais com o diploma e com a carreira e de menos com os principios e com a causa publica, alguns mesmo, já em tão tenros annos, aspirantes oficiaes a ministros, esboçando, ou antes, caricaturando, até nas maneiras e no penteado, os altos dignitarios a cuja imagem se vão compondo gravemente, esses taes, por muito que acentuem um tipo antipathico e odioso de bacharel, não passam, ainda assim, duma diminuta minoria. A maior parte dos indiferentes são-no por distracção da edade. A cada geração nova, a alma enflora-se de todas as virtudes atavicas da nossa gente com uma

efervescencia tumultuaria: a camaradagem, o amor, o prazer de viver arrebatam-na. E nada mais encantador do que o lirismo juvenil! Mas, ai! em Coimbra, longe dos paes, longe das irmãs, em meio de tantas solicitações degradantes, que de vezes o amor se não corrompe e dissolve no prostibulo, a camaradagem no jogo e o prazer na embriaguez!

Que precisa, pois, a nossa mocidade academica? Dar ás suas generosas paixões toda a elevação moral. E, para isso, primeiro disciplinar-se, governar-se.

Uma unica fórma de governo lhe convém. A experiencia comparada das instituições ha muito que está feita em Coimbra. Ahi têem, lado a lado, a monarchia dos estudantes governados por um professor ou por um clerigo e a republica presidida por um veterano eleito. Qual dos dois regimens é a ordem, o estudo? Respondam os fastos academicos. São lendarias, tradicionaes, ainda dos nossos dias, as insurreições dentro das monarchias. Sempre que o monarcha tenta coarctar a liberdade, aferrolhando á noite a porta da casa, guerra á ditadura! o povo, amotinado, revindica os seus direi-

tos de personalidade, saltando pelas janellas. Depois, é uma emigração constante das monarchias para as republicas. Os grandes, os famosos centros de cavaco e discussão foram sempre absolutamente livres. A republica é a vida, a alegria, a paz, e ainda, por mais que pareça inverosimil em rapazes, a economia, a subordinação. Entre os meus contemporaneos, houve ministros da fazenda academica que conquistaram brilhantes reputações financeiras. O pouco que se gastava, por exemplo, numa republica de amigos meus da rua da Trindade, de que aliás eram comensaes alguns dos melhores e mais pantagruelicos estomagos da academia, tornou-se tão prodigioso, que só o explicavamos pelas artes magicas da velha servente sr.ª Theresa, que eu, annos depois, visitando Coimbra e o hospital da Universidade, fui encontrar, quasi expirante, sobre a sua enxerga, com a mesma serenidade, o mesmo doce sorriso celestial, com que punha na mesa mais um talher para a ceia, á minha chegada a casa de seus amos. Santa mulher! Ali sósinha! esquecida! E a republica academica já tem feito tambem as suas provas de que

garante egualmente, com a liberdade, a autoridade. Só mesmo com ella ha verdadeiro governo de força. Discute-se, mas obedece-se. Lembro-me de quando ás vivas reclamações do meu companheiro Carlos Lobo d'Avila, que pretendia café todos os dias ao jantar — e note-se que elle tinha, por si, como presumirão, um forte partido, e já então manifestava um grande talento para captar os proprios adversarios — eu, que, como governo, devia aplicar a lei, respondia da cabeceira da mesa, severamente: Só ás quintas e domingos! E elle, resignado,... ia tomá-lo lá fóra. Mais tarde, quando quiz fazer outro tanto, como ministro da nação, deitou-me o mesmo Carlos Lobo d'Avila abaixo do poder. Vejam a diferença!

O programa do governo academico é evidentemente a instrução.

A academia tem de difundir no seu seio esta instrução que só as Universidades exclusivamente possuem a virtude de ministrar, a livre instrução geral que tanta plasticidade e agudeza dá ao engenho dos seus alunos. Noutras escólas superiores póde o

estudante formar-se proficientemente tambem em qualquer especialidade, mas esta radiosa fecundação intelectual falta-lhes; e por isso ha muito que pugno pela integração dos estudos na Universidade de Coimbra e pela reunião dos altos estudos de Lisboa e do Porto em centros universitarios.

O que assim mutuamente se aprende nessa feliz quadra da vida em que se está sempre anciando por saber tudo! Eu, a literatura, bebia-a todos os dias na Castalia dos parnasianos da *Folha,* no gabinete do nosso popular Crespo, que, por sinal, tinha o requintado escrupulo artistico de sujeitar os seus versos novos a serem lidos d'alto logo á primeira por um profano como eu. O quarto de Junqueiro, hoje pontifice maximo das letras, era tambem um tabernaculo da minha particular devoção. Foi lá que, um inverno, que a geada caía em flocos cá fóra, nós mal sentimos os seus rigores, abrazados pelas chamas do teatro d'Hugo. E, assim como para Victor Hugo tive Junqueiro, ainda pude ter Antonio Candido para Castelar. José Frederico Laranjo lia-me em Platão e em Xenophonte os dialogos de Socrates, averbando-me de

sofista, quando eu irreverentemente objectasse. E era elle tambem que, palpitante de esperanças redentoras, me recitava o verbo cordial do socialismo tanto no positivista Saint Simon como no utopico Fourier. Proudhon, ouvi-o ainda antes, sobretudo nos trechos mais contundentes, a Marçal Pacheco, que, dizendo-se o vingador duma série infinita de proletarios espoliados, seus ascendentes, afiava as armas de polemista para o aspero *strugle for life*. Com Alves da Veiga discuti gravissimos problemas filosoficos e sociaes. E eu mesmo ajudei varias vezes insignes jurisconsultos futuros, em conjuntura d'acto d'exame, a argumentaram os seus pontos; até, para meu eterno desvanecimento, corria entre elles com apreço a ousada interpretação heterodoxa dum artigo do codigo civil em que eu, rebelde naturalista, me abalançara a dissentir do consagrado comentario do sr. José Dias Ferreira. Aqui têem como entrei pelo direito, e, quasi diria, como já então me preparava para as revoltas republicanas.

Esta comunhão intelectual da academia faz-se por toda a parte, mesmo ao ar livre,

ás vezes até melhor. Correia Barata, o talentoso propagandista do darwinismo, demonstrava-nos a origem simiana do homem, dependurado, á noite, dos galhos das arvores da alameda da Universidade. E para este choque e transmissão de idéas contribuem todos os alunos, desde os medicos mais materializantes até aos mais sobrenaturalistas teologos. Advertirei mesmo: os teologos são preciosos. Esgrimindo com elles, com a sua pertinaz escolastica, vão os outros temperando a razão para rebater todos os assaltos da heresia. E é prudente não esquecer que no fundo atavico do homem moderno, em meio da selva escura de sobrevivencias supersticiosas por arrancar, subsiste ainda hoje, sempre, mais ou menos, dentro de cada um de nós, de silogismo engatilhado, um teologo. Ao meu curso, fez-nos um incalculavel bem a companhia de Antonio Maria de Senna, que vinha para as sciencias naturaes, já bacharel em teologia, ao tempo do formidavel dialectico P.e Albino, apercebido portanto com todos os petrechos para a atacar.

As leituras, palestras e distracções da mocidade influem por toda a vida; e só

ellas explicam certos aspectos picantes da edade madura. O socialismo cosmico por que ultimamente se manifestou o genio de Guerra Junqueiro, não me surprehendeu a mim, com quem elle aqui trocara o seu exemplar do livro — *Da intelligencia* — de Taine pela obra de Maury sobre as correntes maritimas que eu possuia. Ao partir de Coimbra, formado, elle metia nos seus bahus mais volumes de leis fisicas do que de leis humanas. Quem lê as paginas florentinas de Augusto Fuschini, e o vê dissertando d'arte e presidindo á reconstrução da Sé de Lisboa, desconhece provavelmente que elle tinha sobre a banca de José Falcão, de quem era companheiro de casa, ali aberto desde o tempo de Anthero de Quental, o Quinet, e que, ao passo que em estudante se aguerria contra o conde d'Avila com o panfleto — *As conferencias do Casino e a reacção* —, manuseava estudiosamente as memorias de Mousinho e de Murphy sobre a Batalha. Eduardo Alves de Sá, que, além do causidico que todos sabem, pinta delicadamente — pae desse sonhador rapaz que, ainda ha pouco, atravessava a cidade, embuçado, levando mis-

teriosamente sob a capa o pincel e a paleta — entretinha-se nas vesperas de feriado a folhear embevecidamente as grandes edições ilustradas.

Até a linha, a côr, a musica da palavra estão geralmente denunciando o antigo universitario, o filho desta nossa Universidade, que conjuntamente mantêm as tradições e opera as revoluções literarias. A elegancia de dição de Julio de Vilhena é dum incorrigivel cultor das musas, que poetou impunemente nas barbas dos seus lentes. A eloquencia de Hintze Ribeiro ainda agora me sôa um tanto á predilecção da sua mocidade por Filinto Elysio.

Por vezes sucede que estas influencias reciprocas de Faculdade para Faculdade, duns para outros estudos, não se limitam a dar relevo e horizonte á especialização da aula, tornam-se predominantes, são ellas que estimulam e acalentam no aluno a sua verdadeira especialidade, que desenvolvem e fazem vingar a sua vocação original. A aula então passa para o segundo plano, quando mesmo não desaparece. Vejam Teixeira de Queiroz. Estudante laureado pelos seus professores; mas o principal do

seu labor academico foi a *Comedia do campo*, que elle timidamente submetia ao julgamento magistral de João Penha. Multipliquem-lha pelo seu curso de medicina, e terão em germen o Bento Moreno todo. Exemplo da segunda especie, o contista Alberto Braga, que nunca deu uma falta nas suas aulas livres, donde saiu com brilhantes informações de conversador, e que com egual regularidade perdeu todos os annos nas aulas oficiaes, sem embargo de toques de cabra e de bedeis.

Um ramo de instrução reclama instantemente os cuidados da academia. E' a instrução industrial geral que nos avigora para a acção — seja para um serviço comum, seja para um arriscado lance — a que se dá o nome de exercicios fisicos, de desportos. Os nossos rapazes necessitam de passear mais, de ir em excursões por ahi fóra, a ver as nossas paisagens, a visitar os nossos monumentos. E passem todos algumas horas da semana pela arena da cerca de Sant'Anna, onde já consegui, em cada um dos ultimos annos, que um grupo de estudantes de mais iniciativa lhes désse o esforçado exemplo. Estão na edade

do movimento, dos arrôjos; não a desaproveitem. Não basta para nossa dignidade humana erguermo-nos na atitude erecta, devemos sustentar-nos nella. Exercitando a sua coragem nas lutas athleticas contra as forças fisicas, ir-se-hão enrijando para as outras. O servilismo covarde dos chamados dirigentes em Portugal é em grande parte muscular. Se não fazem nada!

Uma instrução assim, que é logo convivencia, união, é profundamente educadora, humanista. Cria esta religião de afectos que resiste a todas as colisões da vida entre antigos condiscipulos e camaradas d'aula, nivella ricos e pobres, pondo acima da fortuna a intrepidez e o desprendimento, e não dá só plasticidade e agudeza ás inteligencias, dá tolerancia e assimilação, irmana os homens pelos principios, pelo dever. Aprender a dar razão aos outros é aprender a repartir com elles o poder. Quem sacrifica o individualismo egoista duma idéa falsa, esse é capaz de todos os mais sacrificios. Ao contrario, as pessoas que não ouvem a ninguem, que não discutem e quebram as arestas das suas opiniões com ninguem, são

sempre uns despotas. Por mais talento que elles tenham, desconfiem sempre dos solitarios orgulhosos que vagueiam na sombra absorvidos pela gestação dos seus planos interiores. Quando veem á sociedade, é, quasi certo, para a acometer.

As aulas oficiaes, como ainda as ha (felizmente cada vez menos), com a sua opressão de lições a dedo, em obediencia ao programa fatal, sobrecarregam tanto os que na mais louvavel intenção se lhes dedicam, que os sequestram e isolam. Por isso ainda alguns premiados, no seu forçoso afastamento, coitados! parecem, se muito inteligentes, uns oligarchas, se pouco, uns escravos. E os cabulas são frequentemente os estudantes mais amados, mais cotados. Se elles quizessem estudar! proclamam admirativamente os condiscipulos. Pois estavam talvez perdidos. Para resistir ao archaico regimen mental dessas aulas, estudando, horas e horas por dia, passivamente, só organizações privilegiadas. E os cabulas não atraem sómente, porque fazem o efeito de espiritos mais liberaes, de seres mais livres, mas muitos delles realmente porque o merecem, porque são elles os que

mais se dão. Deixou Coimbra no fim do derradeiro anno lectivo um, que ficou celebre *. Porque? Pelas suas folias? Talvez elle proprio o pensasse, quando dellas fez chronica, levando as anedoctas deste pequeno meio, onde nos sorrimos dellas inofensivamente, familiarmente, porque todos sabemos o estro inventivo donde brotaram em desforço jovial de pesadas solenidades, lá para fóra, para onde, longe da fabulação originaria, a maledicencia publica póde fazer dellas temas de libello para doestos e censuras a professores e a discipulos. Não! não foi pelas suas folias que elle se notabilizou. Algumas doeram mesmo aos que mais lhe queriam. Não! Foi pela sua efusiva emotividade, porque nunca se pertenceu só a si e esteve sempre pronto a arranchar alegremente com todos que procuravam mitigar com elle a sêde de sociabilidade que nos devora sobretudo na juventude. Foi por isso; e por isso muito lhe deve ser perdoado dos desmandos da sua bohemia academica. E, de resto, ainda que elle aparente que não, vê-se que apro-

* Alberto Costa.

veitou a sua Universidade. O seu livro é a revelação dum prosador.

Meus amigos, estreitem cada vez mais os seus vinculos moraes. Devotem-se á sua Sociedade philantropico-academica, que é um titulo d'honra para o seu coração; acrescentem á assistencia a previdencia, constituindo uma cooperativa de consumo e fundando um cofre de socorros mutuos para quando enfermos; e promovam por todos os meios a reconstrução do seu antigo solar, onde prosiga amplamente o debate, quasi de todo suspenso, que deve preceder a eleição dos seus corpos gerentes, dos seus governantes.

Grande escóla a vida academica! Ella supre as lacunas do ensino oficial. As suas Faculdades não são só as mais frequentadas, produzem. Quando se diz escóla de Coimbra, é quasi sempre della que se fala. Ella é sobretudo uma iniciação moral, uma escóla de governo livre. Mas cada geração nova que vem sentar-se nas bancadas escolares, não se segrega por isso da sociedade, da nação.

Tem logo a representar-lha os seus mestres. A academia de Coimbra é uma colo-

nia que a metropole portuguêsa confia á direcção do corpo docente. Zele, pois, a sua autonomia; mas não leve o ciume da sua independencia até ao excesso de olhar com desconfiança e hostilidade o professor, a autoridade representante da mãe patria. Ser livre não é ser esquivo e fugaz. Não se deixem arrastar por um anarchismo paradoxal, que não é senão dissociação, atomismo. O sentido lexico do termo confunde. A sociedade não caminha para a abolição do governo. Desde o tribunal arbitral entre o patrão e o operario até ao tribunal arbitral entre as nações, é por toda a parte a mesma aspiração, a mesma ancia de justiça, de governo. Não se trata de suprimir a autoridade, mas o arbitrio pessoal. Implantar o governo directo comum de todos só é anarchismo, porque é acabar com a usurpação do governo exclusivo dum ou dalguns. Só esse anarchismo queiramos, que só esse é legitimo.

Não renunciem nunca ás franquias do seu pensamento. Sejam briosos com os seus professores, não os cortejem, não os adulem; mas não os evitem, não suspeitem em cada um delles sempre o despota

intratavel. Bem sei que a separação entre o professor e o aluno vem tradicionalmente do velho dogmatismo catedratico, mas os tempos mudaram e com os tempos os professores, hoje mesmo alguns com rostos tão imberbes que lhes falta o fisico para taes prosapias autoritarias; e, se essa separação excepcionalmente persiste, não a agrave, não a encarnice por sua parte o aluno! Quantas vezes ainda com o estudante que se forma, se forma o inimigo da Universidade! Não póde ser, não deve ser mais assim! Como os rapazes se enganam e são injustos com os seus mestres, viu-se outro dia tragicamente, tremendamente. Procurem-nos sem falso pudor de independencia, vão para elles, forcem candidamente a sua intimidade, falem-lhes, discutam com elles desassombradamente como em casa com os seus paes e com os seus irmãos mais velhos, desenruguem-lhes a rispidez, comuniquem-lhes a sua vida e o seu calor, conquistem-nos.

Todo estudante havia de deixar na Universidade, a lembrá-lo e a attraí-lo para ella, como um anel de noivado intelectual, as doiradas primicias das suas lucubrações,

sempre fulgidas de esperança dos mais nobres destinos. A obra do professor deve ser em grande parte a dos discipulos. Nem elle póde fazer melhor publicação do que a dos seus talentos e aproveitamento. Contribua cada aluno para essa obra com uma parcella, uma scentelha, um reflexo do seu espirito, seja com o que fôr, uma preparação, um desenho, uma observação, um ponto de vista, uma frase, um dito original ou pitoresco qualquer. Tudo serve. Tudo deve o professor entesoirar com o mesmo amor e o mesmo orgulho com que o pae anóta e exalta as louçanias dos seus filhos. O meu querido mestre de chimica, dr. Albino Giraldes, reuniu assim ternamente na sua memoria sobre isomeros a colaboração de dois distintissimos discipulos, Alfredo Lisboa e Rodrigues Vianna, ambos brazileiros, que foram dos melhores, mais inteligentes e instruidos, mais modestos e dedicados, estudantes do meu tempo.

O mal, na Universidade como no país, não provém tanto dos homens como do regimen. Urge reformar radicalmente a legislação do ensino universirario. Mas reformas, inovações, mal se podem fazer,

nem quasi se comprehendem, sem o dispendio ardente do sangue impetuoso da mocidade. Cooperem para ellas os alunos com os professores. E, se os professores se não apressarem a reclamá-las e promovê-las, incitem-nos, acoroçoem-nos os alunos com todo o ardor da sua fé e do seu entusiasmo. Foi a nossa mocidade academica, foram até os seus teologos, que, não ha muito, saindo á estacada, repeliram a tentativa feita em côrtes para a invasão legal da egreja catolica lusitana por diplomas de teologia passados em Roma. E foi ella, em massa, e quasi só ella, que, recentemente, pela minha voz, na conferencia que a seu convite fiz no Instituto de Coimbra, protestou contra a injuria ditatorial e contra a farragem pretenciosa da ultima reforma universitaria. Honra lhe seja!

Nada do que importa á Universidade, é estranho e póde ser indiferente aos seus alunos; e o seu estatuto dos estudos diz-lhes directamente respeito. Reformas ha mesmo por que ninguem mais competente para representar do que elles. Uma lhes apontarei. Qual é o que se não sentirá vexado na sua dignidade pelo preceito

legal que lhe põe todos os dias defronte, policialmente, a velar pela exactidão do seu estudo, de interrogatorio desembainhado, o seu professor? Pois este exame continuo, impertinente, sempre suspenso sobre a sua cabeça, sobre a honradez e a delicadeza da sua consciencia, não lhes pésa e não os irrita como uma suspeição e uma afronta? Não se revoltem por isso contra a aula e contra o professor; mas reclamem energicamente a reforma da lei. Afirmem com altivez aos nossos governantes que não estão aqui para fazer um curso estrategico de ociosidade em guerra acêsa com os seus mestres, que sabem muito bem que estão para estudar, para colaborar intimamente com elles pelo progresso da sciencia e da nação. Uma Universidade não é precisamente uma escóla de correcção de vadios.

O povo academico tem afinal sempre ao seu dispôr um ultimo recurso contra os regulamentos e rituaes importunos e deprimentes: é não os cumprir. E está claro que usa delle. Até abusa, o que não admira, porque desse recurso é realmente muitas vezes dificil usar bem. Eu

não lho posso aconselhar e aplaudir cegamente; comtudo não posso tão pouco reprovar-lho redondamente, em principio. Ha uma desobediencia legitima. Mal da lei escrita, se ella briga com a lei moral! E ha um inalienavel direito soberano de legislatura, que pertence a toda a gente. Quando uma lei é má, em regra não se substitue logo por outra, não são só os parlamentos que a revogam, são quasi sempre os costumes que antecipadamente a vão dissolvendo, obliterando, derogando, de tal modo que, pouco a pouco, pelo seu antagonismo com o espirito publico, com a razão, não ha já autoridade para a aplicar sem violencia, até sem ridiculo. Temos assim abolidas de facto varias disposições do nosso codigo penal, e outras leis e instituições vão assim morrendo na alma da nação.

Por este meio está a academia fazendo a execução do seu uniforme historico. Já no meu tempo se dava rebate contra elle pela exibição sediciosa de altos colarinhos relusentes e longos punhos brancos esticados; e havia muito que o traje do estudante deixara de se confundir com o do

padre ou o do seminarista. Não era só outro ar, outra desenvoltura da capa e petulancia do gorro; a propria batina se modificara, abrindo-se rasgadamente de frente ás exigencias da civilização. E hoje quantos ramos de violetas, quantas gravatas escarlates, quantos coletes vistosos e mirabolantes não rompem ahi em som de guerra, como gritos de protesto e revolta, dentre as negras vestes! Que reitor, que conselho de decanos ha de seriamente impôr condenação por taes delitos? E o caso é muito mais grave do que á primeira vista parece, porque se não trata apenas de meras infracções ao rigor da pragmatica; a propria existencia do uniforme legal, a academia, de cabeca descoberta e capa já dobrada sobre o hombro, põe em crise. Mas que fazer? como restabelecer o cumprimento e o prestigio da lei? O dr. Daniel de Mattos e os seus colegas da Faculdade de medicina proscrevem-na em nome da higiene. A moderna pedagogia refuta-a como um erro psychologico da velha escóla mistica medieval, que, para concentrar o aluno nas profundezas da meditação, assim como lhe tolhia os movimentos, obrigando-o a estar

sentado . e silencioso horas seguidas nas aulas, assim tambem, para o desviar das sensações, tudo fechava e ensombrava em volta delle, enegrecendo-lhe as carteiras e os bancos da aula e vestindo-o de luto. Movimentos, sensações eram distracções, eram dissipações perigosas do espirito. Para pensar, o homem tinha de se amputar, de se mortificar. Quem entende hoje assim a educação? Só a reacção negra. Para um rapaz desenvolver a sua inteligencia, hoje entende-se necessario que exercite harmonicamente todas as suas forças e faculdades. Estudar é viver. A aula deve ser como a vida, activa e livre; e a capa e batina é mortuaria, não só nos apaga e rouba aos olhos a luz do ceu, mas ainda nos ata e envencilha os braços que queremos cada vez mais desembaraçados para a nossa acção sobre a terra. Reforme-se, pois, o traje academico! Não esqueçam, porém, na sua campanha demolidora, que o passado, da indumentaria que seja, tem fóros ao culto e á piedade dos novos, e que, no seu antigo uniforme corporativo, na dramatização romantica da capa e batina, ha linhas decorativas, ha tradições a

respeitar. E vejam se fazem a reforma, sem até lá ferirem com as suas revindicações a estética e o coração dos velhos como eu.

Meus senhores! Os estudantes da academia de Coimbra não são só membros da cidade universitaria, são tambem cidadãos da nação. Têem deveres para com ella, para com todos os seus concidadãos, a começar logo por aquelles que, nesta hospitaleira Coimbra, aqui ao pé labutam para os ajudar diuturnamente nas suas lides. São solidarios com a patria. São seus soldados!

Têem deveres mesmo muito grandes, porque são ricos. Ainda os que não são ricos de dinheiro, possuem a mocidade e o vigor, os talentos e a instrução, inestimaveis bens. Não os dissipem! Não convertam essas forças de vida em armas d'ataque contra ninguem, e, cautela! não maltratem, não pizem nunca com ellas os humildes, os fracos! Não abusem dos atractivos da sua gentileza; não atraiçoem a confiança que inspirem nos seus contractos; não espalhem em volta de si os aristocraticos des-

dens intelectuaes de quem se julga, por direito divino, senhor das idéas, do saber. Nada de despotismo! Nem a paixão do estudo levem até ao olvido sequer dos outros, sobretudo dos que por seu amor mais trabalham e penam. Formem-se, não se alienem! Saber é, antes de mais nada, saber amar. O egoismo da felicidade espiritual, seja nesta vida, seja noutra, é sempre deshumano, até para com o proprio egoista. Tornem-se dignos dos bens que possuem, repartindo-os, desveladamente e modestamente, como uma obrigação, por todos os necessitados. Dêem-lhes mais que tudo do seu pão do espirito, em conferencias, em palestras, em leituras; e, quando não puderem dar-lhes mais nada, dêem-lhes a sua alegria, o seu afecto, o seu sorriso. E' o que frequentemente ainda mais falta lhes faz. Ha um direito dos pobres que as novas gerações têem de proclamar desde as aulas pelos seus actos. *Sursum corda!*

E, quando, pela experiencia dos seus esforços, conhecerem e sentirem o que custa hoje entre nós a cumprir o dever, e como tudo que individual ou mesmo

corporativamente se faça, dentro do actual regimen, é tudo pouco e, a revêses, ineficaz para acudir á enorme miseria, como ao nosso rijo povo, ao nosso inteligente, activo e bom povo, hoje é dificil viver e quasi impossivel pensar, trabalhar, amar, formulem nitidamente na sua consciencia esta pergunta: Quem são os autores, os culpados de tanta mingua e desconforto? Quem são os criminosos? E, quando verificarem que a causa de todo o nosso desfalecimento e ruina, o responsavel de todos os nossos vexames e descredito, de todas as nossas angustias, é a reacção, a reacção clerical com a sua intolerancia, a reacção financeira com os seus monopolios, e a reacção cesarista com os seus privilegios, oh! então poupem ainda os homens, que nem dos agravos á sociedade é licita a vindicta, mas sejam intransigentes, implacaveis com as instituições, e, tendo forcejado por cumprir todos os seus deveres, assumam com egual decisão todos os seus direitos, façam como os estudantes russos, comecem tambem a ser governantes — que, mesmo onde governam, não governam só ministros, deputados e eleitores — cha-

mem aos seus centros e comicios o povo, vão ás suas sociedades, interpellem-no, ralhem filialmente com elle pelos seus desmedidos sacrificios, excitem-lhe, descarnem-lhe mesmo a sensibilidade moral, despertem-lhe, inflamem-lhe os brios civicos, e intimamente identificados com elle no mesmo pensamento, nas mesmas aspirações redentoras, ponham-se á sua frente, com o denodo simples com que Vasco de Quevedo ha quatro annos expoz o peito á bala que o varou, bradando com toda a vehemencia da indignação: Abaixo as tranias! E o seu vibrante grito patriotico irá resoando heroicamente por todo o país, de coração em coração, como uma esperança alada de rejuvenescimento, de dias felizes, de resurreição da liberdade, de salvação nacional.

Eis, meus senhores, a nobre missão que jubilosamente atribuo ao Centro academico republicano de Coimbra, almejando-lhe um exito triunfal.

A Estudantina de Santiago de Compostella

EXCELLENTISSIMO PRELADO!
SABIOS LENTES!
PREZADOS HOSPEDES!
ESPERANÇOSOS ACADEMICOS!
MEUS SENHORES *!

Espanhoes e portuguêses, depois de termos epicamente descoberto ignorados mundos, precisamos hoje de alguma da nossa heroicidade atavica para nos irmos tambem descobrindo de parte a parte. Ha ainda entre nós um mar tenebroso de preconceitos que rasgar ousadamente. Eu, que me honro de pertencer á espiritual

* Discurso proferido na sala dos actos grandes da Universidade de Coimbra, em 22 de fevereiro de 1901, na festa promovida em honra dos estudantes compostellanos pelo vice-reitor, dr. Antonio José Gonçalves Guimarães.

falange dos que ha muito se veem esforçando pela nossa aproximação peninsular, saúdo com a maior efusão os juvenis argonautas que agora nos chegam da Universidade compostellana. Nenhuns outros, de certo, mais proprios para a estreitar do que os simpaticos filhos dessa lusitana Galliza, que tão poeticamente enlaça as suas origens comnosco. Bem vindos sejam!

A historia, constituindo-nos em duas nações distintas, Espanha e Portugal, para compartirmos por egual a hombridade de povos independentes, não quiz condenar-nos por isso desnaturadamente a uma vida de repulsão e de lutas, mas sim confiou-nos, com a independencia, a grata missão de mais e melhor nos amarmos, de sincera e dignamente nos aliarmos pela livre inclinação das nossas vontades.

E tudo nos convida a cumpri-la!

O nosso tempo é, mais que nunca, de cordialidade. No mundo moral moderno dá-se já uma verdadeira gravitação universal. Esta atracção das almas faz-se até segundo a mesma lei que rege a atracção fisica dos corpos; e por isso os dois grandes problemas da civilização são en-

grandecer as almas pela instrução e encurtar as suas distancias pelo trabalho, para mais as atrahir. O socialismo ha de provir inelutavelmente do poder magico do desenvolvimento das nossas faculdades, que todas conspiram para o bem, e dest'outra vara de condão, que um dia nos poz em comunicação pela palavra oral, outro dia pela palavra escrita, outro pela impressa, e que, depois de ter submetido para sempre á sagrada causa da paz e do amor até a fôrça do vapor que ruge no vulcão e a fôrça da electricidade que troveja no raio, domesticado em grande parte o globo, não se passa quasi um instante sequer, que não desentranhe dos corpos uma nova vibração com que mais nos enleia e comove amoravelmente as almas.

O patriotismo é sem dúvida um direito, mas o internacionalismo é ao mesmo tempo um dever. Assim como a vida autonoma dos municipios e das provincias é condição indispensavel para a solida organização nacional, assim a das nações para a organização geral da sociedade. Mas organizar não é separar. A humanidade que, logo que pôde, iniciou a sua educação cosmopo-

lita pela arte, religiosamente, levada da fé comum, fazendo, por exemplo, da Europa medieval um só estado unificado pela adoração da cruz, ella que a foi sucessivamente adeantando pela industria, derruindo barreiras entre povos e classes, em nome não já da felicidade numa outra vida, mas nesta mesma, em que não é licito abandonar ninguem á simples consolação dum doirado sonho celestial, ha quanto não anceia por dar execução ao seu ideal de ver todos os seus membros vinculados, sem antagonismos egoistas, scientificamente, pelos principios supremos da razão, num sentimento desinteressado de pura justiça? Ella anda nesse afan por toda a parte; e, se no velho continente as desegualdades antigas, tão arreigadas! mais reagem, no novo a sua obra já deslumbra nos Estados-Unidos da America do Norte, e agora mesmo começa a reluzir nos da Australia, o novissimo continente.

E é esta politica de cordialidade, sobre que as classes governantes mal chegam ainda a entender-se, a que cada vez proclama com mais energia a consciencia publica, que é quem hoje ergue clamoro-

samente a sua voz para protestar na Inglaterra contra as violencias aos boërs, na Alemanha contra as crueldades duma punição sem quartel aos chinêses, e na Austria-Hungria e na França contra os odios de raça e de religião. Fala-se, e ainda bem, na educação do povo; mas o povo é afinal quem principalmente nos educa. Esta politica de cordialidade é a que elle, sempre nas avançadas do progresso, esboça já na sua formidavel cohorte internacional, dia a dia mais numerosa e disciplinada para a campanha das revindicações sociaes, que todos, ainda os mais endurecidos, vai conquistando, não á mão armada, que nada edifica sobre a terra, mas pelos milagres da união e da piedade e assistencia mutua.

Receia-se alguem desta candida aspiração? Pois as bôas relações internacionaes são mesmo necessarias á liberdade das nações, porque é nos mal entendidos, nas desconfianças e malevolencias que se interpõem entre ellas, que se estriba a tirania, quando não póde cevar-se nas dissensões intestinas. E quem ha que não comprehenda, depois de tantas experiencias, que

toda associação, grande ou pequena, só póde hoje em dia constituir-se, sustentar-se e valer pelo respeito reciproco dos seus associados? Que é que deu á França imperecivel gloria? A sua epopeia liberal. Que foi que a abateu? O imperio, duas vezes o imperio. Que é que fez a unidade italiana e a unidade alemã? O liberalismo. Que é que a compromette e quiçá venha a pô-la em risco? A centralização autocratica e militarista. Que é que tornou extraordinariamente grande, rica, poderosa e querida a Inglaterra contemporanea? O seu liberalismo. Que é que lhe traz as pungitivas dificuldades da hora presente? O imperialismo. Que é que resuscitou a Grecia? O heroismo da liberdade. Só por ella nos salvaremos tambem, Espanha e Portugal.

Meus senhores! Deixemo-nos levar na afectuosa corrente. E espanhoes e portuguêses, conscios e ciosos uns e outros dos nossos direitos, mas tambem da solidariedade do nosso destino, demo-nos francamente as mãos, abracemo-nos, mais do que como bons visinhos, como bons irmãos.

MEUS SENHORES *!

A sua visita, que nos trouxe dias de festa, relembra-me a sua Santiago, envolta, como numa negra mantilha, nas pesadas sombras da lendaria catedral — cuja molle imensa parece mesmo o montanhoso coroamento dos escalvados terrenos graniticos convisinhos —, e as esfusiadas de vida que, em meio daquella ascetica desolação, irrompem, á maneira dum protesto, dos olhos radiosos das mulheres e do fogo da fisionomia e do gesto, da animação e da alegria dos rapazes. Toda risonha de revoadas de esperanças neste mundo, ergue-se donairosa ao pé da vetusta catedral a celebre Universidade. Tenho ainda bem presente a gentileza do estudante que ma andou amostrando, com uma ilustração rara para a sua tenra edade: aluno de direito, de tudo me

* Discurso proferido no Instituto de Coimbra, na noite de 23 de fevereiro de 1901.

dava conta, da sua e das outras Faculdades. Eu saí encantado. Depois, é uma cabeça de mulher, toucada de gloria, que revejo, a da ilustre galêga, honra das letras hispanicas, Emilia Pardo Bazan, cujo forte perfil avulta pulcramente como a mascara dum medalhão romano, e cujo pasmoso talento, robusto, invasor, mundial como o genio do povo-rei, é ao mesmo tempo natural, desprendido, ondeante e subtil, feminino até na sua propria exuberancia. E a essa grata imagem se veem juntar na minha mente as dos abalizados professores, titulares do ensino compostellano, que pude conhecer e admirar mais tarde, uns ainda hoje no seu posto de combate, proseguindo nas rijas arrancadas contra a ignorancia e o erro, outros já infelizmente prostrados pela morte no proprio campo das suas galhardas façanhas pelo progresso e emancipação do espirito humano. O que eu me sentia, o que me sinto atrahido por elles, por todo esse heroico grupo espanhol de strenuos paladinos do ideal, cujo centro, mais que dirigente, emotivo de acção, se esconde modestamente em Madrid, na amoravel Instituição livre de ensino! Que saudades!

E' todo o meu coração que pulsa estremecidamente á secussão magnetica de algumas das minhas mais caras lembranças.

Nesse grupo penso, sempre que penso no futuro da Espanha, da prodigiosa Espanha, tão digna de resurgir na historia para os mais brilhantes destinos. A elle rendo tambem neste momento as minhas homenagens, ao acolher aqui, em nome do Instituto de Coimbra, estes seus discipulos, nossos amaveis hospedes, filhos da laboriosa e dolente Galliza, almas gemeas das nossas, que o mesmo sol aquece e colore egualmente, que a terra engalana e perfuma de eguaes flôres, que o mesmo largo mar abraça e enamora com os seus misteriosos cantos longinquos, e que o mesmo sangue embala e atormenta com os mesmos sonhos e a mesma crispação do infinito.

Meus senhores! A' antiga intimidade artistica e religiosa entre Espanha e Portugal acresceram notavelmente desde o meado do ultimo seculo, pelo esforço sobretudo do povo trabalhador, as relações industriaes e economicas, dia a dia mais numerosas e estreitas. E oxalá que estas romagens da mocidade universitaria das

duas nações se repitam e amiudem duma á outra, para que, ao contagio do seu entusiasmo primaveril, comungando fervorosamente no mesmo culto da verdade e do bem, ellas entrem de vez no convivio scientifico e politico, que ha de consolidar para sempre o seu poderio e o seu prestigio moral!

A Estudantina de Valladolid *

MEUS SENHORES!

Com enternecido alvorôço de jubilo, o Instituto de Coimbra reabre hoje as suas salas á reunião da mocidade academica de Espanha e Portugal; e, em seu nome, me congratulo devéras pela repetida troca de visitas entre os juvenis representantes das duas nações irmãs, porque é assim, aproximando-se, conhecendo-se e estimando-se, que elles podem preparar-se eficazmente para bem se auxiliarem no desempenho das arduas responsabilidades que sobre uns e outros impendem para futuro. Como não hão de ficar para sempre mutuamente devotados, melhor do que pelos artificios da mais habil das diplomacias, aquelles que,

* Alocução pronunciada no sarau dado pela academia de Coimbra no Instituto, em 17 de fevereiro de 1902.

um dia, num intervallo destas recepções solenes, sentados á mesma banca de estudante em intimo desafôgo, palrando com legitima emulação das glorias das suas patrias, de repente, assaltados por egual pensamento das amarguras da hora presente, emudeceram, as lagrimas a saltarem-lhes dos olhos? O transporte de dôr com que então simpaticamente se abraçaram, firmou um pacto sagrado de aliança, que nada jámais é capaz de romper.

Ah! Estas suas carinhosas viagens são um nobre passatempo das suas ferias. Ellas não divertem só, instruem, educam; e não formam só os sentimentos humanitarios, acendram, vivificam e elevam o patriotismo. Quem é que, de volta ao seu lar, mais ainda do que pelos soberbos ou graciosos quadros do país natal, se não sentirá encantado e empolgantemente comovido pelo espectaculo que ao mesmo passo se lhe vai desdobrando pelo caminho, do esforço, das canceiras e sacrificios com que os seus antepassados, acrescentando e melhorando a obra da natureza, em fervorosa lide de sol a sol, coroaram de pinheiraes o pincaro dos montes, socalcaram a oliveira e a vinha

na escarpa das encostas mais fragosas, aclimataram a laranjeira na dobra do mais esquivo valeiro, e, em porfiada luta com a torrente das aguas, converteram o areal da planicie no campo fertil do milharal e da horta? O que lhes não devemos, a esses heroicos trabalhadores, que, tanta vez mesmo, tiveram de interromper a sua rija faina para acudirem, nos mais arriscados lances, pela vida da sua progenie! A elles devemos sobretudo o melhor de nós mesmos, o nosso nome.

Cumprimentando os gentis alunos da Universidade de Valladolid, faço cordiaes votos por que a ilustre Espanha encontre nas suas novas gerações os valorosos filhos de que, como nós, precisa.

Com as novas gerações * volve sempre a florescer sobre a terra a primavera da alma.

* Escripto para o numero unico *Portugal e Espanha* dedicado pela academia de Coimbra á estudantina de Valladolid.

Felizmente que o mal, que nada edifica, tem contra si as proprias forças hereditarias da vida. Vejam como, neste mesmo momento, contrasta a jovial e afectuosa expansão com que por toda a parte os estudantes trocam entre si visitas, estendendo-se as mãos dum país para outro, com a rude e barbaresca expansão brutalmente prégada pelos dirigentes das nações mais poderosas contra as mais fracas. Salve-a Deus, generosa mocidade espanhola e portuguêsa! E que, sob este nosso constelado ceu, cresçam e vinguem outra vez as virtudes historicas que nos imortalizaram o nome!

Conferencias de pedagogia *

(Notas)

LIÇÃO INAUGURAL

Todos falam d'ensino, varios o professam, mas poucos sabem o que elle é. Nem admira, porque, entre nós, ensinam-se já muitas coisas, mas ainda mal se ensina a ensinar.

Que é o ensino? Vê-se no mais simples exemplo. Vamos d'excursão, e pedimos a uma creança que nos ensine o caminho. Nesse momento, a creança, para nos assistir, guia-nos, dirige-nos com a sua explicação e conselho. O ensino é uma direcção, um governo.

Não ha essencialmente diferença entre ensino e governo. Um e outro póde ser artistico, industrial ou scientifico; e, em

* Feitas livremente na Universidade de Coimbra, aos domingos, de 21 de janeiro a 11 de março de 1900.

qualquer dos casos, deve ser moral, convertendo-se em religioso, economico ou politico.

O professor exerce uma magistratura social; o ministro, o funcionario publico, uma autoridade docente. Um ensino sem elevação patriotica, juridica, falta á sua missão; assim como um governo que se impõe pela violencia e corrupção, e não pela confiança que inspira, pelos serviços que presta e pela propaganda da verdade dos seus principios, é indigno de tal nome.

Quer isto dizer que nenhuma diferença exista entre ensino e governo? A mesma que entre a escola e a sociedade. Ao ensino cumpre ser um governo modelo, como á escola uma sociedade exemplar. Cada dia, porém, se reconhece mais a necessidade de os assimilar e esta assimilação se vai operando de parte a parte.

Mas não será dispensavel o ensino? Não ha tantos homens que se formam só por si, pela experiencia da vida? Não! São muitas as fórmas de ensino, oral, escripto, real, pratico, e não é preciso ir á aula para o receber. Não se confunda aula com ensino.

O homem não entra de repente na plena posse das suas forças, e mal pode passar sem alguem que, durante a sua adolescencia, o dirija na iniciação da vida. As nossas faculdades estão em sucessiva diferenciação e desabrochamento, principalmente até á edade madura; estão-nos continuamente a nascer novas aptidões, como que novas faculdades, novos sentidos, novos olhos. Ha uma gestação espiritual, como ha a organica. D'ahi a missão protectora do educador.

Não se imagine comtudo que as faculdades faltavam de todo antes da sua floração. Não. Ellas existem de todo principio em germen, e é preciso cultivá-las desde logo. A fraqueza da vista não é cegueira. E' preciso não tratar nunca o discipulo como um cego. A creança não é um enfermo.

Passeando com um primo meu, rapazito ainda, encontrámos um cego de lunetas, e elle ficou muito espantado; ao que eu lhe observei para o ouvir: « Pois se as lunetas são para ver, quem precisará mais dellas do que um cego? » Mas o espanto do pequeno tinha sua razão de ser.

O ensino é como as lunetas, que se não fizeram para cegos.

E esta diferenciação espiritual aumenta com a civilização gradualmente. O que quer dizer que as novas gerações, por mais que originariamente cresçam em forças, vão cada vez mais necessitando da assistencia do ensino que as encaminhe. A obra do ensino vai, pois, sendo cada vez mais complexa, e por isso o proprio ensino tem de progredir incessantemente para a efectuar.

Tudo progride; até a natureza inorganica se torna cada vez menos cahotica, acompanhando assim o aperfeiçoamento das formas vegetaes e animaes, que seria incompativel com a desordem primitiva dos elementos. E, acima de tudo e mais que tudo, progride o espirito humano, a socialização humana, e, com ella, a assistencia, o ensino.

Sem ensino, e sem a sua difusão por todas as classes, a civilização redunda contraproducente, porque deixa de estar ao alcance do homem. O homem fica escravo della.

Veja-se o que sucedeu com a aplicação do vapor á industria. As machinas dis-

tanciaram profundamente o operario, seu serventuario, do engenheiro, seu dirigente; e, por falta de ensino oficinal, que suprisse essa distancia, trouxeram, a par com incontestaveis beneficios, muita injustiça e miseria, muita perturbação, que só pela escola industrial modernamente se tem podido combater.

A média da duração da vida aumenta, mas mais rapido que esse aumento é o progresso da civilização. Por isso, todos os instantes vão sendo cada vez mais preciosos para a adolescencia espiritual. Não se póde perder nenhum.

Estamos todos como o medico que, chamado a ver um doente na aldeia, pede áquella creancinha de que falámos, que lhe ensine o caminho mais curto por entre os campos. Havia-se de lhe dizer: aprenda-o por si? Entretanto peorava e morria o doente a que elle ia acudir. Para cada homem ha sempre verdadeiramente um doente, alguem que póde sofrer com a sua demora e ausencia, para cada homem ha sempre um bem urgente a fazer. Derramemos largamente o ensino para que ninguem deixe de o fazer.

A sciencia, a arte e a industria tornam-se, dia a dia, mais solidarias. Ninguem póde procurar e achar tudo por si. O ensino transmite o deposito geral da civilização, que o trabalho pessoal tem, por sua vez, d'engrandecer sempre.

A importancia do ensino é hoje reconhecida em toda a parte. Honram-no os principaes estadistas, dotam-no ricos e pobres. E do proprio seio das Universidades partiu uma generosa campanha para se levar o ensino ás classes mais infelizes, aos bairros operarios, aos campos e ás minas. Tanto se reconhece o seu caracter de divida e obrigação moral!

O nosso seculo é o seculo da socialização e do ensino.

Se todo ensino é necessario e importante, não póde deixar de o ser tambem o do proprio ensino.

As nações estrangeiras ha muito que lhe prestam os maximos cuidados.

Na Alemanha, já no seculo passado Kant na sua cadeira de filosofia professava a pedagogia, e, logo nos primeiros annos deste seculo, Herbart estreava-se, como *Privatdocent,* tratando da pedagogia. Desde o

seculo passado tambem que naquella nação se foram multiplicando os seminarios, que é como lá se chamam as escolas ou aulas normaes. E hoje ha nas suas Universidades cursos de pedagogia regidos por homens tão distintos como Henrique Schiller e Theobaldo Ziegler.

Em França, já os grandes revolucionarios se ocupam de pedagocia, sendo o professor Lakanal o relator do projecto de creação da primeira escola normal, a famosa Escola normal superior de Paris para o ensino secundario. A terceira republica, além de acrescentar a essa uma outra para o sexo feminino, a Escola normal superior para o ensino secundario da mulher, estabelecida em Sévres, organizou poderosamente a pedagogia para o ensino do povo, chamando os seus primeiros homens á regencia das aulas nas Escolas normaes superiores do ensino primario em Fontenay-aux-Roses e em Saint-Cloud, escolas que têem tido á sua frente homens eminentes, entre os quaes lembro com saudade Pécaut, o venerando educador. Lá preside ao movimento pedagogico o vice-reitor da Academia de Paris, o academico Gréard,

autor de magistraes memorias sobre o ensino, ultimamente auxiliado pela poderosa propaganda doutro academico, o professor Lavisse; lá se creou nos ultimos tempos a cadeira de pedagogia em Paris, na Sorbonne, que foi confiada a Marion e depois a Buisson, e têem-se instituido cursos pedagogicos nas Universidades de provincia sob a direcção de illustres professores como Compayré, Espinas e Thamin.

Na Inglaterra, a patria de Bain e de Spencer, e a antiga patria de Locke, que tanto influiu em Rousseau, que por sua vez tanto influiu em Kant, ha subsidiadas pelo estado muitas escolas pedagogicas, lá chamadas *traning colleges;* e já em 1891 James Sully propoz á Universidade de Londres a colação de graus pedagogicos.

Nos Estados-Unidos, além de todas as escolas normaes, ha nas Universidades cursos e até verdadeiras Faculdades de pedagogia, com bachareis e doutores. Numa, na de Stanford, ha mesmo annexo um laboratorio experimental com creanças de 2 a 12 annos, o qual tem com o ensino pedagógico, diz o snr. Barnes na *Educational Review* (citada pelo snr. Compayré) as

mesmas relações que o hospital com o ensino medico.

Junto a nós, aqui mesmo em Espanha, os principaes professores, á frente dos quaes o meu querido amigo D. Francisco Giner, em quem me inspiro tambem, procuram dirigir o ensino nacional.

Em Portugal, a pedagogia apenas se esboça nas escolas normaes primarias. A lei já exige provas pedagogicas dos candidatos ao magisterio secundario, mas ainda não ha onde elles se preparem para as dar. Em todo o ensino sente-se a deficiencia de habilitação profissional.

Tentemos preencher esta lacuna.

SEGUNDA LIÇÃO

Dissemos: Ensinar é uma função social, é obra de assistencia, de dedicação, de sacrificio O magisterio é um sacerdocio; o professor, o sacerdote.

Certamente o professor precisa de ser instruido, precisa de ter capacidade para prestar o seu serviço.

A inexperiencia e o desastramento comunicam-se, e tornam mesmo a intervenção do mestre contraproducente para o discipulo. Todos que tentaram a bicycleta, sabem como, já depois de começarem a equilibrar-se, se sentiam vacilantes cada vez que saissem de excursão com algum companheiro ainda pouco firme. Ao contrario, joga-se melhor com bons jogadores. Recordo-me de que, em rapaz, ia varias vezes saltar para a antiga quinta, hoje bairro de Santa Cruz, com Gonçalves Crespo, e nem elle nem eu eramos prodigiosos; mas, quando sucedia ir comnosco outro amigo, moço de tanto talento e coração! tambem já falecido, o Gonçalo Lindoso, que tinha grandes pernas e dava grandes saltos, lá se atirava após delle o Crespo, e logo eu, acompanhando-os. Não têem observado como os bons oradores elevam sempre o nivel geral da oratoria nos parlamentos?

Não se exagere o principio de que se aprende, ensinando. Essa é, por nosso mal, a tendencia indigena. Todos se julgam, entre nós, aptos para tudo, e estamos continuamente a ver nomeações de professo-

res, que nos espantam. Surprehende-nos que se façam, e não menos que se solicitem ou aceitem. Para ensinar é requisito indispensavel a competencia technica; o professor de chimica, por exemplo, precisa, evidentemente, de ser um chimico.

Mas o ensino, senão de profissão, pelo menos acidental, ocasional, é acessivel a todos. Temos sempre que aprender uns com os outros, e, mais ou menos vezes, conforme a nossa cultura, tambem podemos da nossa parte retribuir essas lições. Alguns dos grandes mestres não se distinguiram tanto em qualquer arte, industria ou sciencia, como nesta incarnação moral de todas ellas que se chama pedagogia. Exemplo notavel: Pestalozzi.

E' que para o ensino requer-se mais do que instrução. O professor precisa, sem duvida, de ser instruido, mas sobretudo de ser bom, de ser um homem de bem.

Não basta ser fisico ou geologo para ensinar. O bello, o util, a verdade, atrahem a si as almas, mas o que as prende e enlaça soberanamente é a sociabilidade, é a bondade. Porque é que os rapazes se procuram tanto e tanto gostam de andar juntos? E' o

enlevo da camaradagem. Por isso o professor, para conduzir os discipulos, ha de tambem fazer-se seu camarada, abrir-se expansivamente com elles, amoldar-se-lhes. E não o póde fazer senão afeiçoando-se-lhes, repartindo cordialmente com elles o seu tempo e os seus cuidados, dedicando-se-lhes, sacrificando-se-lhes mesmo. O primeiro condão do professor é a virtude.

E é preciso que elle seja sempre um claro exemplo de dignidade e de abnegação. Não só na aula; dentro e fora della. Na vida de familia e como cidadão.

O ensino é, por sua natureza, acima de tudo, politico, e não se póde ser conjuntamente mau cidadão e bom professor. Como ha de o discipulo esquecer o que o mestre é fóra da aula, para o estimar dentro della? Como ha de querer viver ao seu lado, se não puder honrar-se do seu trato? A aula é sociedade, colaboração, intimidade, e a intimidade dos maus repugna sempre a todos, muito principalmente ás almas candidas da mocidade.

O professor, e, mais que nenhum, o de ensino superior, deve ser radicalmente intransigente com o mal, com a corrução;

e, nem mesmo no interesse technico do seu ensino, se deve deixar tentar. Se é, só pela complacencia, ou, mais exactamente, pela sua cumplicidade com um poder imoral, que acha meio de alcançar exemplares, aparelhos e instrumentos para a sua aula, antes não os ter. Melhoraria materialmente a aula, mas peorava o professor, que é o principal.

Por tudo isto, para o exercicio do magisterio é imprescindivel a experiencia moral, o aprendizado do bem. A virtude não se improviza. Ninguem se habilita em regra para o ensino, que não comece por o servir modestamente, praticando como simples ajudante com mestres já abalizados. E, para ascender a professor de ensino superior, ninguem devia deixar de percorrer a escala desde o ensino primario. Por falta deste tirocinio social é que lastimosamente ás vezes se encontram, e até no fastigio do magisterio, individuos, aliás talentosos e instruidos, mas socialmente ineptos, infantis.

Sem assistencia e sacrificio, não ha ensino. E o mestre que não se ocupe zelosamente do discipulo, se não é um egoista, só se acredita na omnipotencia das forças

que actuam sobre cada individuo ou nos milagres do individualismo na luta pela existencia.

Ha, efectivamente, partidarios duma e doutra teoria; mas em ambas ellas, com a assistencia, desaparece o ensino.

Uns dizem: Por amor dos outros, ninguem se desvie do seu caminho, do caminho do seu interesse. Para que? O homem é o produto fatal da herança e do meio. *Tal pae, tal filho. Chega-te aos bons, serás um delles; chega-te aos maus, serás peor do que elles. Dize-me com quem andas, dir-te-hei as manhas que tens.* E estes apoftegmas populares, varios sabios pretendem corroborá-los com as suas observações. Citarei as duas seguintes *. Na Australia, indigenas — que tinham sido arrancados ao cólo das mães — já depois de instruidos nas matematicas e literaturas antigas, aos vinte annos, fugiram para ir viver nús, comendo lagartos, com os seus irmãos de raça, para ir vagabundear, bandoleirar. Um pretinho das Philipinas, educado por um americano,

* Henri Taine.

tendo vivido em New-York, Paris e Londres, fez-se um janota, falava as linguas, calçava luvas e botas de verniz; pois, de volta a Manilha, desapareceu, e um naturalista alemão foi encontrá-lo, annos depois, na montanha entre os negros.

Nesta teoria, o caracter de cada um tinge-se indelevelmente com as côres do sangue dos seus progenitores e do ceu da sua patria. Dos que a defendem, uns atribuem tudo á herança, outros dão imensa importancia ao meio, e ha ainda os que mais judiciosamente combinam os dois factores na força inelutavel da evolução.

O homem evolve fatalmente. Não pretenda ninguem intervir no seu desenvolvimento, que o não altera, e, quando muito, só vingará perturbá-lo temerariamente. Seria inutil, senão até indiscreto e nocivo. E nem temos motivo para o deplorar, porque sobre os seus mesmos escombros a evolução ergue cada vez mais grandioso o edificio do progresso. O universo melhora por si.

Está claro que este determinismo esquece que, além da herança e do meio, ha o proprio homem, que é tambem uma força, e

esquece o professor, que é ao mesmo tempo um coeficiente poderoso do passado e do presente, um elemento consideravel não só do meio, porque a herança é mais do que simplesmente uma herança organica. O professor é a força externa organizadora de todas essas influencias que pesam sobre a liberdade humana, é elle quem a dirige na sua faina de consolidar as bôas, extirpando conjunctamente as que lhe sejam perniciosas.

O ensino tem por primeira missão transmitir em toda a sua pureza o patrimonio de civilização dos antepassados. E não póde decliná-la.

Quantas vezes eu tenho visto oscilar a consciencia dum pobre rapaz, filho de gente corruta, sem saber se ha de contribuir para que a virtude ilumine mais a terra, não vá tambem pôr mais em evidencia os vicios dos paes! Como póde então ser benefica a voz autorizada do professor, que, estendendo-lhe afectuosamente a mão, o sustente e ampare na sua ascenção moral, assinalando-lhe como supremo ponto de honra o enobrecimento do seu nome de familia até á obliteração de toda a mancha originaria!

Ai! Quanto entre nós o ensino necessita de ser não só esta força hereditaria que expurgue as novas gerações da corrução dos seus progenitores, mas a herculea força atavica que nos permita rehabilitarmo-nos perante a historia, restituindo-nos o genio e a virtude dos antigos portuguêses, infelizmente tão quebrantado, infelizmente tão poluída!

E não basta assegurar ás novas gerações a civilização herdada, é mister tambem fomentar o seu progresso futuro. Ao mestre cumpre velar por que as variações impressas pelo meio sejam sempre vantajosas e nunca regressivas ou funestas. Que trabalho não tem para rasgar um amplo horizonte ao espirito e ao coração do discipulo, para que elle não seja escravo das pequenezas e mesquinharias do seu rincão; e, sobretudo, quanto não precisa de robustecer-lhe o caracter para que elle não seja victima das emanações deleterias da podridão moral! Como, sem o ensino, se sanearão ahi nas cumiadas sociaes esses infectos pantanos que por toda a parte viciam mortiferamente a atmosfera da vida nacional?

A conclusão a tirar da magnitude das influencias da herança e do meio, do poderio da evolução, é, reconhecendo-as, que o ensino se torna por isso mesmo mais necessario e instante, porque tem de travar a luta com varias dellas; é, reconhecendo as dificuldades da luta, que, sem embargo, a victoria do ensino, do mestre, é certa, pois que dessas influencias as mais fortes, as eternas, que são as bôas, estão do seu lado, e as que elle tem de combater, são as que pela sua propria natureza hostil, aberrante, anormal, estão destinadas a extinguir-se.

O mundo vai pertencendo cada vez mais ao bem. Mas não imaginemos nunca os nossos discipulos, os nossos filhos, educados, só porque calçam luvas e botas de verniz.

TERCEIRA LIÇÃO

O ensino é uma assistencia, uma socialização; e por isso tambem o não querem todos os adversarios do socialismo, todos os individualistas.

Assim como os deterministas são os fanaticos da herança e do meio, da evolução, os individualistas são os fanaticos da personalidade humana, da educação pessoal, do auto-didatismo, da *self-instruction*.

Tempere-se cada um por si só nas refregas, nas fráguas da vida. A grande escola é essa, a da experiencia da vida. Para que tentaremos defender os outros das más instigações internas e externas? Defendam-se elles a si. Assim se aguerrirão. Quantos tombarem mortos no campo da batalha, serão victimas heroicas imoladas ao progresso geral da humanidade. Barato ou caro, tal é o preço da perfectibilidadde, da emancipação.

Para os fatalistas o esforço de cada homem é infinitesimo no turbilhão do universo; para os individualistas esse esforço, só de per si, é capaz de alevantar cada homem ao nivel, á flôr da civilização. Uns e outros abandonam-no na luta pela existencia. Assistir-lhe afigura-se-lhes quasi uma profanação, tanto divinizam as forças do destino ou da vontade.

Proclamando esta doutrina, em Portugal, cita-se logo Alexandre Herculano e mais

modernamente Oliveira Martins, que pouco ou nada deveram ás aulas. Podiam citar-se ainda outros exemplos, e, entre elles, o da sr.ª D. Maria Amalia Vaz de Carvalho. Mas, sem falar das influencias pessoaes, que de perto contribuiram para a formação destas poderosas individualidades, quem não sabe do amor, da paixão absorvente de todas ellas pelos livros, isto é, da sua intimidade com os grandes mestres do espirito humano?

Os Robinsons não se comprehendem sem uma solida armadura, que a ninguem é licito alcançar sem o ensino.

Alguns individualistas temem tanto o ensino, que desejariam segregar o homem de toda a convivencia social. Ensino, ou governo, é sempre atrofiante e corrosivo, enfraquece e despedaça as molas da alma humana; e na sociedade o homem corre sempre o risco de ser dirigido, o que vale o mesmo que dizer violentado. A grande e salutar educação é unicamente a das reacções naturaes.

Para estes o homem nasce bom e é bôa a natureza, só é má a sociedade.

Que acumulação de absurdos!

Se todos os homens nascessem bons, como é que o trato de qualquer delles com os outros, egualmente bons, o depravaria? Donde lhe viria o mal, se a natureza que o cerca, fôsse inalteravelmente, eternamente bôa?

E condena-se a intervenção do ensino para se concluir por uma forma barbara de intervenção, o isolamento social. É, em vez da assistencia, do amor, a tortura celular. Lastimosamente, temos já, de facto, esse regimen entre nós, embora só como regimen penal; é a penitenciaria, aplicada aos que, decahidos pelos seus crimes, mais do que ninguem necessitariam de todo o magnetismo da fraternidade, da bondade, para de novo se levantarem á dignidade humana.

O homem é sobretudo o homem social. Já Aristoteles o definia *o animal politico*. Como haviam de desenvolver-se sciencias, artes e industrias na quasi cega inconsciencia em que cada alma dormitasse, longe das almas suas irmãs, pois que é só no seio umas das outras, revendo-se enamoradamente entre si, que lhes é dado tomar claro acôrdo e plena posse das suas faculdades?

Podem elaborar-se assim os lentos instintos. Mas quando uma civilização, e uma civilização tão vertiginosa como a nossa?

Que seria do homem sem a palavra, este luminoso instrumento não só de comunicação espiritual, mas tambem de exame interior? E quem se não lembra dos extremos de paciencia que custou a nossas mães a nossa primeira educação oral?

Bem sei que as creanças são maravilhosas nessa gymnastica, e como é extraordinaria a presteza com que a descoberta duma palavra lhes concentra novos fócos de luz na sua mentesinha. Ainda hontem o pude admirar na minha Jeronyma, que os irmãositos chamam Gigi. Chegando eu a casa, veiu perguntar-me pelas barretinas que me tinha pedido para elles, e eu ia responder-lhe, quando vi uma lagrima ainda pendente dos seus olhos. « A Gigi chorou? » « *Xerei,* porque o Domingos não me quiz dar a pistola. » « Ora! as pistolas não são para meninas, são para rapazes; para meninas são as bonecas. E o Dino e o Domingos é que são rapazes; a Gigi, a Rita, a Maria e a Joaquina não, são meninas. » Ouviu-se então o trupido do

Domingos á porta do meu quarto. E logo a Gigi, anunciando-mo: « Papá, ahi vem um rapaz! »

Mas, se na aquisição da linguagem, como de tudo, é admiravel a prontidão das creanças, mais admiravel ainda é o carinho com que as santas das mães velam sorridentes pelo desabrochamento das suas faculdades. Ellas é que em grande parte fazem o milagre.

E como se ha de formar o homem moral, só em presença da natureza?

Ha, sem duvida, uma moral natural, uma disciplina das leis naturaes, da necessidade.

Quem não passou necessidades, não formou o seu caracter. A necessidade é a primeira educadora da vontade. É, como se diz, a mãe de todas as industrias. Sem ella ninguem faria nada. Os que imaginam que, desapressados das suas obrigações quotidianas, produziriam grandes obras, iludem-se. Quem tem muito tempo deante de si, fica-se quasi sempre em projectos.

Aqui mesmo, a nossa Universidade resente-se da falta de necessidades intelectuaes. Um professor, depois de reger a sua cadeira, dois, tres annos, já com pouco

se prepara para esta mediocre tarefa a que está condenado pela lei todo o nosso magisterio superior, de apenas exibir, quando não é só noticiar, as investigações alheias. Os discipulos não exigem mais. E, como o professor não vive de perto com elles, nem sequer póde salvar-se, excitando a sua diligencia para o estudo pedagogico dos melhores métodos de ensino. Por isso, nesta vida umbratil do nosso pobre ensino superior, tantos talentos, de tão sanguineas esperanças, se estiolam.

Em geral, quem tem muito que fazer, acha sempre tempo para tudo. Ninguem incumba qualquer negocio a um ocioso, que não lhe tratará delle. Uma vez, que Sousa Martins, que levava uma vida cheia de canceiras até á completa abnegação de si, dos seus interesses e da sua saude, se desculpava comigo, alegando as suas constantes ocupações, de se não ter, talvez, desempenhado perfeitamente duma incumbencia minha, eu escrevi-lhe: « Ao contrario, por isso mesmo é que ninguem faria tão bem. »

A pressão da necessidade parece despertar imprevistas energias. Os tipografos por

exemplo, declaram-me impossivel a publicação das minhas Notas, se lhes não envio o original até tal dia; mas outros trabalhos me retêem, só á ultima hora as concluo, é já tarde, disseram, falta efectivamente quasi de todo o tempo... e ellas compõem-se e imprimem-se, e eu posso ter o gosto de as distribuir no dia aprazado. E' a necessidade, porque o tempo não pára, que assim me põe de manifesto a bôa vontade destes excelentes colaboradores.

De certo, é preciso passar pela escola da necessidade. Ella tonifica a vontade, ella desenvolve pelas suas resistencias o calor que tambem é necessario á vida activa do espirito. E' por isso que as creanças pobres têem quasi sempre mais esperteza e decisão do que as creanças ricas. E não serei eu que maldiga deste aprendizado, eu, descendente de portuguêses que, na disciplina e nas tormentas do mar, recaldearam o seu animo para as imorredoiras façanhas com que engrandeceram o mundo e o seu nome.

Mas não se fique por ahi! Como os nossos antepassados, procuremos uma inspiração superior, um ideal. As necessidades

individuaes, egoistas, impõem-se primeiro; mas, além da disciplina das leis naturaes, ha outra mais alta, a das leis moraes, a das obrigações altruistas. Esta é que é verdadeiramente a disciplina moral.

Não se perpetue ninguem no regimen das necessidades; e sobretudo não se exagerem, não se encrueçam! Que são os selvagens, que são muitos degenerados senão almas penadas, almas amarradas ao poste do obscurantismo pelas necessidades, pelas fatalidades organicas? Tentemos tudo por desatá-los quanto possivel dessas prisões. E envidemos sempre os melhores esforços para ninguem bem-nascido cair na miseria fisica ou na miseria intelectual, que fatalmente se converterá em miseria moral. Não se faça nunca á creança como me contou o meu querido amigo Alfredo Barjona que lhe fizeram ao avô materno. Para o ensinarem a nadar, atiraram com elle a uma valla do Mondego. Nunca se faça uma coisa destas, nem mesmo ficando alguem ao pé da creança, pronto para logo lhe acudir.

Os fanaticos da personalidade humana ainda fazem peor: lançam o individuo nas lutas da existencia, lutas naturaes e sociaes,

e deixam-no! Esse abandono é mais que desastroso, é um perigo para a moralidade.

« Não tirem á creança as pedras do caminho. Deixá-la tropeçar e cair: ella se levantará. Caindo, é que aprende a andar. Se lhe acodem, até chora mais. » Pudéra! A sós com a natureza, nem ella tem com quem desafogar a sua dôr.

Não! as reacções naturaes não só não bastam para formar o homem, mas não encerram em si balsamo e conforto para todas as feridas que rasgam.

O desastre ensina? Efectivamente quasi parece necessario sofrê-lo para lhe perder o medo. Mas já basta o desastre inseparavel de todo aprendizado e estudo, de todo ensaio; não o agravemos. A função do mestre não é suprimil-o, que seria chimerico, mas atenuá-lo, mas torná-lo o mais suportavel e o menos danoso possivel.

A minha Gigi pega com ambas as mãos numa das cadeiras do meu quarto, levanta-a ao ar pelas pernas, e vem andando com ella triunfantemente para mim, que estou todo admirado. Mas, de repente, a um passo mais vivo, a cadeira oscila, o seu desequilibrio

comunica-se-lhe aos bracinhos, e ella ataranta-se e chora com o susto de cair com a cadeira ao chão. Não lhe havia de acudir? Havia de deixá-la cair e ferir-se? Nem se pergunta. Só se não fôsse pae? Pois todos devem ter um coração paternal para com os pequenitos.

Abandoná-los é deixá-los enleados na sua desordem ingenita, desordem exterior e interior, a que elles mal podem de per si arrancar-se. E o resultado é não só o desastre fisico e o estrago em casa, na oficina ou laboratorio, mas tambem a confusão intelectual, o erro, a superstição.

A mesma Gigi, que trago sempre na memoria, servirá de exemplo. Tinha-me espalhado varios papeis pelo chão, e eu intimei-a a apanhá-los. Mas eram muitos, ella cançou-se, e pediu-me comutação da pena. « Só mais tres! » Concordei. Um dos tres, porém, estava tão colado ao chão, que, por mais que ella fizesse, não podia tirá-lo. Então exclamou para mim, desistindo: « Este não quer vir. »

O desastre esmorece. « Não sou para isto! » é a conclusão que tantas vezes se tira.

Até nos jogos athleticos, que tamanho prazer causam aos rapazes, os que são infelizes ás primeiras tentativas, nem é preciso que trambolhem e se machuquem para descoroçoarem.

Ás vezes a só lembrança do risco por que se passou, da atrapalhação em que se esteve, ou simplesmente do enfado da propria impericia, desalenta, paralisa.

São as proprias creanças que nos veem suplicar auxilio. A Gigi pede-me força: « Papá, eu sou pequenita, não posso, não posso: ajude-me. » O Domingos pede-me um regulamento: « Papá, que vou fazer agora? » E, para pôr a pé, de manhã, os meus filhos mais velhos, preciso dar a mão á sua vontade ainda dormente tambem, para elles poderem levantar-se de todo o peso do seu sono de rapazes. Não basta acordá-los: « A pé, meninos! » Se vou com um livro na mão e fico distrahido a ler, elles voltam-se para o outro lado e continuam a dormir. Tanto o ensino, no minimo acto, ha de revestir o seu caracter de devotada assistencia!

Ainda os adultos, é mister vigiá-los, guiá-los sem negligencia. Nenhum chefe de casa

ou repartição imagine que os creados ou os empregados são machinismos de relojoaria, que baste ditar-lhes a sua tarefa para elles trabalharem por si. Descurá-los é quasi sempre desmazelar e comprometer os serviços, é dentro em pouco a casa ou a repartição num cahos.

A desordem dos mais, creanças ou adultos, importa para nós um sacrificio. Se não nos sujeitarmós ao do ensino, sofreremos outros peores.

A luta do homem com a natureza é uma necessidade; mas, para elle se sair victorioso, não é menos necessario dirigi-lo, como se dirige um soldado noviço na arte da guerra.

O abandono do individuo ás reacções naturaes é mesmo um perigo para a sua moralidade.

Como ha de elle, de per si só, conter as suas paixões grosseiras? Por idéas e sentimentos que ainda não possue? Sentimentos e idéas não surgem, logo que são precisos; como não surge o vestuario, que a creança não está habilitada para fazer, desde que ella precisa de se resguardar dos excessos do calor e do frio.

E que mestre a natureza!

Castiga só responsaveis? Assim se pensa muitas vezes. *Ao menino e ao borracho põe-lhe Deus a mão por baixo.* Engano! O seu castigo fere quasi sempre a ignorancia, que o não merece. Ás leis naturaes não é justo aplicar o principio de que a ignorancia da lei não aproveita a ninguem. Quando a Gigi ia caindo com a cadeira no chão, se se maguasse, era por culpa sua? Não, que ainda não podia entender mais, e até fez, para a sua edade, um esforço digno de melhor sorte.

A natureza é cega, impessoal, impassivel — argumenta-se —. Mas disso nos devemos queixar. Para me prestar um serviço urgente que eu lhe acabava de pedir, um amigo meu corre, precipita-se pelas minhas escadas abaixo, e escorrega, cai e aleija-se; quando, se a pedra tivesse alma, sustinha-o na carreira e amparava-o na quéda.

A natureza castiga egualmente? Proporciona a pena ao delito? Atende ás circumstancias? Quem o dirá? Uma pobre mulher ia segar fêno para as suas vacas numa insua do Mondego, chega-se para uma mota que a agua solapara, falta-

lhe o chão, e ella resvala no rio e afoga-se. Onde estava aqui o crime para a pena ultima? Onde sequer o delito? Este verão, durante as ferias, em Molêdo do Minho, fui chamar medico para uma rapariga que, estando com uma pequerrucha ao collo, sente-a de repente soltar-se-lhe por um brusco movimento, vai a apará-la no ar, estrebuxa, cai de chofre sobre o braço com todo o peso do seu robusto corpo, e quebra-o. Se tinha havido descuido seu, estava de certo resgatado pela provação do aflictivo transe. Mas nada lhe valeu. Caiu, só por amor da creança, ella, de si tão agil como uma corça? Caiu: estropiou-se. Ai! Quanto sofrem os que a todo o instante lidam de perto com as agruras da natureza!

O desastre não só esmorece a vontade, esmorece e escravisa. E' a submissão do espirito á fatalidade. E, sem liberdade, não ha moralidade. A moral das reacções naturaes é a sagração do fatalismo, da força e do acaso. Não desaparece o governo, mas o homem decae para sob o governo da força bruta e da superstição.

As creanças, sem alguem que lhes vá alumiando os caminhos da vida e dirigindo

o espirito, crêem em bruxas e papões, batem nas mezas e nas portas e fazem-se acrimoniosas e violentas. E veja-se o que sucede aos selvagens. No desamparo em que labutam, mal podem ir mitigando as suas penosas condições. Se algum, por mais zeloso ou afortunado, salvou o seu campo dum furacão, duma tempestade, que devastasse a cultura dos outros, é por elles acoimado de feiticeiro, e torna-se victima da atroz crendice geral.

Aqui está como, no regimen da educação pelas reacções naturaes, o homem, não achando por si só a lei natural, é levado contraditoriamente ao acatamento e religião do sobrenatural, que tanto ás vezes parece um apêlo da sua desvalidez e angustia para a piedade das coisas.

E nem ha contradição, esse é o corolario logico da divinização da natureza.

A teoria do endurecimento das faculdades no aspero conflito com a natureza, a admitir-se, provava demais, e refuta-se até pela sua redução a absurdo. Se não se deve prestar ao homem em meio dos rigores materiaes da vida a assistencia do professor, não se lhe preste nenhuma outra.

Elle que procure, faça e alcance tudo por si. Mas nem roupa, nem alimentos? Nada! Não lhe aplanemos as estradas, que lhe atrofiamos os musculos e entorpecemos a vontade. Seria a condenação de toda a civilização. Seria uma barbaridade e a imolação da creança.

Não, nem tanto! acudirão.

Conheci um homem em Vizeu que, increpado de gastar quanto tinha, sem olhar pela educação dos filhos, redarguiu: « Não faço nada por elles? Dou-lhes estradas, caminhos de ferro, telegrafos, dou-lhes tudo que no meu tempo não havia e para que tenho contribuido do meu bolso. » Dava-lhes tudo, menos a si.

Pois esse é o primeiro dom na educação.

QUARTA LIÇÃO

Não basta a luta natural pela existencia para formar o homem civilizado. As suas consequencias podem mesmo ser ruinosas á felicidade e á moral. Todos precisam de que os inicie em meio das reações natu-

raes, tão aleatorias! a acção esclarecida e amoravel do ensino. Ponha, pois, cada qual ao serviço dos outros a sua instrução e autoridade, não só para que elles tropecem e caiam o menos possivel e se não molestem, mas ainda para que do choque com as forças fisicas não saia tambem mal ferida a sua emotividade e a sua razão, e, com ellas, a sua dignidade.

Não! — contravem o individualismo, sem se dar por vencido — não é isso! Não basta á educação a luta natural, porque é necessaria ao mesmo tempo a luta social. O regimen da necessidade de certo que é insuficiente, porque se faz mister tambem o da liberdade, a livre disciplina das energias individuaes no seu vivo e fecundo recontro. Na luta social a alma humana acabará por si mesma de se temperar virilmente. Nada de intervirem na educação! *Laissez faire, laissez passer.*

Até onde póde chegar o culto fanatico da personalidade! É, em todo o desabrimento da sua intratavel rispidez, pretender, como de nós dizia Voltaire, curar os danos do terremoto com os suplicios do auto de fé.

Imaginarão tão descaroados individualistas que vivemos num mundo celestial todo perfeições?

Leibniz, ao sustentar que este mundo era o melhor dos mundos possivel, não negava a existencia do mal; e, desde a sua mocidade, que, para o debelar, elle apelou para o ensino, cuja eficacia poz em relevo, parodiando Archimedes na celebre asserção: *Dai-me o ensino e eu vos mudarei a face da Europa.*

O optimismo, infelizmente, não resiste á critica. Já não ha Candidos e Pangloss que acreditem e professem tal doutrina. Se até o pobre doutor Pangloss, que achava que os narizes tinham sidos feitos para usar lunetas e por isso havia lunetas, os porcos para ser comidos e por isso se comiam, e que procurava consolar-nos do grande terremoto de 1775, explicando-nos que, se elle rebentara em Lisboa, fôra porque tinha de rebentar em alguma parte e não pudera ser noutra, coitado! pagou com a vida o seu optimismo, morrendo enforcado pela Inquisição por se ter atrevido a querer conciliar a liberdade com o pecado original!

Não é licito atender só ás harmonias em que os conflitos sociaes se vão cada vez mais resolvendo, para, como Bastiat, nos eximirmos a promover e facilitar a sua resolução. Assistencia não significa perturbação, pelo contrario.

Olhem as moleculas liquidas como tomam por si mesmas o seu nivel geral, sem que seja preciso ninguem intervir, ponderava Bastiat. Ai! nós, povo de navegantes, sabemos de cór pelas tragedias maritimas da nossa historia como ellas o tomam.

A luta social não é um jogo festivo de livres iniciativas. Atravez das harmonias da civilização, que é doce escutar como Platão escutava a musica das esferas, quem é que não ouve distintamente os soluços e as imprecações das victimas das contenções humanas? A liberdade é a condição de todo o bem, e só ella o realiza, mas a que custo! Por isso ella aperfeiçoa e acelera incessantemente o seu aprendizado por meio do ensino.

A humanidade avança, mas a victoria do progresso vai deixando a arena embebida de sangue e os corações tarjados de luto. Não é preciso o talento dum Prou-

dhon para opôr á teoria das harmonias a analise das flagrantes contradições e miserias sociaes.

A sociedade não é um inferno de vicios, mas tão pouco é um paraiso de virtudes. O optimismo não se justifica mais do que o pessimismo.

Reconhecendo a lastimosa realidade da luta social, afirmamos com isso a sua necessidade, a sua fatalidade? A luta pela vida rege tambem a nossa especie? Será verdadeiro o aforismo de Hobbes, adoptado por Malthus: *Homo homini lupus?* O homem terá necessidade de lutar com o homem, como tem a de comer e d'exercitar os seus musculos? Terá de educar-se na luta para a luta? *À la guerre comme à la guerre?*

O que é necessario ou obrigatorio, é a lei, fisica ou moral, e não a desordem. A luta social é comparavel á fome, ao calafrio. Como estas perturbações, que revelam a necessidade das leis organicas a que todos temos de obedecer para conservar a vida, ella denuncia uma infracção á lei moral. E, assim como a facilidade dos meios de existencia, regulados pela higiene,

até da negra fome faz um grato apetite, assim tambem o progresso da humanidade vai fazendo com que a ferina luta social se transforme numa fraterna emulação, ou, quando muito, numa passageira desintelligencia, inofensiva como o amúo que se dá entre pessôas que se querem, depois do qual até parece que as relações afectuosas ainda mais se estreitam.

A sociedade vem do estado de guerra para o de paz. O drama da historia abre, como as tragedias gregas, por um côro, côro lugubre de estertôres e maldições, que só muito lentamente vai enfraquecendo; mas, pouco a pouco, começa a ouvir-se suavemente a carinhosa e animadora voz do amor pela bôca dos principaes actores, Socrates, Christo, os santos e os moralistas, e esta voz nunca mais se some, nem mesmo quando o pano desce sobre cada um desses personagens, antes vai crescendo sempre e reboando cada vez mais profundamente por todas as quebradas da aspera carreira da vida humana.

O homem até a natureza pacifica. As aguas correm de rôjo pela montanha, descalçam e arrazam os vinhedos da encosta,

e, arremessando-se impetuosamente sobre a veiga, inundam as habitações e destroçam os milharaes? Intervem o homem: planta a montanha de arvoredo, e, coando a chuva atravez da sua folhagem, pacifica a devastadora torrente, convertendo-a num orvalho fertilizante.

Necessaria a luta social! Falo a um publico, em grande parte composto de gente moça, que demonstra exuberantemente que não, tão efusiva é a cordialidade que briosamente se agita no seu seio! É verdade que a juventude esboça fisica e moralmente um estado futuro que o adulto actual ainda não atinge...

O homem tem de educar-se para a sociabilidade, para a cooperação, para a virtude, não para a luta.

Mas, se a luta social não é uma necessidade essencial, permanente, da natureza humana, não será comtudo uma necessidade transitoria, uma condição impreterivel de aperfeiçoamento? Para nos formarmos, não teremos de passar pela sua escóla? Numa palavra, não será educativa? E, portanto, subtrair-lhe alguem pelo regimen do ensino não será um mal?

Constituirá a luta social o preparatorio indispensavel para alcançarmos a virtude?

A este respeito, pronunciam-se afirmativamente tres opiniões, duas dos que julgam egualmente necessario deixar o homem fazer o mal, e uma dos que julgam necessario deixá-lo, senão fazer o mal, ao menos transigir com elle.

Ha quem pense que o homem, para ser bom, necessita de cançar o seu instinto de combatividade, de saciar a sua animalidade, ou, pelo menos, de lhe dar uma satisfação.

Il faut que jeunesse se passe, dizem os francêses. E nós: *É preciso ser rapaz.* Comer e beber de mais, fumar, mentir, seduzir... são *rapaziadas.* Quem não pagou ao vicio o seu tributo, o seu contingente, na mocidade, vem a pagá-lo fóra de tempo, e ainda é peor. Corre até, entre nós, a anedota dum pae que recusou a mão de sua filha a um rapaz por elle ser demasiado virginal.

Felizmente que a torpe doutrina não se aplica á mulher!

Os que a seguem, procedem como os donos das confeitarias, que deixam os pequenos, á entrada para o seu serviço, comer

tanto doce, que o fiquem enjoando para sempre. Esperam que o vicio caia de maduro, e se desfaça de pôdre.

Mas será pela saciedade que o homem perca o gôsto ao vicio? Não. O efeito da saciedade não é a temperança, é o tédio, a irritabilidade, a doença fisica e moral; será o cansaço do vicio, mas é com certeza a extinção da alma e da vida.

Deixem, ao menos, que o homem prove do fruto prohibido, que é para tirar dahi a idéa e o desejo! clamam obstinadamente.

São as mesmas pessôas que oferecem charutos e bebidas espirituosas aos filhos e os conduzem aos lupanares, no desvairado intuito de que elles assim matem o bicho, como se exprime o nosso povo. Mas o bicho, neste caso, não é a fome e o frio do pobre, é a sensualidade degradante dos ricos.

O vicio provoca irresistivelmente a nossa curiosidade? E é satisfazê-la, porque elle deixa sempre afinal nos labios de quem o prova, um travo doloroso que em breve o vem a apartar delle?

As curiosidades morbidas não são curiosidades, instigações intelectuaes, mas ape-

tites, a que a sã razão não deve ceder. Nessa gimnastica lhe cumpre logo enrijar-se e aguerrir-se contra o mal. Ademais o vicio está tão perto da virtude, que, aos nossos minimos desmandos, temos de sobejo infelizmente ocasiões de o irmos conhecendo e imaginando por nós mesmos, sem precisarmos de o cometer propositalmente e de nos afundar nelle para não virmos alguma vez a cair nelle por ignorancia.

E, para o conter, não se conte com a reacção das suas funestas consequencias pessoaes. A advertencia da dôr chega-nos muita vez tarde de mais; e nem sempre mesmo é escutada, porque fala já mais forte a voz do mau habito contraído.

O vicio não se corrige por si mesmo. É preciso preveni-lo, reprimi-lo, sobretudo preveni-lo. Os grandes meios são os moraes. Ninguem come e bebe de mais, se se recorda simpaticamente dos que têem fome e sêde. Mas, para livrar das tentações do vicio, que é sempre um excesso ou um abuso do prazer, basta mesmo em geral proporcionar a cada um a posse dos gosos legitimos. Todo o prazer é um fruto da vida que tem a sua estação propria, o seu

momento, em que é licito colhê-lo e saborear-lhe o gôsto. Espere-se por esses momentos. Antecipá-los, multiplicá-los só póde fazer-se á custa da propria seiva.

Ha tambem quem entenda necessario entregar o homem á luta social para que o seu vicio encontre os vicios dos mais e se modere.

Deixem os rapazes *quebrar a cabeça*. Deixá-los fazer a experiencia do mal. Ao tempo, é que o fructo se sazona: deixá-los curar-se das suas verduras. São depois os melhores.

Inspiram-se no mesmo principio os que dizem que todos precisam de ter sido republicanos em rapazes para darem depois bons monarchicos. A verdura, aqui, é o republicanismo.

Para estes a luta social é uma especie de purgatorio, de cadinho ardente, por cujo fogo têem de passar as paixões para que a virtude se acendre. O vicio, fazendo erupção, até limpa.

Contam com as violencias da sociedade para a educação pessoal. O homem ha de refrear os seus arrebatamentos, porque lhe pagam o mal com o mal. Do choque dos

vicios é que resalta para as almas a centelha da virtude.

Nesta teoria não se faz o mal, unicamente porque os outros o não deixam fazer. E, quando deixarem? Quando quem se desmande, fôr o mais forte, o mais intelligente? É a exploração de todos os fracos, da mulher, da creança, do povo, de todos os que não possam ou não saibam rebater o mal.

E' por isso que tantos homens de talento ou de elevada jerarchia julgam que tudo lhes é permitido.

Ha ainda a opinião dos que declaram necessario que o homem se lance na luta social para alcançar a virtude, não propriamente fazendo o aprendizado do mal, mas aprendendo a tratar, a comprazer com elle.

Para poder exercitar o bem, não ha remedio senão fazer a bôca doce aos maus, captar o seu concurso, domesticá-los. É, associando-nos primeiro com elles, servindo-os, que depois os podemos ter do nosso lado.

Pertencem a este grupo os politicos que, tendo-se sinceramente, talvez, na conta de honestos, não duvidam acercar-se duma

alcateia de depravados para mais facilmente abrirem caminho e se desempenharem dos seus encargos da governação publica. E' indispensavel! dizem. A arte de governar é a arte de saber transigir, e de transigir a tempo. Não se deixe passar a oportunidade!

E ha-os de duas especies: os que são capazes dos maiores rasgos para servirem e dispôrem a seu favor a clientella, e os que têem medo aos grandes escandalos, mas vão semeando e multiplicando largamente os pequenos.

A todos sucessivamente se enroscam e sugam até á ultima gôta de sangue generoso os inumeros tentaculos do insaciavel pôlvo da corrução.

Se ao menos os que transigem com o mal, o denunciassem, manifestando por elle a sua repulsão, como o grande Pitt, de quem conta Macaulay que — forçado a entrar com um ministro pouco escrupuloso para um gabinete de salvação nacional, quando a Inglaterra se debatia nas grandes lutas do seculo passado — em lhe aparecendo alguem a solicitar um escandalo, despedia-o, indignado, exclamando: « Isso é lá com o meu colega, não é comigo! »

Não, não é, passando pelo vicio, que se chega á virtude. Não é ludibriando, prostituindo o amor, seja elle qual fôr, o amor, centro da vida de familia e fundamento de toda a solidariedade social, que se aprende a bem-querer, a amar.

Que paradoxo, a virtude do vicio!

A virtude não é como as terras daquelles antigos fidalgos arruinados, que, quando faziam um casamento vantajoso com pessôa menos qualificada, se desculpavam cynicamente, chamando a isso « estrumar as suas terras ». Ella não floresce na corrução.

QUINTA LIÇÃO

Se o choque das energias pessoaes, a luta social, não gera sempre a virtude, clamam os individualistas, é lastimoso, mas que remedio, pois doutro modo não ha progresso possivel! Sacrifiquem-se vidas e almas, que é para o bem geral.

O ensino, pretendendo alhear o individuo á luta de homem para homem, o que faz, é desarmá-lo e estorvar a marcha ascen-

dente da humanidade. A luta é a lei da perfectibilidade. Toda a assistencia social não só se frustra de encontro a esta lei, mas é mesmo atentatoria della.

A ensinar-se, ensine-se a luta social.

Será assim? Afirmá-lo-ha a historia? Já mostrámos que não. Mas alarguemos a demonstração.

Houve na historia da civilização um periodo tôrvo em que a luta parecia reger soberanamente a sociedade. Foi a Edade-Média. Luta de raça contra raça, de povo contra povo, luta dos castellos entre si e com as comunas, luta da inteligencia, luta dialectica, na escolastica, luta de sentimentos, torneios, nas côrtes dos palacios e solares, luta de consciencia, senão ainda propriamente pela liberdade do pensamento, pela liberdade da fé.

Era a escravização de todos os interesses á salvação da vida. Era o despotismo militar, defendendo e assoberbando, esmagando, todas as classes produtoras. Em nome da luta, se constituiu a sociedade feudal, e, em desespero della, se apelava para outro mundo melhor. Tendo-lhe sacrificado tudo por amor da vida, os homens acharam-se

reduzidos a renegá-la pela paz do tumulo, e a só da morte esperar a sua libertação.

Dante, que, pela fé é bem da Meia-Edade, critica-a tragicamente, dentro dos moldes da lenda christã, povoando com os seus algozes e os seus martyres o inferno, o purgatorio e o paraiso da imortal *Divina Comedia*.

E tudo que havia de inane, desastroso e grotesco na paixão da luta pela luta, fica para sempre memoravelmente insculpido na figura extravagante de D. Quixote. A comedia do heroismo medieval, fê-la mais tarde Cervantes.

A Edade-Média foi um tempo de heroicidade, de certo, mas tambem de violencias ferozes e injustiças crueis, um tempo de virtude, de santidade mesmo, mas tambem de mortificação e miseria, de intolerancia e fanatismo.

E, sem embargo, a humanidade progrediu.

Desse mar de lôdo e sangue brotou uma flôr de vida, a Renascença.

A Renascença é um regresso á vida, á paz, a este mundo, e, por isso mesmo, um

arranque de reacção contra o principio da luta social.

Perpassa novamente pelo mundo um sopro de amor. Vê-se que esta vida vale a pena de se viver. Admira-se a grandeza das civilizações passadas e as maravilhas dos novos mundos. Volta-se ao culto da natureza e da humanidade. O humanismo e o naturalismo renascem.

O amor da vida rebrilha em Camões, que não é só o épico dos lusiadas gloriosos, das armas e barões assinalados, mas tambem o poeta sublime da alma humana, o cantor do velho do Restello e da linda Ignez, o poeta sublime da natureza, das enseadas e dos cabos, das procellas e bonanças, e daquella capitosa ilha dos Amores sobre que a sua palêta derramou todas as meiguices. E esse amor desabrocha em tantos prodigiosos artistas, que remoçam a velha terra, desatando festivamente por toda ella uma florescencia de obras primas!

Criam-se e desenvolvem-se as sciencias.

Ha um enorme trabalho de organização social.

As lutas proseguem, os males tornam-se ainda tão incomportaveis, que rebentam

em protestos doloridos e ensanguentados, como a Reforma do seculo XVI, a Revolução de Inglaterra do seculo XVII e a grande Revolução francêsa do seculo XVIII. Mas no mundo moderno sente-se um incontestavel alivio, a humanidade respira.

A dupla corrente, naturalista e humanista, desborda pelo nosso seculo, e com ella irrompem juntamente os dois principios opostos, da luta e da solidariedade.

Faz-se mais que nunca a historia da natureza e do homem. O caracter realista do mundo moderno acentua-se. A filosofia torna-se positiva. Procura-se mesmo uma moral natural e humana.

As sciencias naturaes, num vertiginoso desenvolvimento, completam o seu cyclo pela creação da anthropologia. A arte volta-se tambem para a natureza, donde tira um ramo novo, a paisagem. A industria atinge uma fôrça incomparavel pela descoberta das aplicações do vapor e da electricidade.

Ao mesmo tempo faz-se a historia natural do espirito e a psicologia profunda as suas raizes até á alma da creança, do povo, do selvagem, do criminoso e dos animaes;

compõe-se o romance psicologico, apenas ensaiado anteriormente, e a arte revolve o coração humano até ás suas chagas e torpezas; á medicina acrescenta-se uma nova therapeutica, a do hypnotismo e sugestão das faculdades, que desce até ás molas mais reconditas do inconsciente.

E leva-se a historia do homem moral á intima perscrutação dos costumes e das instituições primitivas.

Mas o mal vai no encalço do bem. A religião da natureza dispõe-nos a amar os simples, mas o seu endeusamento ergue altar ao fatalismo, transportando-o para a vida da alma. A religião do homem, se por um lado cimenta poderosamente a cohesão social, por outro ameaça-a com os excessos convulsivos do individualismo.

Exemplo deste conflito e confusão foi o romantismo do principio do seculo, adorador da natureza e do povo, mas tão naturalista que chegava por vezes a desdenhar da vida social, e tão tradicionalista que até se encantava com as desordens feudaes da emotividade humana.

Exemplo deste conflito e confusão é o constitucionalismo polltico, este eclectismo

entre o governo hereditario e o governo da nação pela nação.

O nosso tempo é ainda de contradição, de crise.

Hegel abre o seculo dezenove, anunciando a sintese, isto é, a paz, pela antítese, isto é, pela luta; e toda a historia contemporanea parece dar-lhe razão.

As sciencias fisico-chimicas demonstram a conversão de todas as forças e portanto a sua unidade e solidariedade; mas, ao passo que inventam um sem numero de explosivos novos, que são outras tantas conflagrações de forças, afirmam que só têem estreita afinidade e se atrahem vivamente os corpos que mais entre si contrastam, e que é da colisão, do choque, do atrito que, por conversão da fôrça, resalta em vibrações o calor, a luz, a electricidade.

A biologia demonstra a transformação das especies, isto é, tambem a sua unidade e solidariedade; mas, assim como descobre os microbios, que tantas vezes colaboram para a nossa vida, quantas outras, verdadeiros explosivos organicos, pela sua tumultuaria multiplicidade espalham por toda a

parte a doença e a peste, é ella propria, é o proprio autor da teoria da unidade das especies, que vem declarar-nos que animaes e plantas só se transformam e aperfeiçoam no rude combate pela existencia.

A psicologia demonstra a unidade e solidariedade de todas as faculdades e de todas as suas creações, e dahi tira até a literatura efeitos novos, suprindo a pobreza do teclado dum dos sentidos com as notas e côres dos outros, do que é exemplo, entre nós, o delicioso soneto *Aromatografia* de Manuel Duarte de Almeida; mas ao mesmo tempo vai explicando muitas associações de idéas, sentimentos e acções por uma concorrencia vital em que tantas vezes se sufocam as mais generosas. E a filologia, que construe a arvore genealogica das linguas e dos dialectos, reunindo-as por laços de familia, é, comtudo, atravez das lutas de nação para nação e de região para região dentro de cada uma, que as faz passar no seu movimento transformista, o qual, por isso até, para alguns se afigura uma degradação.

A sociologia demonstra a solidariedade moral do homem, os seus deveres de coope-

ração e assistencia, o nosso seculo é o seculo em que mais intimamente se comunicam individuos, classes, povos e nações; mas, não obstante, ainda estrugem pelo ar gritos de odio e de agonia, desde o principio do seculo que as guerras se sucedem, guerras de conquista, guerras de nacionalidade, guerras de classe, e agora mesmo uma poderosa nação, que é modelo de grandeza moral, não hesita em violar brutalmente a independencia doutra nação, pequena pelo numero, mas não menos admiravel pelo heroico patriotismo dos seus filhos.

Em que sentido se resolverá este antagonismo? pela luta ou pela solidariedade?

Os grandes conflitos travam-se principalmente na natureza inorganica; e comtudo ahi mesmo á revolucionaria teoria das catastrofes se opõe hoje a teoria da evolução, que explica a historia da terra pela acção lentamente acumulada das causas actuaes, e, ahi mesmo, a mais pura expressão da solidariedade mineral, o cristal, se mostra incompativel com uma incessante agitação.

No mundo organico ha já uma grande acalmação. O crescimento da planta ou do animal exige um vigoroso esforço coorde-

nador, assimilador; quando a desassimilação prepondera, vem a doença e a febre, vem a velhice e a rapida consunção. Como a natureza organica procura a paz, vê-se na reprodução, em que ella tenta libertar-se da luta por meio dos orgãos protectores da vida germinativa ou uterina. O organismo preludia mesmo á virtude, porque possue o poder de selecção, que é proprio dos bons, não só de atrahir a si os seres, as substancias que lhe são beneficas, mas ainda de converter nellas as indiferentes ou virulentas.

Na sociedade a luta tende a extinguir-se. Povos e reis apostolam a paz. Os ricos, os felizes, não só socorrem os menos bem sorteados, mas dão-lhes participação nos seus lucros e abrem-lhes a sua convivencia. E a escóla, o ensino, vai por toda a parte enlaçando as almas.

Qual portanto a conclusão com que se fecha o nosso seculo? E' que se opera cada vez mais, mais intensamente e mais extensamente, o apaziguamento do mundo. A luta não póde, pois, ser a lei do progresso.

SEXTA LIÇÃO

Esta lição, que não chegou a sair impressa, desenvolvia a tese de que a nossa civilização se assinala sobretudo pela assistencia social aos fracos, aos humildes e infelizes, da qual são principaes formas, além da assistencia aos enfermos e anormaes, a assistencia á creança ou pedagogia, a assistencia á mulher ou feminismo, a assistencia ao povo ou socialismo propriamente dito, e a assistencia aos selvagens ou colonização, e que é, pela integração de todos os pequenos, desde a infancia das escolas, na obra colectiva e pela reparação de todas as fraquezas e taras individuaes por governantes e professores, que se vai elaborando a maior força, material e moral, da civilização contemporanea.

Congresso pedagogico hispano-português-americano *

Notas e memorias de professores da Universidade de Coimbra ou relativas a ella, comunicadas ao Congresso pedagogico hispano-português-americano que se celebrou em Madrid, em 1892, pelo organizador da representação portuguêsa, Bernardino Machado:

Mappas da instrucção primaria no districto de Coimbra, colligidos sob a direcção do dr. Bernardo de Albuquerque e Amaral.

Collegio dos orphãos de S. Caetano em Coimbra, pelo dr. Manuel Dias da Silva.

Apontamentos a proposito da Eschola industrial Brotero em Coimbra, por A. A. Gonçalves.

Nota sôbre a necessidade de nos archivos do Vaticano se fazerem investigações concernentes á historia de Portugal, pelo dr. José Maria Rodrigues.

* Veja-se *O Ensino*, pag. 273 a 294, do autor.

Nota sobre o ensino do hebreu em Portugal na actualidade, pelo dr. José Maria Rodrigues.

Os estudos economicos em Portugal, pelo dr. José Frederico Laranjo.

A Universidade de Coimbra, capitulo de uma obra allemã, traduzido e annotado pelo dr. José Maria Rodrigues.

A Faculdade de mathematica na Universidade de Coimbra (1872-1892), pelo dr. Luiz da Costa e Almeida.

Algumas informações sôbre o Observatorio Astronomico da Universidade de Coimbra desde 1872, pelo dr. José Freire de Sousa Pinto.

Observatorio Metereologico e Magnetico da Universidade de Coimbra, por Adriano de Jesus Lopes.

O ensino da chimica na Universidade de Coimbra, pelo dr. Sousa Gomes.

A cadeira de botanica na Universidade, pelo dr. Julio Augusto Henriques.

Noticia sobre o Muzeu zoologico da Universidade de Coimbra, pelo dr. Manuel Paulino de Oliveira.

Additamento á Memoria historica e commemoratica da Faculdade de medicina, pelo dr. Bernardo Antonio Serra Mirabeau.

Noticia da cadeira de histologia e physiologia experimental da Faculdade de medicina de Coimbra, pelo dr. A. A. da Costa Simões.

Curso supplementar de clinica cirurgica, iniciado em 26 de março de 1891, pelo dr. Joaquim Augusto de Sousa Refoios.

Noticia abreviada da Imprensa da Universidade e do seu Monte-pio de beneficencia, por Abilio Augusto da Fonseca Pinto e Joaquim Martins de Carvalho.

Introdução á pedagogia, por Bernardino Machado.

A questão universitaria

Na inauguração do Centro eleitoral de Belem

« O sr. dr. Bernardino Machado, catedratico da Universidade, hontem á tarde, na sessão solene de inauguração do Centro Eleitoral de Belem, protestou contra os processos universitarios, sustentando que, se houve desmandos lastimaveis contra quaesquer lentes, devem ser submetidos aos tribunaes comuns. E, quanto ás reivindicações liberaes da academia, afirmou estar inteiramente com ella, não admitindo que o governo pretenda, como disse o ministro das obras publicas, obrigá-la a voltar á normalidade para só depois lhe fazer justiça, quando o seu dever é, pelo contrario, começar de pronto a dar-lhe a justa satisfação para que ella volte confiadamente aos seus estudos; e declarou categoricamente

que, se em consequencia da sua nobre solidariedade colectiva nas revindicações liberaes — por que elle tem pugnado sempre e que com elle tantos dos seus colégas julgam absolutamente imprescindiveis e urgentes para o progresso do ensino e para as boas relações entre professores e alumnos — algum dos estudantes fôr, como caudilho desse honroso movimento, expulso das aulas por um archaico e falso criterio disciplinar, elle as considerará tambem para si fechadas. »

O Mundo de 26 de março de 1907.

A disciplina *

. . . . . .

. . . . . .

Os reaccionarios acusam-me de ser o promotor de todas as revoltas da mocidade. Serei. Mas, professor, falo aos estudantes como falo aos meus filhos. Na Universidade

* Conferencia no Centro democratico de Lisboa em 31 de março de 1907.

eu digo-lhes sempre: ella deve ser para nós como uma segunda patria; combatamo-nos dentro della, mas sem jámais a ferirmos, e que as nossas lutas internas sejam exclusivamente de idéas, porque só essas são dignas de nós. Disse-o publicamente a primeira vez que me coube proferir a oração chamada de sapiencia, após um anno lectivo de dissensões, em outubro de 1885, já lá vão quasi 22 annos. E tenho-o repetido constantemente, ainda nos mais recentes dias. Porque serei então revolucionario com os rapazes? Ah! é porque, ao mesmo tempo, voltando-me para os professores, eu tenho tambem proclamado sempre: o estudante é um homem e um cidadão livre. E, se quero que elle cumpra todos os seus deveres, quero egualmente que lhe reconheçam todos os seus direitos. Zombeteiam da sua capacidade mental os mesmos que zombeteiam da capacidade mental do povo, a reacção autocratica. E ficam depois indignados, quando os rapazes, como o povo, revindicam tumultuariamente, amotinadamente, as reformas liberaes! Pois é a consequencia lamentavel, mas fatal, dos seus grandes desdens.

Foi o que sucedeu ultimamente na Universidade de Coimbra. Ha quantos annos a mocidade academica faz a campanha das suas liberdades? Não houve momento solene em que as não reclamasse frementemente. E, ha quantos annos, de dentro do proprio magisterio saem vozes, pedindo-as, solicitando-as, instando por ellas? Porque a verdade é esta: libertar o aluno é libertar e dignificar tambem o professor; quanto mais livre o ensino, mais o professor é um eleito do aluno que o segue. A desconfiança do despotismo do professor, por parte do aluno, e a desconfiança da rebelião do aluno, por parte do professor, este antagonismo que os põe em conflito, fazendo com que o aluno vá até á insurreição violenta e o professor apelle para as repressões excessivas, provém do distanciamento em que vivem um do outro, não se conhecendo bem, não podendo portanto deixar de frequentemente se ferir com injustiças mutuas. E porque? porque não querem viver intimamente entre si? Não! porque não podem, porque o regimen das aulas não lhes deixa essa liberdade. E a prova está em que estes conflitos se dão principalmente na

Faculdade de direito, onde ao estudo falta a observação e a pratica, porque a Faculdade não tem sequer, como devia ter, uma banca de consulta para pobres, e onde o numero de alunos por professor é tão exagerado que se torna quasi impossivel a livre troca de idéas entre uns e outros, de modo que o ensino por causa do regimen tem de ser forçosamente automatico, de catechese. Por isso é nella maior que em nenhuma das outras Faculdades o distanciamento entre mestres e discipulos.

Os professores de direito doem-se dos desrespeitos praticados outro dia contra elles por qualquer exaltado do meio dos manifestantes? Tambem a mim me doeram, por uns e por outros. Mas esses professores não ouvem os apódos e doestos que por todo o país entoam recriminativamente á sua Faculdade tantos bachareis formados que della receberam uma carta, que aliás, até por decoro proprio, deviam prezar? Mas não lhes chegaram aos ouvidos, a proposito do actual conflito universitario, as ironias deprimentes que no proprio parlamento atiraram ao seu ensino dois membros das maiorias? Mas não leram no

orgão jornalistico do governo, dito e redito escarninhamente, que, se a Universidade se encerrasse por um anno, não era nenhuma perda nacional? Nada disto os afronta? Só dos agravos dos rapazes se queixam? A ninguem mais processam? Não pode ser! Processem mas é o regimen que, na Universidade como cá fóra, é o grande culpado.

Os agravos que, num momento passageiro d'exaltação mutua, um ou outro estudante cometeu, mas toda a academia, logo reunida em assembléa geral, repudiou, indo dar delles satisfação, castiguem-nos, se não têem grandeza d'alma para os perdoar. Mas castiguem, sujeitando-os ao fôro comum, em conformidade com o codigo penal, que, desde 1885, dispõe sobre a materia, e não ao fôro universitario, que, por falta de garantias para a defesa, desde que deixe de ser paternal, converte-se em inquisitorial. Nem sirva de embaraço o decreto de 1839 sobre disciplina academica, porque outro decreto ou uma lei o deroga. O que seria incrivel é que a Universidade que ensina o direito, o não praticasse. Castiguem, muito embora, se creem mais na eficacia do

rigor do que da bondade. Será triste que nada desculpe aos rapazes, aos pequenos, a mesma Faculdade que tudo desculpou ao antigo ditador, violador dos seus direitos, ao chefe do franquismo e actual chefe do governo, ao ponto de lhe dar dois dos seus deputados da maioria. Mas que fazer? O que não admitiremos, é que se deturpe o acto admiravel de solidariedade da academia, acoimando alguns dos seus membros de principaes autores de injurias aos lentes. Injurias, se as houve, foram individuaes; rapazes não se concertam para injuriar ninguem. Caudilhos, se os houve, foram do nobre movimento de emancipação dos estudos universitarios. E eu, que sempre a tenho propugnado, escusado é afiançar que, no momento em que, por essa causa, os estudantes correm perigo, estou com elles, repetindo aqui o que disse já no Centro Republicano de Belem: se em algum delles, como cabeça do movimento de reformas liberaes, fôr punido, por um obsoleto criterio disciplinar, precisamente o que esse movimento tem de bello e consolador, a sua unanimidade, emquanto para elle se não abrirem as portas da

Universidade, estarão tambem para mim fechadas.

. . . . . .

. . . . . .

Oficio do reitor da Universidade

ILL.mo E EX.mo SNR.

Queira V. Ex.ª declarar-me com urgencia se é ou não verdade ter V. Ex.ª proferido publicamente na sessão solemne de 25 do corrente do Centro republicano escolar de Belem as expressões que lhe são attribuidas no jornal « O Seculo » n.º 9:071 de 26 d'este mez, nos termos seguintes:

« Apreciando de um modo geral a corrente democratica e liberal que se apoderou de todos os espiritos, o illustre cathedratico refere-se aos acontecimentos de Coimbra, dizendo que elles se filiam na ancia ardente de reforma que se assignala nas modernas gerações. Não insinúa nem aconselha os estudantes da Universidade a seguirem uma vereda limitada por ideaes politicos, elles procederão com espirito criterioso e a noção de justiça. Tem-nos tratado mais como

filhos do que como discipulos, merecem-lhe a sua sympathia e nunca a regateará. Estabeleceu-se uma situação anormal na cidade universitaria; se houve attentados e conflictos pessoaes, se individualmente alguns lentes foram attingidos, os estudantes arguidos de delictos devem ser entregues unica e exclusivamente aos tribunaes communs. Como republicano e como professor, exclama o sr. Dr. Bernardino Machado, eu lhes darei o meu apoio *.

« Esperam os estudantes da velha Universidade as resoluções do tribunal escolar. Não se sabe como terminará o conflicto. Todavia o orador declara que os academicos devem manter-se solidarios na sua causa. Se alguns alumnos, em virtude dos acontecimentos, fôrem expulsos da Universidade, devem unir-se todos no mesmo movimento de protesto.

« Se aquellas portas se fecharem para qualquer estudante, eu considero-as tambem fechadas para mim! exclama entre calorosos applausos o illustre cathedratico. Devemos

* Nota do autor: Decerto por lapso de reportagem, esta frase, que teria de vir no fim do periodo seguinte, appareceu no fim deste.

estar com os moços, porque mais para elles do que para ninguem é a tarefa que emprehendemos e o resultado dos esforços que todos empregamos. Devemos ter fé que para nós será tambem um quinhão, mas para elles a maior parte do bem que todos ambicionamos ».

Deus guarde a V. Ex.ª. Paço das Escholas, em 30 de Março de 1907.

Ill.mo e Ex.mo Sr. Conselheiro Doutor Bernardino Luis Machado Guimarães, Lente Cathedratico da Faculdade de Philosophia.

O Reitor,

Dr. Antonio dos Santos Viégas.

Resposta

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Surprehendeu-me o oficio de V. Ex.ª. Então eu preciso ainda de dar provas da minha cordialidade para com todos, grandes ou pequenos, mestres ou discipulos? E é V. Ex.ª que ma põe em duvida, V. Ex.ª que, num lance critico da sua vida universitaria, quasi só com a minha consi-

deração publica se encontrou! Tenho bem o direito de lho recordar, não por mim, mas por V. Ex.ª.

Comprehendia-se que V. Ex.ª, apesar de todo o meu claro passado, levasse o zelo da sua estima pelo meu bom nome ao ponto de chamar a minha atenção para quaesquer palavras destoantes que algum jornal me atribuisse. Era dum colega e dum reitor. Mas intimar-me a dar-lhe explicações por ellas! V. Ex.ª não pensou de certo que se dirigia ao

Lisboa, 1-4-907.

De V. Ex.ª
Sempre att.º e vn.or

Bernardino Machado.

Carta ao "Mundo"

SENHOR REDACTOR!

. . . . . .

No mesmo numero do referido jornal do governo * diz-se tambem que fiz conferen-

* O *Diario Illustrado.*

cias com os estudantes de Coimbra, quando rebentou o conflito universitario; que, quando tudo ia voltando á normalidade, lancei pelo meu discurso de Belem nova agitação nos espiritos; e que dei indirectamente, no jornal *O Mundo,* ao reitor da Universidade as explicações que directamente não lhe quiz dar, em resposta ao seu oficio. Nada disto é exacto. Não tive conferencias com estudantes; mas á comissão dos meus discipulos, na aula, e aos outros estudantes que foram a minha casa, chamados por mim, dei, como costumo, os conselhos de cordura que dou sempre, porque me julgo obrigado para com elles a essa acção educativa. Depois, conservei-me silencioso, esperando por uma solução equitativa do conflito. E, só quando vi que alguns estudantes estavam ameaçados de ser punidos, não por injurias individuaes aos lentes, mas sob a acusação de serem os instigadores dessas injurias, como se a academia se tivesse concertado para as cometer, deturpando-se assim o sentido moral da solidariedade academica, que, determinada por um impulso generoso de camaradagem, logo se elevou a toda a altura duma nobre

reivindicação de reformas liberaes e portanto de progresso do ensino, só então é que em Belem, sem deixar ainda nessa occasião de censurar expressamente quaesquer desacatos que porventura tivesse havido, eu declarei que, se tão injustas condenações se consumassem, e algum estudante fôsse, por esse motivo, expulso, as portas da Universidade, ao fecharem-se para elle, se fechariam tambem para mim. Finalmente, nada escrevi no *Mundo* sobre o caso; mas, se o tivesse feito, as explicações que do meu discurso de Belem désse pela imprensa para restabelecer a verdade dos factos, era ao publico que eu as dava e não ao governo, nem ao reitor, seu delegado.

Agradecendo-lhe a fineza da publicação desta carta, tenho a honra de me subscrever

S. C. 4-4-907.

Seu am.º
m.to ded.º e grato,

Bernardino Machado.

Carta aos estudantes

MEUS AMIGOS!

Estou sempre no meu posto, em defesa da Universidade, e tanto dos seus discipulos como dos seus mestres.

Quando o actual presidente do conselho, ministro do reino então como agora, preteriu os direitos do lente Alves Moreira, da Faculdade de Direito, fui eu que instei por que a Universidade, em claustro pleno, verberasse semelhante atentado, e só eu tirei delle mais tarde desforço por todo o corpo docente, opondo-lhe o meu protesto solene na sala dos capelos. Assim tenho testemunhado em todos os lances a minha fiel camaradagem aos meus colégas. Uma ocasião, para defender dois delles aleivosamente acusados, cheguei a arriscar a simpatia da população de Coimbra para comigo e a ver voltados contra mim mesmo varios outros colegas. Mas defendi-os atravez de tudo e de todos até se provar por completo a sua inocencia.

Na sessão de abertura das aulas em que, pela segunda vez, proferi a oração chamada de sapiencia, as novas doutrinas que sustentei, foram oficialmente contestadas pelo vice-reitor. A sua apologia da ditadura irritou muita gente, sobretudo, é claro, no partido republicano. Pois escrevi aos jornalistas meus correligionarios para que, combatendo-o, não confundissem com elle a Universidade, onde, dia a dia, apesar de todos os factos em contrario, a corrente liberal engrossa irresistivelmente.

Mas, se pugno pela justiça a todos, professores e alunos, e pela honra e decóro da Universidade, não ha duvida que aos estudantes devo uma defesa paternal, a que estou comprometido pela propria acção educativa que procuro sempre exercer sobre elles, aconselhando-os, ralhando-lhes, e, permitam-me elles dizê-lo, mesmo castigando-os.

Ainda agora, ao rebentar deste conflito, áquelles com quem pude falar, eu aconselhei a não deixarem nenhum dos seus companheiros desacatar nem a Universidade nem os seus mestres. Não ha muito, os increpei por haverem dirigido ao reitor um

requerimento cruel precisamente contra o lente vice-reitor que impugnara tão acerbamente a minha oração inaugural. E estou sempre a recomendar-lhes que se preservem das intemperanças de linguagem. Por causa de que referencias inflamadas e irreverentes demais imaginarão os monarchicos que eu, revolucionario, como elles apregoam, incitador de revoltas, como hontem me chamou o presidente do conselho, obstei a que fosse reproduzido na integra pela imprensa do meu partido um manifesto academico contra a expulsão parlamentar dos deputados republicanos?...

Por isso, se, como disse, tenho a obrigação, tenho tambem o direito e talvez a autoridade para intervir pelos estudantes junto dos professores e dos poderes publicos, quando elles são injustamente tratados.

Fi-lo, estando o processo do actual conflito universitario pendente do conselho de decanos, logo que os oficios da reitoria a alguns estudantes me inspiraram receio de desmedidos rigores. Protestei contra a confusão da solidariedade de todos no movimento de reforma com a cum-

plicidade colectiva nos desmandos individuaes dum ou doutro, pondo mesmo na balança o peso, embora diminuto, dos meus serviços. Infelizmente nada consegui: o conselho de decanos levou ao cabo o seu deploravel proposito, condenando sete estudantes á expulsão como cabeças de motim.

Sem desnaturar a questão, eu tenho portanto agora de reclamar do governo que a resolva.

Em 1902, fez a academia na sala dos capêlos uma manifestação tumultuaria de hostilidade ao bispo do Porto e aos membros do corpo docente que lhe eram mais adictos. Fechou-se a Universidade. E, ao apurarem-se as responsabilidades, todos os estudantes se declararam solidarios na manifestação, não porque não venerassem naquelle prelado o missionario Barroso, apostolo da civilização e padre patriota, mas porque não podiam tolerar que se pretendesse, festejando-o então, consagrar na Universidade a reacção, de que elle acabava de ser o porta-estandarte, ao levar ao paço a mensagem dos bispos em favor das ordens

religiosas *. Como foi que, dessa vez, se castigaram os manifestantes? Publicando no decreto de reabertura das aulas uma admoestação a toda a academia.

No caso presente, os desacatos, se os houve, foram exclusivamente individuaes; e não só a academia não foi solidaria nelles, mas repudiou-os formalmente em assembléa geral, de modo que bem se pode dizer que os seus autores ficaram logo punidos. Apesar disso, inventaram-se instigadores desses excessos para se expulsarem da Universidade por um e dois annos. Não pode ser!

Não quero fazer desta questão uma questão politica, muito menos no sentido irritante da palavra. O governo, proclamando que não se derogará a sentença do conselho de decanos, é que a está fazendo, porque torna necessaria para a solução della a sua queda.

Não teime! Seja logico comsigo. Ha pouco ainda aconselhou ao poder modera-

* Já então o autor, á frente da Associação liberal de Coimbra, a que presidia, se puzera egualmente ao lado da academia.

dor a comutação da pena d'expulsão dum aluno que o conselho de decanos condenara tambem por agravos aos seus lentes, em oito dias de reclusão na cadeia academica. Mais obrigado está moralmente agora a submeter o processo á revisão do conselho superior d'instrução publica; e, se não houver meio d'anular a sentença, recomende egual comutação de pena. E, meus amigos, levem então a sua solidariedade ao ponto de pagaram uns pelos outros.

Liquidados sem rigores odientos os desmandos individuaes dos estudantes, que resta para se restabelecer a normalidade das aulas e, com ella, as relações entre mestres e discipulos? Que vão trabalhar juntos, até na reforma do ensino e da disciplina, na propria Universidade. Nomeie ella para este fim uma comissão de lentes, com a clausula d'ouvirem um estudante delegado eleito pela academia em cada Faculdade. E assim tudo reserenará, creio.

Senão, á violencia legal do poder responda a academia com a resistencia legal. Não vá ninguem ás aulas. E' o seu direito.

O ensino superior não é, nem pode ser obrigatorio. Refere o grande professor da Faculdade de Direito, Coelho da Rocha, citando a chronica dos godos, que elles « tinham tal ciume pela liberdade, que não aprovavam que se dessem mestres aos principes, com receio de que o medo e o respeito lhes fizesse perder a coragem. » Penso tambem que, á custa da sua independencia e dignidade, nenhum rapaz deve cursar uma aula. Ou ensino liberal do nosso tempo, ou antes nenhum. Se haviam só mais tarde de servir a nação, começarão desde já a prestar-lhe o seu contingente, trabalhando, dando lições com o que já sabem, e sobretudo sacrificando-se nobremente para fazer della uma nação d'homens livres.

E, animo! que hão de vencer na sua generosa campanha. Os nossos adversarios, alarmados, gritam que a sua agitação pelas legitimas revindicações é obra dum partido, dum homem. Como se enganam tão cegamente! E' a obra de forças bem mais potentes. E' a sociedade portuguêsa que avança. Contem, pois, com o seu firme apoio.

Mando-lhes essa copia de parte duma carta que hontem recebi dum dos nossos bons parocos.

« Sr... Pelo relato dos jornaes é-me tão simpatica a atitude de V. nos acontecimentos de Coimbra, que, vendo-o... colocar-se na defesa dos bons principios em beneficio dos pequenos, os estudantes, não posso conter o meu aplauso sincero nem esconder a V. a melhor parte dos afectos do meu coração agradecido. Não tenho em Coimbra estudantes de familia, tenho apenas dois filhos do meu amigo dr. F., que foram meus comensaes. Interpretando, pois, os sentimentos desses dois amigos, venho por mim e por elles testemunhar a V. a minha admiração e o mais subido reconhecimento. De V. O abade F. 3-4-907. »

Eis o que se ganha em defender uma causa justa. E, como vêem, meus amigos, nesta nossa solidariedade eu é que sou já

Lisboa, 7-4-907.

Seu devedor muito obrigado,

Bernardino Machado.

Oficio de exoneração

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Tenho a honra d'apresentar a V. Ex.ª a minha exoneração de lente catedratico da Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra.

Deus guarde a V. Ex.ª, Ill.mo Ex.mo Sr. Reitor da Universidade de Coimbra.

Coimbra, 16 de abril de 1907.

Bernardino Luis Machado Guimarães.

Já depois de ter resolvido exonerar-me, sobrestive na remessa deste oficio até me inteirar de que, contrariamente ao que se propalava, nenhum processo academico fôra instaurado contra mim.

A questão academica *

E' preciso lembrar o principio desta questão, diz-nos o dr. Bernardino Machado.

* Entrevista com Mayer Garção, do *Mundo*, em 6 de junho de 1907.

Sete estudantes foram victimas duma sentença injusta ditada pelo mais descaroavel despotismo. No seu julgamento preteriram-se todos os direitos de defesa, não se lhes articulando sequer expressamente, para elles poderem justificar-se, os factos da acusação. Isto numa Universidade onde ha uma Faculdade de direito, isto num processo judicial organizado por uma Faculdade de direito! E assim se condenaram, como chefes de desacatos contra alguns lentes, estudantes que tenho a certeza de que só num momento de exaltação os cometeriam, e que eram inteiramente incapazes de os planear e dirigir. Dum delles sei eu que nem estava na Universidade durante os disturbios. Poderá testemunhá-lo um dos proprios lentes que se diz haverem sido desacatados pela academia. Pois o acordam do conselho dos decanos afirma que elle lá esteve, e expulsa-o por dois annos!

Que devia fazer a academia perante tamanha injustiça? Protestar. Foi o que fez quasi unanimemente. Que devia fazer o governo? Promover a revisão da sentença para a causa ser de novo julgada com todas as garantias de justiça. Confir-

mar-se-hia ou não o acordam dos decanos, conforme fôsse justo. E todos ficavam satisfeitos. Em vez de o fazer, o governo manteve encarniçadamente a sentença, usando para isso das armas ainda mais defesas, da intimidação, do suborno, da intriga e da calunia, armas defesas sobretudo contra rapazes, contra o seu animo generoso, contra a sua cordialidade, que para todos deve ser sagrada. Nem quando elles façam o mal, os havemos de humilhar; mas, quando elles cumprem nobremente as suas obrigações de camaradagem, abatê-los é um crime.

Porque procedeu com tão aleivosa parcialidade o governo? Seria elle o incitador da sentença?

O despotismo no governo da escola prepara e assegura o despotismo no governo da nação. E ambas estas formas do despotismo tem perpretado entre nós a monarchia nos ultimos tempos, de ambas tem tido por principal executor o actual presidente do conselho de ministros. De 1894 a 1897, o governo do engrandecimento do poder real centralizou o ensino primario, monopolizou o ensino secundario, e desferiu os

seus primeiros golpes na independencia do ensino superior, demitindo o secretario da Universidade, Cerqueira Coimbra, e suspendendo a promoção a catedratico do lente Alves Moreira. Eis a obra que o chefe do governo pretende agora levar a cabo. Conscientemente, deliberadamente? Não o penso. Cegamente, arrastado impulsivamente pelo seu temperamento despotico.

A sua acção na Universidade denuncia-se pela sua acção na politica, e reciprocamente. São paralélas.

A concentração chamada liberal foi, antes de mais nada, a concentração de franquistas com progressistas na Universidade, e principalmente na Faculdade de direito. Com esse bloco de professores que, esquecidos tambem dos agravos do antigo ditador á sua magistratura social, se lhe entregaram, implantou elle na Universidade o seu governo, como, com o outro bloco dos pares do reino e dos deputados concentrados, lançou as garras no governo da nação. E, dentro em pouco, se uns lhe fizeram actos de submissão, expulsando do parlamento os deputados republicanos, egualmente os outros se lhe submeteram,

expulsando da Universidade os estudantes republicanos. Foi, sujeitando-os ao mesmo desaire, que elle exautorou todos os poderes constituidos, tanto politicos como educativos. Depois veiu o encerramento da Universidade e o encerramento do parlamento. Depois a dissolução do parlamento e, podemos infelizmente acrescentar, a dissolução da Universidade, que deixou de existir de facto como corporação, desde que o governo separou o professor dos alunos e até os alunos entre si, servindo-se para essa dissolução, como para a outra, do rei, senão do rei directamente, dum delegado pessoal do rei. Por isso toda esta obra dissolvente, a nação a imputa á suprema responsabilidade do chefe do estado, ao regimen. E sobre esta dissolução impoz finalmente o governo, com o maior despejo, a sua ditadura de suborno tanto das escolas como da nação. Em suma, o autor dum despotismo é incontestavelmente tambem o autor do outro.

Poderemos contar com os dois antigos partidos monarchicos na luta contra a ditadura docente? Muito menos do que na luta contra a ditadura politica. Os

regeneradores não a combatem, e os progressistas colaboram nella, sem verem que a sua cumplicidade na ditadura docente, enfraquecendo-os moralmente, dá alentos ao governo para, como elle diz, ir para a frente na ditadura politica. Os telegramas em que diariamente o actual reitor da Universidade, caudilho do progressismo, anuncia ao ditador — « Victoria! Matricularam-se mais tantos estudantes! » — são para todos, mas principalmente para o partido progressista, anuncios de derrota.

A nação hoje, para a defesa das suas franquias, sejam quaes forem, só póde contar confiadamente com a força do partido republicano, que todas ellas revindica sem treguas, mas sem nenhum espirito de facção, cada vez mais intimamente identificado com a alma livre da nação inteira. Assim temos feito a nossa campanha na questão academica, assim a proseguiremos.

Cumpre-nos neste lance proclamar bem alto que o decreto com que o governo mandou encerrar matricula nos estabelecimentos d'ensino superior, é, como todos os seus decretos ditatoriaes, ilegal, e, como tal, irrito e nullo. Não obriga a ninguem,

os professores não o devem executar; nem confere direitos a ninguem, os estudantes devem desprezá-lo. Vai nisso a hombridade de todos.

Haverá perante a ditadura mais valor nos negociantes e nos caixeiros do que nos professores e nos estudantes? Mal de nós, que já não temos bons governantes, se ficarmos tambem sem bons professores! Mal de nós, quando os dirigentes de hoje são já tão maus, se os de amanhã não forem melhores! Mas não, não pode ser! Aos professores direi: sejam mais que nunca, neste momento critico, os educadores da nação. E aos estudantes: entrem dignamente na vida, não a maculem para sempre com a ignominia da sua mocidade. Olhem que os primeiros a lançarem-lhes mais tarde em rosto o seu passado, são os que hoje tentam, por todos os meios, suborná-los. Para que continuem a poluir-se. A tirania é insaciavel. Depois das primeiras conivencias do magisterio superior, que lhe disse ella? que elle não cumprira ainda cabalmente o seu dever e por cobardia moral não tinha até então chamado de todo os estudantes á ordem. E o magisterio encorajou-se, e

os estudantes têem sido chamados á ordem. Todos os dias os jornaes do governo dão noticia dos alunos matriculados, como quem dá noticia dos mortos numa batalha. Pobres estudantes! Pobres professores! A tirania hade tratá-los tão impiedosamente como ella tratou o reitor que presidiu á sentença do conselho de decanos!

INDICE

	Pag.
O marquês de Pombal	7
Museu d'historia natural	35
Carta d'habilitação	37
Classificação dos alunos	41
Explorações mineralogicas, botanicas e zoologicas	43
Creação do ensino d'anthropologia	45
Naturalistas ajudantes	51
Professores de desenho	53
Guarda de fisica	55
A disciplina academica	57
Fusão das Faculdades de matematica e de filosofia	69
Extensão universitaria	75
Abolição do juramento	83
A Universidade e a Nação	85
Dr. Joaquim Augusto Simões de Carvalho	119
Dr. Francisco Antonio Rodrigues d'Azevedo	125
Dr. Damasio Jacintho Fragoso	127
Dr. Julio Cesar de Sande Sacadura Botte	129
Dr. Angusto Rocha	131
Dr. Bernardo Antonio Serra de Mirabeau	137
Dr. Pedro Augusto Monteiro Castello Branco	141
Dr. Antonio Augusto da Costa Simões	143
Dr. Alfredo Filgueiras da Rocha Peixoto	147

	Pag.
Dr. Joaquim Augusto de Sousa Refoios . . .	151
Dr. Antonio Henriques da Silva	153
João Rodrigues Vieira	157
Dr. Francisco Antonio Diniz	159
O licenciado Alberto Pessoa	161
Dr. João Jacintho da Silva Corrêa	163
Anthero de Quental	169
João Penha	177
Saraus do Instituto	185
Recepção aos novatos	193
A Academia de Coimbra	199
A Estudantina de Santiago de Compostella . .	227
A Estudantina de Valladolid	237
Conferencias de pedagogia	241
Congresso pedagogico hispano-português-americano	299
A questão universitaria	301

OUTRAS OBRAS DO MESMO AUTOR

As creanças. Notas dum pae, 1 vol., 2.ª edição, 1904.
O ensino, 1 vol., 1898.
O ensino primário e secundário, 1 vol., 1899.
O ensino profissional, 1 vol., 1900.
A industria, 1 vol., 1898.
A agricultura, 1 vol., 1900.
Os meios de comunicação e o comercio, 1 vol., (em via de publicação).
Homenagens, 1 vol., 1903.
Da monarchia para a republica, 1 vol. 1905.
Pela Republica, 1 vol., 1908.

60984 81800